

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
CENTRO DE ARTES
MESTRADO EM ARTES**

BRUNA GOMES AFONSO

**MUSEU EM MOVIMENTO: O MUSEU CAPIXABA DO NEGRO “VERÔNICA
DA PAS” (MUCANE) - ATIVISMO, ACERVO E ATIVIDADES**

Área de Concentração: Arte e Cultura

Linha de Pesquisa: Teoria e Processos Artísticos Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Renata Gomes Cardoso

**VITÓRIA
2022**

BRUNA GOMES AFONSO

**MUSEU EM MOVIMENTO: O MUSEU CAPIXABA DO NEGRO “VERÔNICA
DA PAS” (MUCANE) - ATIVISMO, ACERVO E ATIVIDADES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção de título de Mestre em Artes, na área de concentração Arte e Cultura, linha de pesquisa Teoria e Processos Artísticos Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Renata Gomes Cardoso

VITÓRIA

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

G633 m Gomes Afonso, Bruna, 1990-
Museu em movimento: O Museu Capixaba do Negro
“Verônica Da Pas” (Mucane) - Ativismo, acervo e atividades /
Bruna Gomes Afonso. - 2022.
167 f. : il.

Orientadora: Renata Gomes Cardoso.
Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane). 2. Movimento Negro Capixaba. 3. Exposições. 4. Acervo. 5. Atividades. 6. Museologia. I. Gomes Cardoso, Renata. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 7

BRUNA GOMES AFONSO

**MUSEU EM MOVIMENTO: O MUSEU CAPIXABA DO NEGRO “VERÔNICA
DA PAS” (MUCANE) - ATIVISMO, ACERVO E ATIVIDADES**

COMISSÃO EXAMINADORA

Aprovada em 28 de novembro de 2022.

**Prof.^a Dr.^a Renata Gomes Cardoso
(orientadora/presidente da banca)
Programa de Pós-Graduação em Artes
Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES)**

**Prof.^a Dr.^a Aissa Afonso Guimarães
(membro interno)
Programa de Pós-Graduação em Artes
Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES)**

**Prof.^a Dr.^a Inês Cordeiro Gouveia (membro
externo)
Instituto de Estudos Brasileiros
Universidade de São Paulo (USP)**

À luta da população afro-capixaba contra o racismo e daqueles que constituem a história do Mucane, às memórias dos ancestrais, ao cumprimento das políticas públicas para o Mucane.

Aos meus avós que se tornaram saudade durante o processo de pesquisa e ao apoio da minha mãe, pai, “meu bem”, família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane) por apoiarem e acreditarem nesta pesquisa. À todos àqueles que ajudam a manter em funcionamento o museu, com alguns agradecimento especiais à: Thais Souto Amorim, Karenn Amorim, Franquilandia Raft, Laudeni Martins, Jordan Fernandes, Elidio Netto, Juan Gonçalves, Rebeca Ribeiro, Kika Carvalho, Ariane Meireles, Aissa Afonso Guimarães, Maicom Souza e Silva, Jocelino Junior, Suely Bispo, Gustavo Forde, Edileuza Penha de Souza, Zuilton Ferreira, Renato Santos, Miriam Cardoso, Léo de Paula, Vanda de Souza Vieira, Nelma Monteiro, Irineu Ribeiro, João (biblioteca), Nataly Volcati e Jaíne Muniz. Que gentilmente me auxiliaram durante o processo de pesquisa documental.

Agradeço aos meus pais, minha madrinha, aos amigos e ao meu namorado que me ajudaram e acompanharam neste processo e todos aqueles que de alguma maneira se fizeram presentes. Agradecimentos especiais a Ana Luiza, Anne, Gabriel, Andrio e Gustavo por ajudarem a manter a saúde mental durante o período de isolamento social. À Elizabeth Costa (Lisa), Renan Grisoni e Lorrane Campos pelas leituras e discussões sobre a pesquisa.

Realizo um agradecimento especial à minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Renata Gomes Cardoso, por acolher este trabalho e me auxiliar no caminho da pesquisa. À Prof.^a Dr.^a Aissa Afonso Guimarães pela oportunidade de acompanhar sua disciplina de Patrimônio afro-brasileiro – Culturas étnicas populares no decorrer do estágio docente e por aceitar compor a banca de defesa. À Prof.^a Dr.^a Inês Cordeiro Gouveia pela suas aulas na disciplina Patrimônio Cultural, Movimentos e Lutas Sociais (IEB-USP) e por aceitar compor a banca de defesa. À Prof.^a Dr.^a Marta Jardim pela oportunidade de monitoria na sua disciplina de Artes das Áfricas (UNIFESP), por seu uma das minhas referências nos estudos africanos e pelo auxílio e conversas constantes sobre a pesquisa.

Ao Fundo de Apoio à Ciência e Tecnologia (Facitec) da Companhia de Desenvolvimento, Turismo e Inovação de Vitória (CDTIV), por conceder uma de suas bolsas de incentivo durante parte da pesquisa para a realização deste trabalho, e ao Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, pelo amparo, apoio e luta em manter-se firme em meio a tantos retrocessos que nosso país vem sofrendo.

RESUMO

O presente trabalho se associa aos estudos histórico-artísticos e culturais, materiais e imateriais, sobre os negros no Brasil, sobretudo no contexto regional da Grande Vitória, no Espírito Santo. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento das exposições e das atividades realizadas no Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane), a partir da reinauguração de 2012, bem como da constituição de seu acervo ao longo de sua trajetória. O museu foi fundado em 1993 e está localizado em Vitória (ES). Com este enfoque, a pesquisa teve como objetivo uma análise da formação e situação atual do museu, através da realização de entrevistas, conversas e pesquisa de campo, bem como análises de fontes primárias e secundárias. Os resultados apresentados constituem um esforço de organizar os dados sobre o Mucane, entendendo-os também em uma configuração de museus no país.

Palavras-chave: Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane). Movimento Negro Capixaba. Exposições. Acervo. Atividades. Museologia.

ABSTRACT

The present work is associated with historical-artistic and cultural material and immaterial studies on blacks in Brazil, especially in the regional context of Vitória, in Espírito Santo. The research was developed from a survey of the exhibitions and activities carried out at the Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane), from the reopening of 2012, as well as the constitution of its collection throughout its trajectory. The museum was founded in 1993 and is located in Vitória (ES). With this approach, the research aimed to analyze the formation and current situation of the museum, through interviews, conversations and field research, as well as analysis of primary and secondary sources. The results presented constitute an effort to organize the data on Mucane, also understanding them in a configuration of museums in the country.

Keywords: Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane). Black Movement Capixaba. Exhibitions. Collection. Activities. Museology.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Mapa da mobilização racial no Brasil dos anos 30 aos anos 80 por Luiz Cláudio Barcelos. 26
- Figura 2:** Modesto y Brocos. A redenção de Cã, 1895. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. 39
- Figura 3:** Imagem do Decreto 3.527 de 1993 que institui a criação do Mucane. Crédito: Blog Museu Capixaba do Negro, 2010. 48
- Figura 4:** Mural de alunos do Curso Pré-Vestibular. Mucane, 1995. Crédito: Acervo pessoal de Felipe Scardua doado ao Mucane em data desconhecida. 54
- Figura 5:** Mural de alunos ao lado de mural de atividades. Mucane, 1995. Crédito: Acervo pessoal de Felipe Scardua doado ao Mucane em data desconhecida. 54
- Figura 6:** Mural de atividades com cartazes. Mucane, 1995. Crédito: Acervo pessoal de Felipe Scardua doado ao Mucane em data desconhecida. 55
- Figura 7:** Vista do pátio interno e prédio nas obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza. 64
- Figura 8:** Imagem da construção do anexo do Mucane. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza 64
- Figura 9:** Vista interna do prédio nas obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza. 65
- Figura 10:** Vista externa do prédio nas obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza. 65
- Figura 11:** Visita da Ministra Luiza Bairros às obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Na fotografia constam: Vanda Vieira de Souza, Luiza Bairros, João Coser (prefeito na época), entre outros. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza. 66
- Figura 12:** Molduras emprestadas à exposição para a exposição no Mucane no momento da montagem na Biblioteca Joaquim Beato, 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 78
- Figura 13:** Molduras emprestadas à exposição para a exposição no Mucane no momento da montagem na Biblioteca Joaquim Beato, 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 79
- Figura 14:** Vanda Vieira de Souza, Bruna Gomes Afonso, Jaiara Dias Soares e Nataly Volcati na mesa de debate “A contribuição do Mucane para a luta antirracista na cidade de Vitória e no Espírito Santo”. Crédito: Instagram do Mucane. 80
- Figura 15:** Vanda Vieira de Souza, Wellington Barros e Suely Bispo na mesa de debate “A contribuição do Mucane para a luta antirracista na cidade de Vitória e no Espírito Santo”. Crédito: Instagram do Mucane. 80
- Figura 16:** Fotografia de post feito no Instagram do Mucane em 2022. Crédito: Instagram do Mucane. 81
- Figura 17:** Detalhe da expografia sobre Verônica da Pas na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 82

- Figura 18:** Detalhe da expografia sobre a história do Mucane na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 82
- Figura 19:** Detalhe da expografia apresentando o catálogo 500 ANOS DE RESISTÊNCIA DO POVO BRASILEIRO, o calendário de 2002 e a Revista Mucane, na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 83
- Figura 20:** Detalhe da expografia apresentando as personalidades negras retratadas na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 84
- Figura 21:** Detalhe da expografia apresentando as personalidades negras retratadas na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 84
- Figura 22:** Registro da exposição Black is Beautiful, de Dejair de Paulo, realizada no Mucane entre 2021 e 2022. Crédito: Acervo pessoal - Pesquisa 2020-22. 85
- Figura 23:** Registro da exposição Orisas, de Sagaz, realizada no Mucane em 2022. Crédito: Acervo pessoal - Pesquisa 2020-22. 86
- Figura 24:** Registro da exposição "Paciência de Pescador", de Rafael Segatto. Crédito: André Sobral / PMV. 86
- Figura 25:** Reserva Técnica do Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas", 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 89
- Figura 26:** Vista panorâmica da Reserva Técnica do Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas", 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 91
- Figura 27:** Obras do acervo embaladas em envelopes e papel pardo. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 91
- Figura 28:** Etiquetas de identificação das obras do acervo do Mucane. Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 92
- Figura 29:** Registro em imagem do documento de acervo do Mucane de fotografias das Paneleiras de Claudio Zardini. Créditos: Mucane. 92
- Figura 30:** Registro em imagem do documento de acervo do Mucane de fotografias sobre o Balduíno, El Africano. Créditos: Mucane. 93
- Figura 31:** Máscaras dispostas na sala 1. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 94
- Figura 32:** Detalhe de máscaras dispostas na sala 1. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 94
- Figura 33:** Encarte da exposição Reinos, Escudos e Máscaras, realizada no Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 95
- Figura 34:** Encarte da exposição Reinos, Escudos e Máscaras, realizada no Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 95
- Figura 35:** Zuilton Ferreira. Tambor Mestre, 1995. Tambor: 66 cm x 200 cm; Suporte de ferro: 80 cm x 200 cm. Instrumentos musicais produzidos de forma artesanal – Objetos em cerâmica, madeira, metal e couro. Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas". Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 96
- Figura 36:** Zuilton Ferreira, Mariana Barroso. Paneleira. 2011. Escultura Terracota. 88cm x 60cm x 90cm. Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas". Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 96
- Figura 37:** Irineu Ribeiro, São Benedito com o Menino Jesus. 2015. Escultura em papel machê policromado, com estrutura em ferro e vestimentas a caráter. 207 x 88 x 51 cm Andor: 51x51 cm. Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas". Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22. 97

Figura 38: Registro da Plenária de Recriação do MNU-ES em 2012 com Suely Bispo, coordenadora do museu em 201, integrantes do MNU nacional Raimundo Bujão, Marcelo Dias e Geílson Rodrigues e do MNU-ES, Olindina Serafim, Valdeni Andrelino , Moacir Alves Rodrigues , Eliezer de Albuquerque Tavares , Fátima Tolentino da Silva , Jorge da Silva Lisboa , Luiz Inácio da Silva Rocha , Rosilene Sá , Priscilla Matias Martins e Vanda de Souza Vieira. Créditos: Blog mnurio 107

Figura 39: Mercedes aparece mais à direita na foto, acima da pessoa ao centro, de lenço na cabeça. Imagem feita no terreiro de Joãozinho da Goméia (1914-1971), em Duque de Caxias, 04/12/1956, Madalena (foto), Arquivo Público do Estado de São Paulo. Crédito: Fernando Ferraz. 109

Figura 40: Repertório Lenira Borges. Coreografia de Mercedes Baptista e Raymundo Netto. Arquivo Público. Crédito: Sarita Faustino dos Santos. 110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Levantamento de exposições realizadas no Museu Capixaba do Negro de 1993 até 2012, feita ao longo da pesquisa. 58

Tabela 3: Organização dos dados do acervo por ano de exposição. 89

Tabela 2: Levantamento de exposições realizadas no Museu Capixaba do Negro de 2012 à 2022 125

Tabela 4: Levantamento de atividades realizadas no Museu Capixaba do Negro a partir de 2012. 129

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Cap. 1. Resistências negras e a consolidação de museus	23
1.1 Movimentos negros no Brasil	24
1.2 Movimentos negros no Espírito Santo	33
1.3 O contexto da formação da Arte Afro-brasileira, das Coleções e Museus Afro-brasileiros	38
Cap. 2. Caminhos e constituição do Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”	51
2.1 Perspectivas entre a criação (1993) e a reabertura (2012) do Mucane	51
2.2 Exposições do Mucane: levantamento e análise de dados sobre as exposições realizadas no Mucane desde 2012	69
2.3 Acervo: levantamento e análise de dados sobre o acervo do Mucane	87
Cap. 3. Outras vocações do museu: as oficinas, apresentações e eventos diversos no Mucane	101
3.1 Atividades em perspectivas: análise de dados de atividades realizadas no Mucane	102
3.2 O balé de pé no chão capixaba: o contexto de formação e o desenvolvimento da Dança Afro no Espírito Santo	107
3.3 A dança afro no Mucane	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS	125
Entrevistas/conversas	158

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo uma análise sobre o Museu Capixaba do Negro - Verônica da Pas (Mucane), para compreender, através de seu acervo, atividades e exposições, realizadas entre 1993 e 2022, a constituição do museu e suas características no processo que o conecta à cidade e a região. Nesta abordagem, são consideradas as escolhas, relações e formas de organização que o museu vem desenhando ao longo de sua trajetória de 29 anos¹, em relação à cultura e a mobilização de negras e negros capixabas nas mais diversas formas. Para tanto, consideremos os objetivos do Mucane descritos no decreto de sua criação, a seguir:

“(...) identificação, estudo, conservação, documentação, exposição e ação socioeducativa contribuindo para que o Museu Capixaba do Negro seja uma instituição contemporânea em que o negro seja capaz de se reconhecer hoje”. (LOCATELLI, 2013, p. 72)

Segundo Fernanda de Castro Barbosa (2015, p. 57), até 2015 o acervo do Mucane era descrito como não organizado, apresentando assim um dos principais fatores para que o museu não contasse com exposições permanentes. Além disso, a autora ainda problematizou a ausência de políticas de aquisição de obras, que resultaram em incertezas sobre o acervo anterior à restauração do prédio. No período que se estendeu entre 2017 e 2018, foram catalogadas 116 peças por Franquilandia Raft, que era educadora do museu e de outros espaços culturais² neste período. De acordo com uma reportagem da Gazeta Online³, que descreve esse levantamento, essas peças poderiam ser provenientes de exposições realizadas nas dependências do museu, recebidas por doações de artistas, ou ainda, transferidas de acervos de outros espaços.

Entende-se, portanto, a relevância deste museu na cidade para o registro,

¹ Renato Santos, dançarino, que está presente na trajetória do Mucane desde a sua articulação apresentou no ano de 2022 durante a XIII Prêmio Bienal de São Benedito a seguinte contagem de data em relação ao museu: 34 anos de luta pelo museu, 11 anos da constituição do museu pela Prefeitura Municipal de Vitória e 10 anos da inauguração das instalações do museu.

² Franquilandia Raft era responsável pelo Museu Capixaba do Negro e outros equipamento da Prefeitura de Vitória, como a Casa do Colono e a Casa Porto.

³ Onde está o acervo de obras do Museu Capixaba do Negro (Mucane)? <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2019/01/onde-esta-o-acervo-de-obras-do-museu-capixaba-do-negro-mucane-1014166108.html>

memória e história dos negros e negras capixabas, tornando-se imprescindível a análise sobre o acervo atual e a investigação de exposições realizadas ao longo da existência do Mucane. A partir de uma entrevista realizada em 2020 com Thaís Souto Amorim, então coordenadora do museu, foi constatada a inexistência de um plano museológico, sendo que sua constituição seguia em desenvolvimento. Tal inexistência indicada por Amorim reflete diretamente na política de acervos, pois este é um dos itens que compõem os programas propostos em planos museológicos que, como veremos no caso do museu, não fora concluído. Ainda assim, o Mucane conta com um conselho criado em 2011 que, em conjunto com os profissionais e agentes de ocupação deste espaço, tutelam as ações e o compromisso com a memória dos negros e são mantidas desde o início do museu. A entrevista revelou também que o museu se dedica fundamentalmente à relação com atividades de dança afro-brasileira. Assim, a partir do acervo e de entrevistas iniciais com gestores do museu, acentuou-se o interesse em entender a formação de sua memória de forma ampliada, pesquisando não apenas o que é objeto no acervo, mas a relação com a comunidade e a cidade, para assim descrever a formação social deste espaço, em uma configuração que abrange outros formatos, desde exposições, eventos, cursos e oficinas abertas e, sobretudo, as diversas propostas de atividades com dança.

A dança desponta dentre outras atividades como uma das principais ações na organização do museu, essencial para a compreensão de sua memória, pois esteve presente desde a fundação, a partir de coletivos como a Cia Negraô (1991) com nomes que já vinham atuando em grupos de dança desde os anos 80⁴ na Grande Vitória, como Arianne Meireles, Renato Santos, Fátima Silva, Walter Lima, entre outros. Além disso, a entrevista com Thaís Amorim revelou ainda que o museu contava com 80% das suas atividades em dança, sendo composta por uma formação em dança afro e por oficinas gratuitas ministradas a partir do museu e de coletivos que ocupam o museu com suas atividades.

Os dados sobre o museu coletados com essa entrevista inicial revelaram

⁴ Nos anos 80 são listados por Bispo e Souza (2006, p.84 e 85) os grupos de dança, Axé de Obá (1981-1983) e Grupo Afro Cultural Abi-Dudu (1987-1990).

que a abordagem sobre sua constituição e características necessitava partir do campo de reflexão propostos pelo campo da museologia social, tido como um espaço em movimento nas relações com o seu entorno, em uma concepção que vai além de um acervo material, e está identificada também nas ações do museu:

O alargamento da noção de património é a consequente redefinição de "objecto museológico", a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como factor de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas tecnologias" de informação e a museografia como meio autónomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada. (MOUTINHO, 1993, p.8)

Essas relações com o entorno permitem investigar a dimensão da relação do museu com a cidade, como patrimônio e com os indivíduos e também, a dimensão da relação com o campo da museologia social. Importa, portanto, entender o museu e a construção da memória deste espaço na cidade. É relevante, ainda, contextualizar o Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas dentre a formação de outros espaços, instituições culturais e museus dedicados à reunião de histórias, culturas e memórias de negras e negros no Brasil. No Brasil, existe a Política Nacional de Museus, que se propõe “a sistematização de uma política pública voltada para os museus brasileiros⁵”, o documento⁶ que foi lançado em maio de 2013 tem como objetivo:

promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país. (IBRAM, 2013)

Os museus, seus acervos e agentes possibilitam a criação de narrativas associadas à cultura, memória e história sobre sociedades. A partir da análise do acervo, das atividades, de conversas e entrevistas será possível compreender e contextualizar as narrativas construídas por estes elementos na constituição da memória do Mucane em relação à cultura das negras e negros

⁵ Segundo informações do site do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). <https://www.museus.gov.br/politicas-do-setor-museal/>. Acessado em 07 de julho de 2021.

⁶ caderno “Bases para a Política Nacional de Museus - Memória e Cidadania”. <https://www.museus.gov.br/politicas-do-setor-museal/>. Acessado em 07 de julho de 2021.

capixabas.

Na reportagem anteriormente indicada, publicada em fevereiro de 2019 na Gazeta Online, percebe-se que o destaque dado à catalogação das 116 peças do acervo é seguido de um questionamento sobre a localização destas peças no museu, relatando a ausência delas para o público visitante, centrando a relevância do museu apenas nesta constituição. Ao visitar o museu, por exemplo, percebemos que algumas peças do acervo estão dispostas pelos espaços do museu sem informações de quem as produziu e ano, o que não permite que o público tome conhecimento de forma autônoma dessa informação, como a figura de São Sebastião. A partir da revista promovida pelo Instituto Elimu Professor Cléber Maciel, intitulada *MUCANE*, que foi publicada em 2012, da dissertação de Fernanda Castro Barbosa, do livro de Edileuza Penha de Souza e Suely Bispo, tomamos conhecimento acerca dos diferentes agentes responsáveis para que o museu se concretizasse, do debate sobre a ampliação e restauração do prédio à ocupação do espaço, não apenas com exposições e acervo, mas também com cursos como dança afro e capoeira. Vemos, a partir da revista e de Locatelli, que o museu foi estabelecido em um local cercado de referências históricas e culturais negras, como o porto (fluxo de escravizados), Igreja do Rosário/Casa do Leilão e de bairros de população negra numerosa.

Em artigo sobre o Museu Afro Brasil (SP), outro museu dedicado à cultura, memória e história negra, Ana Carla Hansen da Fonseca afirmou que “compreender a construção da memória dentro de tais espaços museológicos, nos faz perceber marcas de nossa história e da sociedade que a produz que são indissociáveis” (FONSECA, 2017, p. 184). Desta forma se apresenta o Mucane: é uma instituição voltada para que o negro capixaba encontre reconhecimento através de processos como as oficinas de dança e música, estudos, atividades educativas, exposições, ocupação do espaço por diversos coletivos, dentre outros.

Ao revisitar a dissertação de Fernanda de Castro Barbosa, de 2015, nota-se, entretanto, a partir da pesquisa que ela realizou, um arrefecimento de esforços por parte do poder público para a continuidade de processos como educação e documentação, realizados no âmbito do museu. A autora descreve como o excesso de valorização de uma memória - que é estruturada pelo Estado do Espírito Santo a partir de uma formação canônica eurocentrada - fez com que

sua elite negasse a presença afro-capixaba em detrimento desta origem europeia. Ou ainda, a dificuldade enfrentada pelas pessoas militantes negras capixabas para encontrar uma sede para o museu, fato que ocorreu apenas um ano após a sua criação, ou ainda a invisibilidade e negligência revelada pela falta de placas indicativas próximas ao museu, dentre outras informações.

Como indicado em *Patrimônio Cultural – Memória e Intervenções Urbanas*, temos a contribuição de vários autores latino-americanos que apresentam estudos patrimoniais e reflexões sobre a constituição da memória na cidade. A memória, o patrimônio e as relações na dimensão urbana são discussões que pautam a existência de um museu. Sendo este parte do patrimônio da cidade, conduz a reflexões sobre o próprio espaço público, trazendo à tona a questão “cidade para quem?”, que endossa as reflexões de Françoise Choay (2017), sobre a relação do museu-patrimônio na criação de narrativas na invenção do patrimônio urbano. O museu, como um patrimônio cultural inserido na cidade e nas questões sociais, tensionando relações, colabora para a construção de uma cidade inteligente, ou seja, que contribui para a integração de conceitos e pessoas, mobilizando a criatividade e a economia criativa local, desenvolvendo acessibilidade e qualidade de vida.

O livro “O negro no museu brasileiro” de Raul Lody (2005) que trata de museus brasileiros dedicados à reunião de culturas, memórias e histórias, de negras e negros no Brasil, aborda a formação de coleções e museus sobre o negro no Brasil, fazendo um levantamento destas instituições e promovendo discussões introdutórias sobre cada uma delas. O Mucane, no entanto, não é citado ou comentado nesta pesquisa com relevância para os estudos de instituições dedicadas à história de negras e negros brasileiros. O estado do Espírito Santo é citado apenas pela semelhança no registro de manifestações recorrentes do Congo. É uma ausência sintomática, a ser estudada e analisada, o fato de o Mucane ter sido deixado de lado, ainda que o autor nos convide para continuar a pesquisa, ou seja, o levantamento. O livro nos interessa como uma introdução ao tema e como um contraponto ao conceito de museu a partir do qual ele argumenta:

é muito amplo, indo além das salas, vitrinas, rituais solenes de visitação, de apreciação do único e autêntico. O museu traz referências, reúne memórias e significados que somente por identificação e identidade podem provocar comunicação com quem

visita, observa e, assim, se inclui como agente do fato e mantenedor de valores. (LODY, 2005, p. 297)

Desta forma, podemos interpretar a memória enquanto recurso de um processo de subjetivação que os museus utilizam. Neste sentido, o objetivo da pesquisa busca produzir uma abordagem a partir das referências citadas sobre a construção da memória dentro do espaço museológico e cultural do Mucane.

A partir das questões que estão elencadas abaixo nos perguntamos quais as relações estabelecidas para a formação do museu e como elas foram e são desenvolvidas por agentes culturais e de mobilização racial no contexto brasileiro e local, capixaba. Como fatores relacionados à trajetória de formação do museu e o apoio, ou não, do poder público, são responsáveis pela “ausência” epistemológica verificada, por exemplo, no levantamento de Lody? Como pensar a divulgação e difusão a partir do entendimento da constituição do museu, para maior visibilidade no corpo teórico que discute museus voltados para refletir, como agente no sistema, sobre os problemas da constituição histórica étnico-racial no país? Ou, ainda, se a inserção em um debate nacional ocorre por ser uma instituição com muita divulgação e reconhecimento local, por parte da comunidade afrodescendente capixaba, considerando tempo de formação e estruturação e o reconhecimento de suas ações junto ao poder público.

Portanto, algumas questões que permeiam esta investigação podem ser indicadas: Como se dá a formação e a mobilização racial no Brasil e no contexto capixaba, resultando em instituições estruturadas, sistematizadas? Quais discussões sobre arte e cultura são feitas a partir deste contexto afro-diaspórico? Quais as relações entre a formação do museu, as mobilizações raciais, a construção da identidade no Brasil? Como se dá o reconhecimento local e a divulgação do museu em circuito nacional? Em que medida o Mucane se assemelha ou se diferencia de museus dedicados à memória, cultura e arte afro-brasileira como o museu afro da Bahia (Mafro), Museu Afro Brasil em São Paulo, dentre outros? De que forma se constitui o acervo do Mucane? O acervo permite entender a multiplicidade de narrativas criadas pelos negros capixabas? Como as narrativas produzidas por artistas negros capixabas podem contribuir com os debates sobre arte, cultura e memória do negro no Estado? Quais reflexões são produzidas acerca da memória e história da presença africana e afro-diaspóricas na cultura brasileira? Como um museu dedicado à memória de negras e negros

capixabas pode abrir espaço artístico e cultural e ampliar o diálogo com a cidade? Como o museu se coloca diante de questões da museologia social? Como se dá a distribuição e a participação de atividades realizadas pelo museu? As atividades e exposições nos possibilitam entender as narrativas, as escolhas e os limites do museu e, assim, relacionar, entender e discutir o contexto histórico e político do museu no estado.

Em conjunto a estas questões colocadas, a pesquisa partiu também da revisão de autores que discutem a mobilização racial, identidade e a cultura afro-diaspórica no Brasil, como forma de compreender narrativas e configurações artísticas criadas em diversos contextos, promovidos pelas associações, grupos ou por estudiosos que se dedicaram à questão.

Na pesquisa sobre a mobilização racial e identidade no Brasil, trabalhamos com autores que produziram uma revisão crítica sobre essas questões, dentre eles Luiz Cláudio Barcelos (1996) em *Mobilização Racial no Brasil: uma revisão crítica* e Petrônio Domingues (1996) em *Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos*, que nos auxiliam a determinar a abordagem de análise sobre os movimentos negros, principalmente pelo viés político. A leitura de Clóvis Moura em *Sociologia do negro brasileiro* (2019), contribui para a uma análise sobre o museu em cotejamento com os estudos sociológicos e suas mudanças no período posterior à Segunda Guerra. A leitura de Abdias Nascimento (2016 e 2019) em *O genocídio do negro brasileiro* e *Quilombismo* é essencial para refletir sobre o próprio autor e sobre o TEN. Sobre esse último, acrescentamos a interpretação de Antonia Lana de Alencastre Ceva (2006) em *O negro em cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro (1944-1968)*. Tanto Antônio Sérgio A. Guimarães (2001) em *Democracia Racial: O ideal, o pacto e o mito*, quanto Márcia das Neves (2008) em *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro* auxiliam no aprofundamento sobre as políticas que tangem a identidade, a formação do povo brasileiro e suas questões. Além disso, contamos com apoio da *Enciclopédia Negra* (2021), que reuniu em 416 verbetes a história de diversas pessoas negras no Brasil.

Para o contexto local capixaba e o Museu Capixaba do Negro teremos o apoio dos textos de Cleber Maciel e organização de Osvaldo Martins de Oliveira (2016) na 2ª edição de *Negros no Espírito Santo*, como uma introdução às

resistências negras no estado. Neste sentido, seguiremos com o livro de Sueli Bispo e Edileuza Penha de Souza, *Resistência Negra na Grande Vitória (2006)*, que apresenta um importante levantamento das ações e entidades negras que se conformam a partir dos anos 70, principalmente. Também, com a dissertação de Suellen Silva da Cruz (2019) em *Movimento Negro e as Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Espírito Santo* que apresenta uma revisão de Maciel, Bispo e Souza e propõe uma atualização de entidades contemporâneas. No sentido de aprofundamento e interpretação sobre o museu, recorreremos aos textos de Fernanda de Castro Barbosa (2012, 2015 e 2018), na revista *Mucane* e na dissertação *Memórias e identidades no espírito santo: um estudo a partir do Museu Capixaba do Negro* e no artigo *Memórias de um lugar: 25 anos do Museu Capixaba do Negro*, nos quais a autora promove uma série de debates sobre a relação do museu com o movimento negro, ou sobre as ausências identificadas em relação à memória e o patrimônio. A partir desta autora fica explícita uma das lacunas que a pesquisa pretende investigar sobre a história do museu, que é a sistematização de atividades e exposições que aconteceram nele nestes 28 anos.

Colocando o que é lido em Barbosa (2015, p. 99) sobre a reprodução de um apagamento associado à história negra capixaba, buscamos confrontar a partir de um breve panorama as primeiras obras e autores que se dedicaram a descrever a cultura afro-brasileira, como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, entre outros. Estas obras trazem problemáticas que impactaram os estudos das ciências sociais e, também, de uma antropologia da arte, influenciando e participando também da formação e dos debates sobre a Arte afro-brasileira.

Outras discussões que contribuem para as análises neste texto estão na revisão sobre a terminologia e as definições da arte afro-brasileira produzida por Renato Araújo da Silva em *Arte afro-brasileira: altos e baixos de um conceito* (2016) e, também, em *Arte Afro-brasileira: identidades e artes visuais contemporâneas* (2020), de Nelma Barbosa. O autor Roberto Conduru (2007), ao trazer questionamentos sobre arte produzida sob a nomenclatura afro-brasileira, nos auxilia a traçar uma compreensão sobre o termo/conceito. Barbosa (2020) inclui em sua análise a discussão sobre o artista visual, afro-brasileiro, contemporâneo, assim como Silva (2016). A discussão sobre arte e cultura afro-diaspórica foi também bastante beneficiada pelas publicações de

Renato Araújo e Nelma Barbosa, já citadas, estabelecendo importante fonte para acompanhamento do debate teórico que é base da pesquisa.

Além destas leituras mais contemporâneas, foram revisados clássicos como Marianno Carneiro da Cunha, em *Arte Afro-brasileira* (1983), em que contextualiza a forma como a temática é abordada dentro das narrativas da História da Arte no Brasil. Neste sentido, nos interessam os autores e a forma como a crítica de arte brasileira abordou essas exposições ao longo da nossa história. Emanuel Araújo (2010) se destaca analisando o significado da contribuição artística e histórica afro-brasileira e como diretor/colecionador do Museu Afro Brasil, em São Paulo, tendo promovido amplo debate sobre a questão de uma arte afro-brasileira, acompanhado por autores como Kabengele Munanga e o já citado Abdias Nascimento, que contribuem para uma problematização do termo e seu alcance.

A reflexão dos museus como espaços de valorização da memória será construída a partir de alguns autores que se dedicam a recortes étnico-raciais. Neste sentido, observaremos também, de forma comparativa, casos de outros museus com essa mesma afirmação, considerando a memória desses lugares como objeto produtor de discursos, de disputas de poder, que revelam questões sociais ligadas à construção da identidade de negras e negros.

Segundo Fonseca (2017), instituições como os museus coloniais e etnográficos podem ser considerados a partir do problema histórico que elas propõem. Portanto, notamos a localização destes espaços em países colonialistas como Portugal, França e Inglaterra, com objetos que trariam um caráter atávico à cultura africana:

Desta forma, era comum que estas instituições reunissem em uma mesma coleção, objetos naturais e culturais, de maneira que o homem africano, e sua produção cultural, fossem tratadas como parte da paisagem, sem o devido valor técnico, social e/ou artístico, desumanizando os mesmos, tornando-os estáticos, sem qualquer relação com a sociedade que o produz. (FONSECA, 2017, p. 186)

Tais fontes contribuem para ampliar o debate sobre as características de instituições museais e intenções na política de estabelecimento de ações e acervos, no sentido do embate entre ponto de vista colonialista e decolonial.

Em Mario Chagas (1999) encontramos a reflexão acerca da pluralidade produzida nos discursos dos museus, sem uma ótica excludente, mas refletindo

sobre isso em confronto. Em Lody (2005) podemos compreender as narrativas criadas pelo autor e, de algumas coleções e museus que se apresentam e dedicam-se ao recorte étnico-racial no Brasil. Nesta abordagem, Lody lista e discute instituições localizadas em sua maioria no nordeste brasileiro, sem citar o MUCANE, ao contrário de Silva (2016)⁷, caracterizando-se como uma das lacunas que a pesquisa quer investigar: o Museu Capixaba do Negro diante do estudo de coleções que recolhem discursos tanto dos patrimônios materiais como dos patrimônios imateriais associados à história de negras e negros no país, podendo estar ligado ao modo de fazer, às manifestações culturais, religiosas.

A abordagem sobre as discussões sucintamente aqui apresentadas em torno da formação, o acervo e as ações do Mucane são realizados nesta pesquisa a partir de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, apoiada pelo referencial teórico indicado. Como trata de um museu em atividade, a pesquisa baseou-se também em um estudo de campo, que considera tanto a busca e observação de fontes primárias como obras e documentos do acervo e do museu, mas também entrevistas com figuras ligadas à instituição, análise dos registros de atividades e exposições, no sentido de discutir a situação atual e a constituição do acervo, para, através do presente, poder fazer uma leitura das narrativas do passado e os caminhos que o museu traça para o futuro. É importante ressaltar que a realização da pesquisa foi impactada pelos isolamentos sociais consequentes da pandemia de COVID-19 em 2020 e 2021, posto que acabou retardando o contato com as fontes primárias e as instalações do museu que ainda não tinha sido acesso, transferindo o formato das entrevista para o ambiente virtual, compactando o tempo para a etnografia, o levantamento, apuração e a sistematização dos dados em tabelas. Esta sistematização se nutriu majoritariamente do acesso a documentos do museu, das entrevistas e da pesquisa no site da prefeitura, salvo alguma exceções.

Ao considerar a cultura como algo que está sempre se movimentando, teremos que entender os movimentos acenados pelo museu, seus sujeitos, os debates a seu respeito, seus objetos, para refletir ainda sobre processos de

⁷ O autor Renato Araújo da Silva produz uma lista de museus, sem análises individuais, em que consta o Mucane.

subjetivações para a constituição das memórias partilhadas por ele e no seu espaço.

Assim, considerando objetivos, fontes e metodologia, acima discutidos, apresentamos no primeiro capítulo um panorama das mobilizações e movimentos negros de forma nacional e regional e o contexto de formação e desenvolvimento do conceito de Arte-Afrobrasileira, das Coleções e de Museus com a temática Afrobrasileira também. No segundo capítulo colocamos em perspectiva a trajetória do Mucane entre a criação em 1993 e a reinauguração em 2012, diante dos movimentos negros capixabas, seus protagonistas, ações e os decretos que marcam esses dois momentos. Também levantamos e analisamos dados sobre as exposições realizadas no museu, observando as temáticas, os formatos e os protagonistas envolvidos. Apresentamos, ainda, uma análise do acervo do museu diante dos dados levantados sobre os decretos, as exposições, os editais de ocupação e uma política de aquisição e salvaguarda. O terceiro capítulo desenvolve uma análise de dados das demais atividades realizadas pelo museu e no museu, a partir do levantamento de ações culturais. Da mesma maneira, traz como enfoque a Dança Afro e um panorama do seu desenvolvimento regional, bem como a relação que a Dança Afro estabelece com o museu.

Cap. 1. Resistências negras e a consolidação de museus

A formação de instituições e museus interligados às questões étnico-raciais está diretamente relacionada e configura um desdobramento da própria articulação e formação de movimentos ao longo dos anos. Assim, neste primeiro capítulo, é essencial uma apresentação e análise da organização e formação de grupos na mobilização racial negra, em paralelo aos debates produzidos pelas ciências sociais, como o da construção da identidade nacional, gênese da discussão no campo, segundo Luiz Cláudio Barcelos (1996, p. 191). O autor articula as referências de Maria M. Berriel sobre as “maneiras de ser negro” e de Clóvis Moura, Caetana Damasceno, Sonia Giacomini, Micênio Santos e Paulo R. dos Santos, sobre as expressões do movimento negro:

No que diz respeito ao movimento negro, faz-se necessário apontar três elementos, para contextualizar a análise da mobilização racial no Brasil. Primeiro, na ausência de mobilização política ao longo de uma linha racial inequívoca, [...]. Essas manifestações denotariam as "muitas maneiras de ser negro", e são vistas, umas mais, outras menos, como expressões do movimento negro.

Segundo a percepção das relações raciais no Brasil é central para a participação política dos negros enquanto grupo específico. Estou me referindo ao mito da democracia racial. Essa representação dominante da sociedade brasileira sobre si mesma coloca barreiras consideráveis à mobilização racial, bem como ao reconhecimento do movimento negro pelos demais segmentos da sociedade civil.

O terceiro elemento nesse quadro é a questão da "cidadania emergente". (BARCELLOS, 1996, p. 191 e 192)

Barcelos contribui para abrir o debate sobre a configuração de movimentos negros no Brasil. Esse contexto é também essencial para discutir a articulação de movimentos também no Espírito Santo, para a compreensão da formação das instituições no sistema cultural local. A partir da introdução ao movimento negro nacional e capixaba será analisada a constituição e organização da cultura material e imaterial afro-brasileira de forma a refletir sobre a formação das coleções e museus, para introduzir e compreender os movimentos de construção do Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”.

1.1 Movimentos negros no Brasil

A organização e formação de movimentos de mobilização racial no Brasil na primeira metade do século XX acontecem em paralelo aos debates produzidos pelas ciências sociais, como a construção da identidade nacional, em um contexto de abertura de universidades e da constituição da política nacional em um Brasil que, ao menos declaradamente, havia abolido a escravização de africanos muito tardiamente (1888).

Podemos ler sobre as manifestações que são vistas como expressões do movimento negro a partir do autor Joel Rufino dos Santos, citado na introdução do artigo de Petrônio Domingues (2007, p. 100), em que ele traça a trajetória do movimento negro durante a República:

(...) todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro. (RUFINO apud DOMINGUES, 2007, p. 102).

Essa visão apresentada por Rufino, no entanto, recebe críticas como a do próprio Domingues, como uma definição que apresenta um recorte alargado, postura problemática em uma abordagem historiográfica. Petrônio Domingues (2007, p. 102) localiza sua escrita em relação ao movimento político de mobilização racial (negra), ainda que por vezes “fundamentalmente cultural”, analisando o movimento negro em quatro fases: a 1ª fase de 1889 até 1937, a 2ª fase de 1945 até 1964, a 3ª fase de 1978 até 2000 e 4ª fase de 2000 em diante. Através desta ideia e análise do viés político do movimento negro traçaremos uma revisão destas fases.

As organizações que acontecem a partir de 1930 consolidam desejos e anseios que se demonstravam em amplo movimento, em toda presença e resistência de negros africanos escravizados, como a Revolta de Queimados

(1846)⁸ e a Revolta da Chibata (1910), para citar alguns exemplos e, em um contexto pós-abolição, com a criação de jornais como o *O Menelick* (1915), *O Xauter* (1916), *O Alfinete* (1918), *O Getulino* (1923) e *O Clarim da Alvorada* (1924), além de associações culturais. A mobilização que acontece a partir desses meios demonstra preocupações, críticas e diferentes características, compondo assim a primeira fase do movimento negro, como determinado por Domingues.

Em 1931, é fundada em São Paulo, com sede na Rua da Liberdade, a Frente Negra Brasileira (FNB). Apresentava objetivos de conscientização, como demonstrado pelas autoras Suely Bispo e Edileuza Penha de Souza (2006, p. 47), levando a população negra a perceber sua “importância na construção da sociedade brasileira”, além de romper com preconceitos.

Segundo Suely Bispo e Edileuza P. de Souza (2006, p. 47), a Frente Negra Brasileira chegou a contar com 200 mil⁹ integrantes de várias cidades do país, inclusive do Espírito Santo, estado que analisaremos mais adiante. Bispo e Souza (2006, p. 46) também destacam a FNB como um dos grupos de maior repercussão dentre muitas organizações negras como “associações beneficentes, culturais ou recreativas”, citando algumas delas, conforme vemos a seguir, mas acrescentando sobre a efemeridade de suas durações e localizando-as no período de 1927 a 1945.

Associação José do Patrocínio, o Centro Cívico Palmares, a Federação dos Homens, a Frente Negra Brasileira, a Frente Negra Socialista, o Grêmio Recreativo e Cultural, o Movimento Afro-brasileiro de Educação e Cultura, a Sociedade Beneficente 13 de maio, a União Negra Brasileira dentre outras. (BISPO E SOUZA, 2006, p.46).

A imprensa foi uma importante aliada para a comunicação entre os grupos e associações. Com a FNB não foi diferente, já que teve o seu próprio jornal, conhecido como “Voz da Raça”. A participação política da FNB se consolidou em 1936 com a sua transformação em um partido, o que também marcou o início de seu fim, em 1938, refletindo as políticas de desmobilização promovidas pelo Estado Novo. O caráter político da FNB foi analisado tanto por Barcelos quanto

⁸ Uma das revoltas que aconteceu no Espírito Santo, no município de Serra.

⁹ Esse número é discutível entre autores da área, que apresentam também a possibilidade de 100 mil pessoas como o número de integrantes.

Domingues na sua ligação ao movimento integralista¹⁰ e uma simpatia pelos movimentos totalitaristas da Europa (BARCELOS, 1996, p.196), dando destaque à visão que não era partilhada apenas pelo presidente da FNB, mas por outros líderes negros. Domingues também tece uma análise deste alinhamento da FNB ao movimento integralista:

Em 1936, a FNB transformou-se em partido político e pretendia participar das próximas eleições, a fim de capitalizar o voto da “população de cor”. Influenciada pela conjuntura internacional de ascensão do nazifascismo, notabilizou-se por defender um programa político e ideológico autoritário e ultranacionalista.²² Sua principal liderança, Arlindo Veiga dos Santos, elogiava publicamente o governo de Benedito Mussolini, na Itália, e Adolfo Hitler na Alemanha. O subtítulo do jornal A Voz da Raça também era sintomático: “Deus, Pátria, Raça e Família”, diferenciando-se do principal lema integralista (movimento de extrema direita brasileiro) apenas no termo “Raça”. A FNB mantinha, inclusive, uma milícia, estruturada nos moldes dos boinas verdes do fascismo italiano. (DOMINGUES, 2007, p. 106-107).

Segundo o verbete sobre Abdias Nascimento no site do Museu Afro Brasil, ele teria sido filiado à Ação Integralista Brasileira (AIB) de 1936 a 1937, tendo saído pela insatisfação com parte do grupo que era racista. Além disso, comenta-se a sua participação na FNB, demonstrando assim sua trajetória em diversas fases do movimento negro sejam elas mais políticas ou mais culturais.



Figura 1: Mapa da mobilização racial no Brasil dos anos 30 aos anos 80 por Luiz Cláudio Barcelos.

¹⁰ O movimento integralista é um movimento político brasileiro de extrema direita idealizado por Plínio Salgado, que tecia paralelos com o fascismo italiano e nazismo alemão. Este movimento consolidou-se em 1932 em um partido chamado Ação Integralista Brasileira.

A partir do mapa de Barcelos [Fig. 1], é possível perceber que o autor associa a mobilização racial praticada pela FNB ao campo político. Além disso, o autor indica um ponto de vista destes movimentos que é determinante para a construção da crítica aos movimentos e mobilizações raciais (BARCELOS, 1996, p. 196), que é a existência de uma visão positiva sobre a integração racial. Barcelos acredita que essa se tornaria um problema para o movimento negro anos mais tarde.

Podemos inferir que esta visão positiva indicada pelo autor aborda a questão das políticas de embranquecimento, defendidas pela ideia da mestiçagem, que viria a encontrar seu apogeu via estudos acadêmicos a partir da visão racial difundida por Gilberto Freyre e que mais tarde ficaria conhecida como democracia racial. A integração racial e as políticas de embranquecimento da população vinham sendo realizadas por intelectuais que precedem Gilberto Freyre e a FNB. Era feita, por exemplo, por Nina Rodrigues, um dos primeiros autores a publicar textos sobre a população de ascendência africana no Brasil, seguindo uma linha que creditava inferioridade ao negro, classificando-os como estrangeiros. Em sua discussão, mesmo os indivíduos nascidos no Brasil ainda eram considerados africanos, não sendo enquadrados, portanto, como parte da população nacional. Márcia das Neves analisou detidamente as posições de Rodrigues sobre mestiçagem, que acreditava que esta era a única forma de incorporação dos negros, índios e mestiços (denominados como selvagens) na população (NEVES, 2008, p. 46). As autoras Suely Bispo e Edileuza Penha de Souza promovem uma revisão sobre o Movimento Negro no Brasil e, a partir desta reflexão, indicam que os pressupostos teóricos que afirmavam a inferioridade de raças não-brancas e legitimação de brancos sobre índios e negros, como a obra de Gobineau (1854)¹¹, serviram como base para as ideias de Nina Rodrigues, Silvio Romero¹² e Oliveira Viana¹³, que pautavam a

¹¹ As autoras indicam a obra *Ensaio sobre as desigualdades das raças* como a suma do racismo moderno.

¹² Segundo Clóvis Moura, em *Sociologia do negro brasileiro*, Silvio Romero considerava o mestiço como inferior, destacando que Guerreiro Ramos identificou em Romero equívocos em relação à superioridade das raças e classificação dos negros como povos inferiores (MOURA, 2019, n.p.).

¹³ Ainda segundo Clóvis Moura, existem semelhanças entre a defesa das oligarquias de Oliveira Viana com a dos senhores de engenho de Gilberto Freyre (MOURA, 2019, n.p.).

mestiçagem como uma problemática (BISPO e SOUZA, 2006, p.15). Bispo e Souza identificam em Gilberto Freyre uma revisão sobre o tema da identidade brasileira na década de 1930, comentando como essa revisão demonstrou-se dominante às ideias dos autores Edson Carneiro, Arthur Ramos e Roger Bastide, por exemplo. Para as autoras, traços pejorativos como apatia, indolência e desequilíbrio moral e intelectual atribuídos à mestiçagem dos brasileiros começam a se transformar com o autor Gilberto Freyre, a partir da sua interpretação da figura dos senhores de escravizados como positiva. Clóvis Moura completa essa discussão de Bispo e Souza ao afirmar sobre as interpretações de Freyre:

Gilberto Freyre antecipava-se na elaboração de uma interpretação social do Brasil através das categorias casa-grande e senzala, colocando a nossa escravidão como composta de senhores bondosos e escravos submissos, empaticamente harmônicos, desfazendo, com isso, a possibilidade de se ver o período no qual perdurou o escravismo entre nós como cheio de contradições agudas, sendo que a primeira e mais importante e que determinava todas as outras era a que existia entre senhores e escravos.

O mito do bom senhor de Freyre é uma tentativa sistemática e deliberadamente bem montada e inteligentemente arquitetada para interpretar as contradições estruturais do escravismo como simples episódio epidérmico, sem importância, e que não chegaram a desmentir a existência dessa harmonia entre exploradores e explorados durante aquele período. (MOURA, 2019, n.p.).

Moura salienta ainda que “a geração que antecedeu a Freyre não primava pela elaboração de um pensamento isento de preconceitos contra o negro” (2019, n.p.). A partir da leitura de Guerreiro Ramos¹⁴, Moura destaca, sobre a construção do mito do bom senhor de Freyre, uma interpretação do escravismo como um episódio sem importância que não desvelaria essa harmonia e viria a psicologizar o negro, como fora colocado por Arthur Ramos, Renê Ribeiro, Gonçalves Fernandes, Ulisses Pernambucano, com ressalva apenas a Edison Carneiro, pela postura dialética que teria adotado.

Tanto Barcelos quanto Moura nos ajudam a identificar mudanças em relação à mobilização racial entre as décadas de 40 e 50. Através de Moura,

¹⁴ O verbete sobre o autor Alberto Guerreiro Ramos na *Enciclopédia Negra (biografia afro-brasileiras)* comenta sobre sua trajetória acadêmica e sua participação em projetos políticos e de formação no TEN - Teatro Experimental do Negro, Conferência Nacional do Negro em 1949 e em 1950, no CNB (2021, p.34). Além disso, destaca o ineditismo da defesa do autor ao pensamento decolonial e da relevância de pesquisadores negros sobre a interpretação da questão racial (2021, p.35).

identificamos a referência à existência de uma democracia racial brasileira como reflexo da generalidade do pensamento científico e ficcional construída sobre o negro, que só puderam ser identificadas a partir de pesquisas financiadas pela Unesco, no período após a Segunda Guerra Mundial (MOURA, 2019, n.p.). Barcelos ressalta a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) também neste momento, tendo como fundador e grande expoente Abdias Nascimento.

Os anos 40 e 50 foram marcados pelo TEN. Nota-se que a mobilização racial ainda está presa a uma perspectiva de assimilação, embora fosse mais crítica das relações raciais no Brasil, e recorresse a uma maior instrumentalização do discurso de identidade contrastiva. (BARCELOS, 1996, p. 201)

Podemos ler sobre o projeto pedagógico do TEN em Antonia Lana de Alencastre Ceva:

O 'projeto pedagógico' do Teatro estava pautado na construção e no reconhecimento de uma identidade negra, tendo como veículo norteador as atividades teatrais, as aulas de alfabetização e de iniciação cultural, assim como os concursos de estética e a realização do Iº Congresso do Negro Brasileiro (1950). (CEVA, 2006, p.11)

A produção de uma revisão sobre a identidade possibilitou identificar o lado cruel e preconceituoso a respeito da escravidão, refutar a ideia de identidade nacional, incorrendo na classificação da democracia racial como um mito. O TEN tem uma grande participação propositiva nesta época, se colocando como um "laboratório de experimentação cultural e artística" (Nascimento, 2019, p.92) através de eventos, de seus membros e de um posicionamento forte contra a ideia da democracia racial (Nascimento, 2019, p.93) e contra a reiteração de preconceitos como a "black face"¹⁵.

Nesta trajetória, o 1º Congresso do Negro Brasileiro (CNB) foi realizado em 1950, e seu objetivo seria o de "aliar teoria e prática, propondo a criação de ações e medidas concretas para combater o racismo e a discriminação na sociedade brasileira (CEVA, 2006, p.64)". Além do TEN vemos em Petrônio Domingues que existiam outras ações neste período de 1950-60, o que nos permite perceber a visibilidade do TEN e a UHC (União dos Homens de Cor),

¹⁵ Blackface é um termo usado para designar pessoas brancas que pintavam seus rostos de preto para encenar personagens negros. Abdias Nascimento indica que um dos objetivos do TEN seria a erradicação desta prática.

como o autor destaca a seguir:

Nessa segunda etapa do movimento negro, a UHC ou o TEN não eram os únicos grupos que empreendiam a luta anti-racista, mas foram aqueles cujas ações adquiriram mais visibilidade. Além deles, articulou-se o Conselho Nacional das Mulheres Negras, em 1950. Em Minas Gerais, foi criado o Grêmio Literário Cruz e Souza, em 1943; e a Associação José do Patrocínio, em 1951. Em São Paulo, surgiram a Associação do Negro Brasileiro, em 1945, a Frente Negra Trabalhista e a Associação Cultural do Negro, em 1954, com inserção no meio negro mais tradicional. No Rio de Janeiro, em 1944, ainda veio a lume o Comitê Democrático Afro-Brasileiro. (DOMINGUES, 2007, p. 110)

O TEN começa a perder força com a intensificação da ditadura militar instaurada no Brasil em 1964 e pela perseguição de seu líder, Abdias Nascimento, que é exilado em 1968.

As autoras Bispo e Souza indicam Clóvis Moura como um autor participante deste período de mudança de paradigmas, já no ano de 1960¹⁶. Já comentada aqui, a obra *Sociologia do Negro*, cuja primeira edição é de 1988, cita e promove autores que participaram e fomentaram essa nova discussão nos anos 50-60:

(...) após as pesquisas patrocinadas pela Unesco e que tiveram Florestan Fernandes e Roger Bastide como responsáveis na cidade de São Paulo, L.A. Costa Pinto, no Rio de Janeiro, e Thales de Azevedo, na Bahia, houve a necessidade de uma reordenação teórica e metodológica por parte de alguns cientistas sociais, destacando-se, no particular, Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Emília Viotti da Costa, L.A. Costa Pinto, Clóvis Moura, Jacob Gorender, Lana Lage da Gama Lima, Luís Luna, Décio Freitas, Oracy Nogueira, Joel Rufino dos Santos, Carlos A. Hasenbalg e alguns outros que, preocupados não apenas com o tema acadêmico, mas também com os problemas étnicos emergentes na sociedade brasileira e os possíveis conflitos raciais daí decorrentes, estão tentando uma revisão do nosso passado escravista e do presente racial, social e cultural das populações negras do Brasil. (MOURA, 2019, n.p.)

Este trecho indica uma revisão proposta por Clóvis Moura tratando de autores universitários desse período, através de uma abordagem revisionista, contextualizando os intelectuais da sociologia da Universidade de São Paulo (USP), Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Florestan Fernandes. A partir deste contexto nacional sucintamente descrito, em meados de 1970, os movimentos negros em articulação reivindicam a identidade negra, articulando-se em movimentos sociais. O movimento negro nos anos de 1970 e 1980

¹⁶ As autoras apontam-no como participante de uma corrente materialista.

assume um caráter de crítica radical às relações raciais (BARCELOS, 1996, p. 201). A análise de Barcelos demonstra sua interpretação do período desde os anos de 1970 em relação aos resultados institucionais e à mobilização social:

Os movimentos sociais, por serem a face politicamente organizada da sociedade, atuam, ao lado de outras formas de participação, como interlocutores do Estado, em uma dinâmica que interliga estruturas sociais, sistemas políticos e as características da própria mobilização coletiva.

Em sua dimensão racial, essa dinâmica remete ao "processo de formação racial" ou aos meandros da "política racial", no sentido de que as práticas políticas em sociedades multirraciais têm inevitavelmente um conteúdo racial e, desnecessário dizer, em benefício do grupo dominante.

No Brasil, o questionamento dessa situação tem levado ao "desenvolvimento de um movimento negro desde os anos 70, que embora atingindo enorme sucesso em desafiar o mito da democracia racial, não tem resultado em mais do que limitadas reformas nas estruturas institucionais do racismo brasileiro". (BARCELLOS, 1996, p. 190 e 191)

Esta contestação à democracia racial é representativa deste momento que precede e fortalece os caminhos para a formação política do Movimento Negro Unificado (MNU)¹⁷, em 1978, principalmente, a partir das cidades de Salvador e Rio de Janeiro, onde havia um momento de afirmação cultural de entidades culturais negras (GUIMARÃES, 2001, p. 156). O MNU, fundado em São Paulo, se articula de forma a abrir e estimular a participação e formação a partir de Centros de Luta, "a fim de organizar a peleja contra a opressão racial, a violência policial, o desemprego, o subemprego e a marginalização da população negra" (DOMINGUES, 2007, p. 114). No sentido político, Domingues (2007, p. 112) destaca tanto o plano externo, que contava com a mobilização de Martin Luther King, Malcom X e Panteras Negras¹⁸, no contexto estadunidense, e o movimento de libertação dos países africanos, quanto o plano interno, com a formação de um embrião marxista.

Na década de 1980, com a abertura política e o processo de redemocratização, ocorre a formação de instituições como o IPEAFRO (Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros), em 1981, marcando a volta de Abdias Nascimento ao Brasil, conforme a leitura do verbete com seu nome na

¹⁷ No artigo de Petrônio Domingues o autor traça alguns percursos e siglas anteriores à definição da sigla em MNU.

¹⁸ O autor destaca o Panteras Negras como uma organização negra marxista.

Enciclopédia Negra (2021, p.23). De forma análoga a outros movimentos e associações negras já citadas e a relação com a imprensa, o IPEAFRO publica uma revista chamada *Afrodíáspora*, entre os anos de 1983 e 1987.

Segundo Guimarães, “com as eleições estaduais de 1982, a militância negra tem a oportunidade de partilhar o poder em alguns estados, como Rio de Janeiro e São Paulo” (2001, p.158), além da chamada de ativistas negros para ocupação de vagas “nos recém-criados conselhos e secretarias estaduais da Comunidade Negra e na Fundação Palmares, criada em 1988 no âmbito do Ministério da Cultura” (2001, p.158). O que se configura entre 1985 e 1995 é um momento de construção e formação de uma nova política, também chamada por Guimarães de “Nova República”, período também visto como reformulação dos estudos acadêmicos.

Ainda neste âmbito, uma importante conquista da luta antirracista acontece em 1989, quando é sancionada a lei 7.716¹⁹, que trazia definições sobre crimes de discriminação ou preconceito de raça. Domingues (2008, p. 105) demonstra que na década de 1990 houve uma tendência à especialização das entidades negras, que atuavam, assim, em uma única área, seja educação, saúde da mulher, direito e psicologia.

Nos anos 2000 tem início a quarta fase do movimento negro, segundo a definição que estamos usando de Petrônio Domingues. Este autor sinaliza esta fase como uma “nova fase”, na qual comenta a inserção do hip-hop, um “movimento popular, que fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais” como um movimento a ser observado diante da luta antirracista no país. Devemos destacar algumas ações importantes que ficam de fora da discussão feita por Domingues, como a criação da lei 10.639 em 2003, que tornava obrigatório para os níveis fundamental e médio o ensino de História e Cultura Afro-brasileira. A criação da lei promoveu um campo de articulação, procura e aprofundamento sobre a história e cultura material e imaterial afro-brasileira, porém com certas limitações, na medida em que, ainda, atualmente, escolas e instituições não se adequam às existências

¹⁹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm Acesso em 21 de novembro de 2021.

legais como destacado por Nelma Barbosa (2020, p. 31).

Assim, elencadas algumas etapas de articulação da discussão sobre os movimentos negros de forma sucinta e introdutória, a partir de leituras que analisam e discutem referências dos movimentos negros, principalmente, no eixo São Paulo-Rio de Janeiro e Bahia, passamos para uma contextualização sobre a questão no Espírito Santo, antes de entrar nas questões do campo artístico e da configuração de museus e do próprio Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas.

1.2 Movimentos negros no Espírito Santo

Para a compreensão da mobilização racial negra capixaba, veremos quais destes movimentos são identificados por autores que promoveram uma revisão sobre o tema, como Cléber da Silva Maciel, Suely Bispo, Edileuza Penha de Souza, Fernanda Castro Barbosa, Petrônio Domingues e Suellen Silva da Cruz.

O autor Cléber da Silva Maciel é indicado como o primeiro professor negro da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) a realizar pesquisa sobre culturas e comunidades negras no Estado²⁰. O livro que publicou em 1994, intitulado *Negros no Espírito Santo*, investiga culturas e comunidades negras no estado e propõe reflexões sobre os fluxos e origens dos africanos que chegaram, não apenas nele, mas também no Brasil, com um levantamento numérico/recenseamento dos negros capixabas. O livro discute ainda aspectos da escravidão, sobre a herança cultural afro-capixaba, bem como sobre a discriminação racial. Em 2016, foi reeditado e, sob a organização do professor Osvaldo Martins de Oliveira, ganhou um posfácio com publicações de seguidores do professor Cleber Maciel “sobre os agrupamentos negros e suas práticas no Espírito Santo, pautando-se por suas lutas, movimentos, mobilizações e legado cultural-religioso, entre outros temas” (2016, p.12)²¹. A leitura do livro *Negros no Espírito Santo*, no contexto desta pesquisa, se dá no

²⁰ <http://institutoelimu.com.br/nossahistoria/>

²¹ Essa reedição contou ainda com uma apresentação do governador do Estado, Paulo Hartung, sobre os novos textos acrescentados na segunda edição do livro.

sentido de tomar conhecimento de como o tema e autores capixabas discutem e formulam sobre a população negra de forma local como feito por Cleber Maciel e, sobretudo, pelas discussões que são feitas por autores no posfácio da segunda edição, a se destacar Suely Bispo, que comenta sobre o Mucane.

Neste sentido, notamos uma ausência na publicação da Enciclopédia Negra, publicada em 2021, que inclui uma série de verbetes de personalidades negras capixabas dentre dos 416 verbetes produzidos, mas não incluem Cléber Maciel, apesar deste ser uma das fontes referenciadas, por exemplo, para outras personalidades negras capixabas. Vemos também que a publicação não contribui para atualização do debate do movimento negro capixaba na contemporaneidade, uma vez que as pessoas escolhidas para compor a enciclopédia viveram e foram atuantes, majoritariamente, no fim do século XIX e início do século XX. Listamos os verbetes encontrados na publicação: Benedito Meia-Légua - c. 1805-1885; Chico Prego, Elisário e João Pequeno - séc. XIX; Elyseu Elias César - 1871-1923; Narciso – séc. XIX; Paulina - c. 1844-(?); e Zacimba Gaba - séc. XVIII (GOMES, LAURIANO, SCHWARCZ, 2021, pp.81-474). Apesar da ausência citada, vemos a publicação como um importante passo da projeção e inserção da história e das memórias do negro capixaba no cenário e no debate nacional.

Segundo Petrônio Domingues, autor que vem nos ajudando a fazer interpretações sobre o movimento negro, o Espírito Santo teve contato e integrantes em frentes de mobilização raciais negras nacionais, como foi o caso da Frente Negra Brasileira, na década de 1930 (DOMINGUES, 2007, p. 106). O autor ainda ressalta a abertura de filiações de entidades negras em diversas cidades a partir de 1945, com a UHC, por exemplo. E ainda o Movimento Negro Unificado, sendo este uma das mais importantes associações na década 1980, contando com a existência de um “Centro de Luta” em Vitória (DOMINGUES, 2008, p. 103).

As autoras Suely Bispo e Edileuza Penha de Souza fizeram um levantamento dessas ações no estado, inclusive dos *Centro de Luta*, que são anteriores à criação do Museu Capixaba do Negro em 1993 e, por isso, relevantes para nosso estudo, no sentido de entender suas reivindicações, ou os caminhos de abertura para movimentos que participaram da consolidação do museu. O período das ações analisadas por Suely Bispo e Edileuza Penha de

Souza se concentra entre o final da década de 1980 e o início dos anos de 1990. Vemos que a organização em *Centro de Luta* sujeitava-se à subordinação de uma coordenação nacional e os que estiveram ativos no Espírito Santo demonstraram a tendência das entidades negras que Domingues comenta sobre a especialização, ou seja, formação de grupos por temáticas, uma vez que, como demonstrado por Bispo e Souza, alguns dos *Centro de Luta* ativos no Espírito Santo tinham áreas de atuação definidas, como o Centro de Luta Elisário, com atividades teatrais, o Centro de Luta Palmares, com atividades esportivas e o Centro de Luta das Mulheres Negras ou GRADEM (Grupo de Ação e Defesa da Mulher Negra), voltado às ações com as mulheres, além do Centro de Luta Patrice Lumumba, que tinha atuação na Universidade Federal do Espírito Santo (BISPO, SOUZA, 2006, p. 62).

No artigo *Memórias de um lugar: 25 anos do Museu Capixaba do Negro*, de Fernanda de Castro Barbosa, a autora descreve a criação do Centro de Luta Graden – Grupo de Ação e Defesa Negra como o primeiro de vários outros centros de luta que se estabeleceram em solo capixaba. Barbosa descreve como a posterior ruptura com o MNU, pelo não reconhecimento de especificidades dos movimentos locais, possibilitou o surgimento de novas entidades e novas estratégias.

O Centro de Estudos da Cultura Negra (CECUN) surge com a desarticulação do GRADEN do MNU nacional, em 1983, e com objetivo de união entre os negros do Espírito Santo. Bispo e Souza (2006, p. 65) comentam as várias ações ao longo da história da entidade, sempre lutando contra o racismo e priorizando a educação. Organizou publicações, em eventos de beleza e de educação, área em que consolidou sua atuação:

Assumindo a bandeira do Movimento Negro Nacional, o CECUN defende a ideia de reconquista da história afro-brasileira em prol da construção de uma consciência negra. Neste sentido, antecedendo a lei 10.639, desde 1988, vem apresentando projetos à Secretaria Estadual de Educação (SEDU) para conseguir a introdução da disciplina referente à história do negro no currículo escolar. (BISPO, SOUZA, 2006, p. 66 e 67)

A articulação e mobilização levou à criação de diversas entidades que refletiam sobre questões da população negra. Bispo e Souza destacam e descrevem em seu livro, além do CECUN, o Ganga-Zumba, Grupo Raça, Grupo de Mulheres Negras do Espírito Santo, Associação de Mulheres Negras “Oborin

Dúdú”, Agentes Pastorais Negros, alguns grupos de Dança Afro-Brasileira na Grande Vitória e o Hip Hop capixaba, como algumas dessas novas entidades, que dão continuidade ao debate e ações no estado.

Segundo Bispo e Souza (2006, p. 69) o Ganza-Zumba nasce como um grupo cultural do CECUN através de Alcebíades Milton Cabral, organizando aulas de capoeira, sambas de rodas, dentre outras atividades no Casa de Cultura Capixaba, no Centro de Vitória. A criação do Ganga-Zumba data de 1982 e, já em 1983, rompe com o CECUN por divergências e busca de autonomia (BISPO, SOUZA, 2006, p. 70). Após a ruptura, muda de nome para Associação Cultural Ganga-Zumba e, depois, para Movimento Cultural Ganga-Zumba.

Em 1985, é criado o Grupo Raça, união que aconteceu dentro da Universidade Federal do Espírito Santo, entre estudantes e professores, formado de maioria negra, do qual Suely Bispo e Edileuza Penha de Souza foram integrantes, junto a outros:

Coincidentemente, os alunos de cursos da área de ciências humanas foram os principais integrantes do Raça: Silvio Bispo (Comunicação Social), Maria Helena e Denise Pereira (Serviço Social), Maria Sampaio (Geografia), Sérgio Fonseca, Edileuza Penha de Souza e Suely Bispo (História), e também o professor do departamento de História Cleber Maciel, além de alunos não-negros como Cristina Carneiro (Direito), Luis Vital (Comunicação Social) e Soli (Comunicação Social). (BISPO, SOUZA, 2006, p.72)

As autoras comentam que as articulações dos grupos se davam com os integrantes não-brancos, Soli, Cristina e Luis e a impossibilidade por diversos motivos, como o maior envolvimento dos outros participantes, ajudou na brevidade do grupo que se encerrou em 1989.

Em 1987, é fundado o Grupo de Mulheres Negras do Espírito Santo, também com a participação das autoras Suely Bispo e Edileuza Penha de Souza, além de Ana Alverinda, Ariane Meireles, Benedita Nascimento, Ilma Viana, Maria Lígia, Nelma Monteiro, dentre outras, que reconhecia e percebia a questão da mulher da seguinte forma:

Embora, reconhecessem a importância da questão geral da mulher na sociedade brasileira, a questão específica da mulher negra era percebida como mais um dos aspectos da opressão e marginalização social do negro e, como tal, devia ser tratada de forma associada ou subordinada à agenda do Movimento Negro e do Movimento Feminista. (BISPO, SOUZA, 2006, p. 76)

Vemos que este grupo participou de eventos como o Centenário da Abolição (1988), e desenvolveu sua atuação na Grande Vitória, norte e sul do estado. Esta atuação formou uma base para o desenvolvimento do 1º Encontro Estadual de Mulher Negra do Estado, que aconteceu em outubro de 1990 na UFES (BISPO, SOUZA, 2006, p. 77). Em 1991 o grupo se desmobiliza e, em 1994 amplia suas ações dando origem à Associação de Mulheres Negras OBORIN DÚDÚ, que ainda permanece em atividade²². Muitas destas mulheres citadas acima mantiveram seu protagonismo participando de movimentos, ocupando a coordenação do Mucane e outros cargos públicos. Vemos que as integrantes do grupo tinham articulação paralela a outros grupos: Ariane Meireles, por exemplo, participou da maioria dos grupos de dança afro-brasileira criados neste período, como os grupos Axé de Obá (1981-1983), Grupo Cultural Abi-Dudu (1987-1990) e Negraô (1991).

Neste contexto, surge a ideia de um museu étnico-racial ocupando as pautas também dentro da universidade e vindo a se fortalecer em 1988, no Seminário Internacional da Escravidão, realizado na UFES e coordenado pela médica psiquiátrica Verônica da Pas. Como vimos, este era um momento de reabertura e novas políticas e, neste sentido, Vitória acaba se inserindo neste contexto. Em 13 de maio 1993 o Museu Capixaba do Negro é fundado.

Maria Verônica da Pas é essencial na articulação e criação do Mucane junto aos movimentos negros na Grande Vitória. A base para o projeto estava ligada à sua própria trajetória, como “médica psiquiatra, mulher, militante feminista, filha, ativista negra, mãe, artista” (BARBOSA, 2012, p.12.).

A partir da revisão do trabalho de Suellen da Silva Cruz poderemos trazer o debate para contemporaneidade, na medida em que sua análise se concentra em organizações e movimentos, principalmente, a partir dos anos 2000:

Desta forma, nossa seleção se deu, a partir de nossa metodologia exposta, às seguintes organizações: O próprio MNU, criado em 1979 e rearticulado em 2012; o Centro de Estudos da Cultura Negra (CECUN) criado em 1983; a União de Negros pela Igualdade – ES (Unegro-ES), criado em 2004; o Círculo Palmarino, criado em 2005; o Fórum Estadual da Juventude Negra, criado em 2007 e o Coletivo Negrada da Ufes, criado em 2012. (CRUZ, 2019, p. 146)

²² A última matéria encontrada em breve pesquisa é de 2019, em uma reunião que aconteceu junto à Secretaria de Estado de Direitos Humanos (SEDH).

A análise de Cruz sobre o movimento negro capixaba nos é interessante principalmente pela articulação que promove das ações do contexto local diante de um contexto mais abrangente e nacional. A autora percebe, por exemplo, que apenas o município de Vitória promove a implantação de políticas de igualdade racial (CRUZ, 2016, p.179). Além disso, o levantamento de Cruz acaba preenchendo uma lacuna que havia ficado nas investigações em relação ao CECUN, demonstrando, por exemplo, a relação desse com a formação do Mucane, articulado por Verônica da Pas junto com o Centro e em diálogo com o governo estadual de Albuíno Azeredo.

Concluimos então que Verônica da Pas esteve à frente da articulação para a criação do Mucane junto ao poder público, à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), às outras entidades do movimento negro e aos indivíduos que militavam para a construção do museu. A partir dessa delimitação feita sobre o movimento negro capixaba poderemos adentrar no contexto artístico cultural que permeou o contexto nacional e regional que envolvem a constituição do Mucane e o contexto da formação da Arte Afro-brasileira, das Coleções e Museus Afro-brasileiros.

1.3 O contexto da formação da Arte Afro-brasileira, das Coleções e Museus Afro-brasileiros

Diante do cenário exposto sobre a configuração de resistências e de movimentos, essa articulação é acompanhada de pesquisas, reflexões e discussões também sobre o campo artístico e cultural no Brasil, que interpreta e se preocupa com a população negra, no sentido de protagonismo e da luta antirracista, na relação com práticas artísticas. Do ponto de vistas das artes, há uma questão etimológica e epistêmica no que se refere à produção que envolve os negros no Brasil, a começar com a terminologia: arte afro, afro-brasileira, arte negra, que conduzem a questões como protagonismo, figuração, representação e representatividade e a problemática da especificidade. Neste sentido, a investigação artístico-cultural que é concomitante aos movimentos de mobilização racial negra e aos estudos de identidade no Brasil, perpassa também por debates sobre os termos para

designar os descendentes de africanos no Brasil, como negros, afro-brasileiros, pretos. A obra “A redenção de cã” (1895), de Modesto y Brocos, do acervo do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, é uma obra relevante para situar o debate sobre a relação entre a arte e diáspora africana no Brasil, demonstrando como as artes visuais, quando institucionalizadas, interpretaram a questão da miscigenação no período pós-abolição.

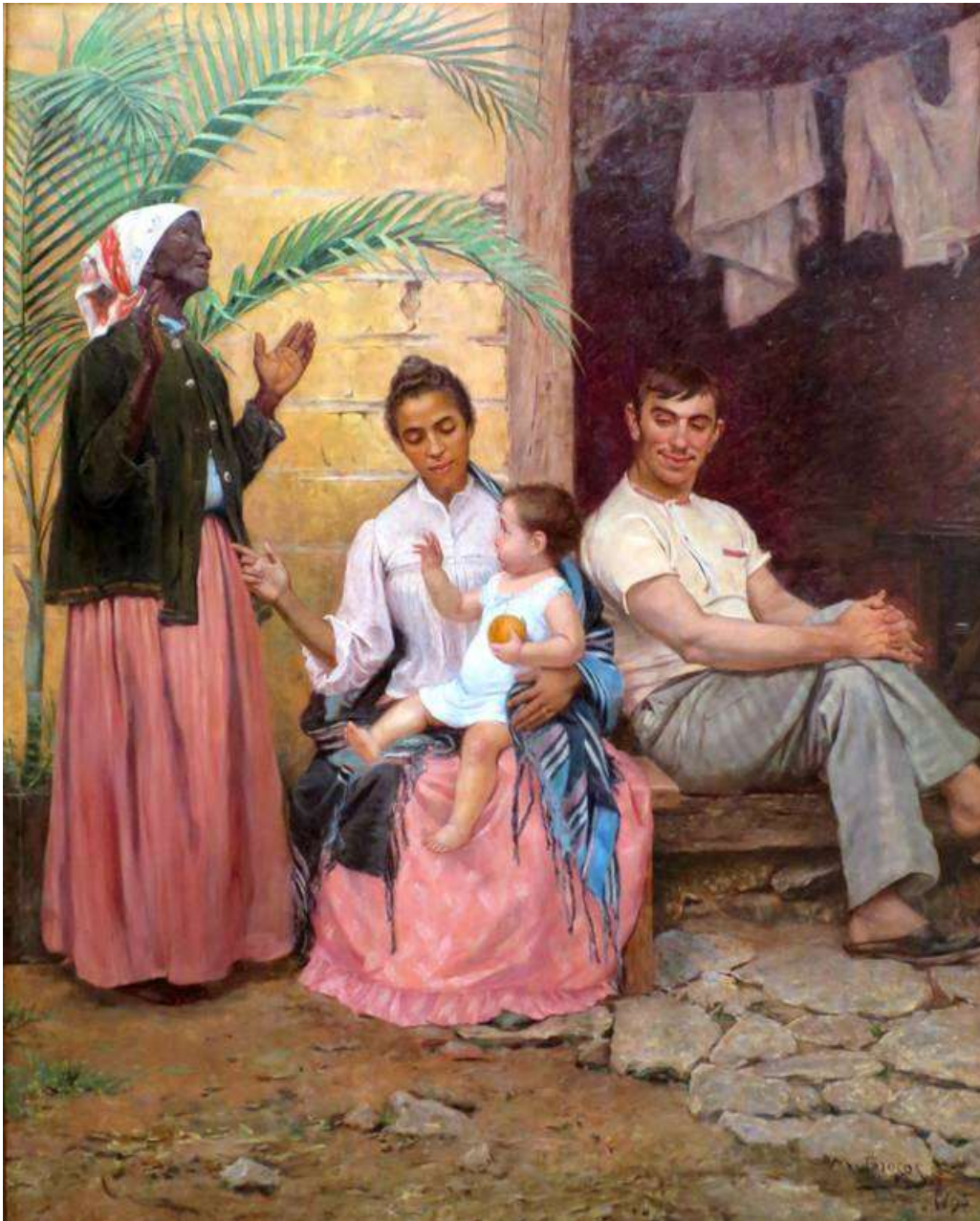


Figura 2: Modesto y Brocos. A redenção de Cã, 1895. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

A pintura demonstra a adesão de parte da classe artística às teses da ciência em voga na época, com o apoio de autores citados, como Gobineau e Nina Rodrigues. Tal obra pode ser considerada como símbolo da política eugenista ou de embranquecimento vivenciada no Brasil e em vários outros países. A exemplo disso, temos a publicação póstuma dos primeiros estudos sobre as artes dos africanos no Brasil, de autoria de Nina Rodrigues, médico legista e psiquiatra. Na obra *Africanos no Brasil*, o autor faz interpretações sobre as artes e a cultura africana em alguns capítulos, como no *Capítulo V - Sobrevivências africanas as línguas e as Belas-Artes nos colonos pretos*, no qual realiza análises comparativas de “exemplares” africanos em relação aos brasileiros ou “obras” europeias-medievais. Nesta análise dos casos africanos e afro-brasileiros, atribui a uma imperfeição técnica dos artistas locais as diferenças estéticas observadas na relação com o modelo (SILVA, 2016, p. 90). A investigação de Nina Rodrigues sobre os africanos no Brasil é marcada por falas sobre a crença na inferiorização dos negros. Porém, em sua leitura, também encontramos a crítica à forma como a polícia lidava - com constante repreensão e violação de terreiros, por exemplo - com as manifestações de cultura africana.

Nina Rodrigues teve seguidores como Arthur Ramos, também médico e psiquiatra. Estes dois autores têm sua relevância marcada pela publicação e elaboração de estudos artístico-culturais sobre os negros no Brasil, no início do século XX. Os resultados destes estudos são publicações que descreveram as artes, os folguedos, brincadeiras, danças e religião das populações afro-brasileiras, sendo esta última destacada como a principal fonte dos estudos entre as décadas de 1890 e 1930 (BARBOSA, 2020, p. 26). Na primeira metade do século XX, a religiosidade de matriz afro-brasileira foi pesquisada por vários autores, além dos dois já citados, somam-se nomes como Manuel Querino, Mário de Andrade e Roger Bastide. Ainda, Mariano Carneiro da Cunha, que tem uma relevância na área pela crítica à Nina Rodrigues, mas também por uma descrição de obras, acompanhada de definições sobre a Arte Afro-brasileira. O autor reconhece a contribuição de Nina Rodrigues como a fonte mais segura para os trabalhos sobre o negro no Brasil (CUNHA, 1983, p. 992).

A autora Nelma Barbosa (2020, p. 28) expõe uma compreensão dos autores Raimundo Nina Rodrigues e Arthur Ramos, destacando o ineditismo de

Nina Rodrigues ao considerar arte as produções artísticas-culturais de afrodescendentes e, anos depois, pela identificação de uma “produção artística laica com características negras brasileiras” estabelecida por Arthur Ramos a partir da discussão sobre a “aculturação e as artes primitivas”.

Outro autor que revisa essas primeiras publicações é Renato Araújo da Silva, que aponta, através de exemplares do modernismo, uma percepção formal das artes da África (SILVA, 2016, p. 93). Ele analisa também a diferenciação brasileira do contexto europeu, pelo sentido nacional que o modernismo brasileiro adotou, exemplificados através das viagens ao interior do Brasil realizadas por Mário de Andrade e outros modernistas, bem como a partir do movimento Pau-Brasil, de Oswald de Andrade. Transfere-se a noção de primitivismo para a produção nacional, a “busca do ‘bom selvagem em nós” (SILVA, 2016, P. 103), marcadas pela representação e a pesquisa sobre os negros, os índios, ao contrário do que aconteceu na relação de apreciação e colecionismo de peças africanas no âmbito dos movimentos de vanguarda europeus, como atesta a experiência de Picasso.

Tendo em vista as obras deste período como forma de estabelecer alguns movimentos promovidos pelos artistas modernistas que participam de , trazemos para uma breve análise duas obras de Tarsila do Amaral, o *Auto-retrato* (1923) e *A negra* (1923), a partir de uma análise que a pesquisadora Ana Paula Simioni nos apresenta em uma palestra no Café Filosófico CPFL²³, vemos além das diferenças formais e estéticas entre essas duas obras, demarcadores sociais de classe, o *Auto-retrato* apresenta uma mulher cosmopolita, vestida com uma roupa de estilista francês renomado na época, enquanto que *A Negra* está nua, tem um seio maior que o outro e representa a brasilidade. Em contribuição a esta análise, observamos que na busca do “bom selvagem” de Tarsila do Amaral, neste caso, encontra-se a figura de uma mulher negra. A brasilidade, então, acaba por se afirmar apenas na projeção de uma imagem estranha à própria artista. Ainda sobre isso é relevante ter em vista que a noção do “bom selvagem” é acompanhada pelo desenvolvimento do conceito de “democracia racial”, discutido anteriormente, sendo assim é interessante pontuar a reflexão da autora

²³ A cerca de 28 minutos da palestra “semana de 22, artes visuais” (2018), Ana Paula Simioni apresenta sua análise. A palestra pode ser vista na íntegra no youtube: <https://youtu.be/lSyETKoAQxQ>.

Beatriz Gois Dantas à despeito de uma domesticação fruto da democracia racial, onde autora sugere a existência, também, de uma democracia cultural:

Mas, se as diferentes “raças”, potencialmente perigosas, estavam sendo harmoniosamente domesticadas com a “democracia racial”, por que não pensar em uma democracia cultural em que as manifestações da cultura do negro pudessem ser exercidas sem repressão policial e ao mesmo tempo sem perigo para os dominantes? É significativo atentar para o fato que a década de 30 foi um período particularmente fértil em apropriações de manifestações culturais das camadas subalternas pelos dominantes. Carnaval, Escola de Samba, a temática da Música Popular, particularmente o samba, a Umbanda, (...) a manipulação das danças e representações populares que, sob denominação de folguedos folclóricos, são recortados e apresentados também como elemento de uma cultura nacional, numa ótica em que a nação aparece como o lugar de encontro de pares opostos onde as diferenças se equilibram e se harmonizam. (DANTAS, 1982, p.119)

Pensar uma democracia cultural nos auxilia a entender a aculturação que Nelma Barbosa caracterizou na abordagem da obra de Arthur Ramos. A compreensão de Guimarães sobre práticas envoltas nestas domesticações, que são apontadas por Dantas, complementa nosso entendimento:

Ora, a democracia racial que se implantara no país nos anos 1930, seja como ideal de relações não-discriminatórias e não-segregacionistas, seja como pacto político de participação das massas urbanas, seja como integração simbólica dos negros à nação, pressupunha o papel subordinado de práticas religiosas de origem africana e o caráter sincrético da contribuição dos negros à cultura nacional: não havia lugar para direitos a identidade ou singularidade. (GUIMARÃES, 2001, p. 157).

É diante deste panorama artístico cultural e social que se dá início a formação, levantamento e organização da cultura material e imaterial afro-brasileira. A forma de organização destas está imbricada à produção dos estudos sobre elas, sobrecarregada de vieses, como destacada na reflexão de Nelma Barbosa sobre Arthur Ramos e a laicidade na produção artística de negros, ou no exemplo de Roger Bastide que, em sua análise sobre os candomblés baianos identifica um purismo na comparação com outros. Tal purismo, também identificado por Nina Rodrigues sobre o culto jeje-nagô, acaba fomentando questões como o nagocentrismo²⁴, importando uma lógica de dominação que tem impactos na discussão e compreensão sobre a presença afro-diaspórica no

²⁴ É um sistema de privilégios associados à herança africana associadas ao nagô.

Brasil, além da organização de coleções.

Em *Os negros nos museus brasileiros*, o autor Raul Lody discute e comenta sobre os acervos e coleções localizadas, principalmente, em estados do nordeste, identificando, entre outras coisas, a presença de peças religiosas. Apreendemos dessa leitura a forma como se constituíram algumas coleções e notamos um padrão já identificado e criticado por Nina Rodrigues, as apreensões em terreiros no início do século XX. Aspecto semelhante é apontado por Raul Lody, que descreve o processo relacionado à Coleção Perseverança, datada de 1912, ano que aconteceu uma quebra²⁵ em um terreiro de Xangô²⁶, em Alagoas.

A formação destas coleções acontece também a partir de acadêmicos como Arthur Ramos, Edison Carneiro, Théo Brandão, Câmara Cascudo, entre outros que, ainda assim, podem estabelecer relações com estes “quebras” realizados em terreiros e/ou da colheita destes materiais em suas investigações. Para entender que tipo de objetos compunham essas coleções, o comentário de Lody faz uma referência, a partir da Coleção de Arthur Ramos:

A coleção reunida por Arthur Ramos traz objetos africanos de Angola e Congo, objetos brasileiros do Rio de Janeiro, da Bahia e de outras localidades. Assim, une-se a importância dos objetos com a importância do colecionador, sendo um conjunto que atesta estilo e vocação memorialista. (LODY, 2005, p. 141)

Este trecho nos traz alguns elementos e questionamentos importantes para análise, como quais são as coleções formadas, quais objetos essas coleções têm em seu acervo e, fundamentalmente, como analisar essa trajetória de disputa de memória, posto que o autor afirma sobre a importância do colecionador e dos objetos, deixando de fora quem produziu o objeto. Veremos a importância do acadêmico colecionador também na organização do livro *Coleção Mário de Andrade: Religião e Magia, Música e Dança, Cotidiano* (2004), que contém, entre outras coisas, peças afro-brasileiras, com um primeiro capítulo do livro falando sobre o colecionador Mário de Andrade.

Recuperando aqui a discussão que a leitura da obra de Modesto y Brocos propõe, observamos, sobretudo, como o movimento de formação de coleções e

²⁵ Expressão usada para se referir às invasões e razões de apreensão de objetos nos terreiros.

²⁶ O Xangô é um culto de matriz afro-brasileira cultuado em Recife, Alagoas, entre outros.

museus, que refletem sobre a cultura material e imaterial de africanos no Brasil e afro-brasileira, possibilitou que outras narrativas fossem reimaginadas. A partir do estudo promovido por Raul Lody, *O negro no museu Brasileiro*, apresentamos abaixo um recorte de coleções e museus com peças da cultura material e imaterial africana e/ou afro-brasileira, tomando nota do nome da coleção/museu, local e data. Esta lista foi atualizada ao longo da pesquisa, com inserções²⁷ de outras coleções e museus que ficaram de fora deste levantamento de Raul Lody, por isso indicamos com RL as anotações advindas do levantamento do autor, como vemos abaixo:

1. Coleção Perseverança, Alagoas, 1912 (data da quebra) /1950 (data da coleção) - RL
2. Instituto Feminino da Bahia, Bahia, 1923²⁸ - RL
3. Museu do Negro (Igreja da Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos), Rio de Janeiro, 1938/1969²⁹
4. Museu de Arte Negra³⁰, Rio de Janeiro, 1950-1968³¹
5. Museu Câmara Cascudo, Rio Grande do Norte, 1961³² - RL
6. Coleções afro-brasileiras do Museu do Folclore Edison Carneiro, Rio de Janeiro, 1968 - RL
7. Museu Afro-Brasileiro (UFBA), Bahia, 1974/ 1982 (ano de inauguração) - RL
8. Museu Théo Brandão, Alagoas, 1975 - RL
9. Museu Afro-Brasileiro de Laranjeiras, Sergipe, 1976 - RL
10. Coleção afro-pernambucana no Museu do Homem do Nordeste, Pernambuco, 1979 - RL

²⁷ As inserções tiveram como base a leitura do livro de Renato Araujo da Silva e a pesquisa nos sites das instituições.

²⁸ Raul Lody não informa a data, essa foi consultada no site da instituição: <https://institutofeminino.org.br/historia/>

²⁹ Aqui estamos usando a data que aparece na imagem do site: <https://guiaculturalcentroorio.com.br/museu-do-negro-do-rio-de-janeiro/>. Apesar desta mesma fonte falar da criação, em 1938, ano em que foi tombado pelo IPHAN.

³⁰ Até o ano de 2021 a coleção está em posse do IPEAFRO, instituição que assim como o museu foi criada por Abdias Nascimento.

³¹ Estas datas referem-se à reunião das obras, conforme o site do IPEAFRO nos informa: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/museu-de-arte-negra/obras-man/>

³² Raul Lody não informa a data, esta foi consultada no site da instituição: <https://mcc.ufrn.br/>

11. Museu do Ilê Axé Opô Afonjá³³, Bahia, 1982³⁴ - RL
12. Museu Arthur Ramos, Alagoas, 1993 ³⁵- RL
13. Museu Capixaba do Negro - Verônica da Pas, Espírito Santo, 1993
14. Museu Afro-Brasil, São Paulo, 2004 (coleção) / 2009 (instituição pública)³⁶

A partir desta lista, que contém muitas ausências, podemos pensar em algumas das articulações que estas instituições fazem com os vários momentos das entidades negras e movimentos negros no Brasil.

Como vimos, em outro momento, com Clóvis Moura, somente no momento pós-segunda guerra que haverá uma mudança de paradigma nos estudos sobre o negro e, em consequência surgem, além de coleções, museus com o recorte étnico-racial. Isso fica explícito ao olharmos as datas dos museus na listagem produzida. Podemos ainda perceber a permanência das questões policiais acerca da cultura material apontadas por Nina Rodrigues e Raul Lody, no texto *Libertem nosso sagrado* que trata explicitamente sobre a repressão às religiões de matriz africana:

Uma das violências abertas do Estado contra a expressão cultural e religiosa do povo negro e que persiste mesmo ante as ações do Movimento Negro e das religiões de matrizes africanas da cidade do Rio de Janeiro se dá durante o período da Primeira República (1889-1930) e na ditadura do Estado Novo (1937-1945), quando terreiros de religiões de matrizes africanas eram invadidos pela polícia, destruídos, e suas peças sagradas, apreendidas.

(...)

Importante dizer que nesse período a religião católica era tida como religião oficial do Estado brasileiro e os cultos eram proibidos por lei que só seria alterada, trazendo o Brasil para a condição de Estado laico, em 1988 (PINTO, BERGER, 2018, p. 226 e 227).³⁷

A década de 1980 foi muito importante na constituição de políticas, que

³³ Segundo o site da secretaria de cultura da Bahia, o nome do museu é Museu Ilê OhunLailai. <http://www.cultura.ba.gov.br/2021/03/18759/LeiAldirBlanc-Webinario-vai-mostrar-historia-do-Museu-Ile-Ohun-Lailai-do-Ile-Axe-OpoAfonja.html>

³⁴ Raul Lody não informa a data, essa foi consultada no site da instituição (idem 29).

³⁵ Raul Lody não informa a data, essa foi consultada no site da instituição: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoas/museus/cadastro-de-museus-alagoanos/5-metropolitana/pilar/casa-da-cultura-e-museu-professor-artur-ramos-ccmar>

³⁶ <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/hist%C3%B3ria>

³⁷ Sobre esse assunto consultar autores: VALLE, Arthur. Mapeando o sagrado: Arte sacra e locais de culto afrobrasileiros em notícias sobre repressão policial no Rio de Janeiro (1890-1941). Revista de História da Arte e Arqueologia (Online) v. 1, p. 5-29, 2020. ALMEIDA,

refletiam as questões levantadas pelos movimentos negros em sua trajetória, como o reconhecimento da discriminação racial nos âmbitos da lei. Além disso, nesta década se experimentou novas formas de mobilização que vão introduzindo a discussão em vários campos da sociedade. Temos, portanto, na patrimonialização do Terreiro Casa Branca (1984), em Salvador e da Serra Barriga (1986) em Alagoas, região do Quilombo dos Palmares, reconhecimentos oficiais de marcos da história negra importantes no campo da disputa da memória e da representatividade, aos inúmeros patrimônios jesuítcos reconhecidos e oficializados pelos órgãos de patrimônio.

O contexto apresentado sobre as entidades negras e movimentos negros no Brasil ajuda a acompanhar o que Renato Araújo da Silva (SILVA, 2016, p. 107) denominará de direito de cidadania, problematizando e discutindo o que poderá ser entendido como arte afro-brasileira. Essa discussão tem seu valor, posto que, como indica a fala de Lody sobre a coleção de Arthur Ramos, há uma elevação da importância do colecionador (acadêmico em sua maioria) em detrimento do artista, confirmando uma forma de investigação sobre o negro no museu. Para compor sua discussão, Silva (2016, p. 107) resgata uma fala de Emanuel Araújo sobre a oficialidade, que questiona a cidadania criada em torno de artistas como Debret, em detrimento de uma produção vinda da ancestralidade ou de um artista que procura essa identificação para a criação poético-artística. Além disso, é essencial também pensar sobre a figura de Emanuel Araújo para, entre tantas coisas, atualizar a discussão das formações de museus na contemporaneidade.

No intuito de seguir uma linha temporal como método para compreender a articulação de ações nos museus e o movimento negro, Silva (2016, p. 109) aponta uma expressão de Abdias Nascimento sobre a “chibata da civilização”, destacando um viés econômico-político para falar de um legado africano na produção de obras como algo imposto. A forma de Abdias Nascimento pensar a negritude teve vários impactos socioculturais como resultado. Além da criação do TEN, ele articulou a criação de um museu, o Museu de Arte Negra (MAN) demonstrando o desejo pela fundação de uma instituição para valorizar artistas negros e obras que representassem a cultura africana. O projeto de Abdias

Anderson Diego da Silva. Nas cinzas da Coleção Perseverança, a memória arde: a mão afro-alagoana além da quebra do Xangô. Tese de doutorado

Nascimento com o MAN reuniu uma coleção com obras de artistas africanos e brasileiros, entre 1950 e 1968, que estão em posse do IPEAFRO desde 1981³⁸. Castro e Myriam Sepúlveda comentam sobre as obras do acervo que estão disponíveis no formato digital no site do IPEAFRO, dizendo que as peças foram adquiridas, trocadas ou doadas e que não constam informações precisas sobre a inclusão no acervo e as datas das obras (CASTRO E SEPÚLVEDA, 2019, p. 181). Em 2021, teve início o projeto deste museu digital que conseguiu recursos através da arrecadação coletiva de fundos pela internet e, em dezembro, a cessão de espaço para exposição das obras em Inhotim³⁹.

Essa produção artístico-cultural do início da formação dos museus pode ser analisada, também, considerando as discussões apontadas por Marianno Carneiro da Cunha, na publicação do livro *Arte Afro-brasileira*, em 1983, em que ele situa o reflexo do momento de articulações e da reivindicação da identidade negra, já descritos, na constituição de instituições, que contribuem para contextualizar a forma como a temática é abordada dentro das narrativas da História da Arte no Brasil, que não se sustentam sem a relação com a formação de instituições e/ou museus.

Tendo isso em vista, observamos que nos anos de 1993, o decreto de criação do Museu Capixaba do Negro, decreto 3.527 de 1993 [Fig. 3] demonstrava como objetivo o museu ser um local de reconhecimento para a população negra capixaba, levando em consideração a riqueza cultural e, sobretudo, para o caso da criação do Mucane, a ausência de espaços de resgate, valorização, pesquisa e preservação da cultura negra no estado.

³⁸ <https://benfeitoria.com/museudeartenegra> Acesso em 21 de novembro de 2021.

³⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/11/inhotim-sediara-o-museu-de-arte-negra-projeto-nomade-de-abdias-do-nascimento.shtml> Acesso em 21 de novembro de 2021.

DECRETO Nº 3.527 – N DE 13 DE MAIO DE 1993

Institui o Museu Capixaba do Negro - Mucane e dá outras providências.

O Governador do Estado do Espírito Santo, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, Incisos III e V da constituição Estadual e,

Considerando que no Estado do Espírito Santo não existe nenhuma entidade para resgate, preservação, memória e pesquisa da cultura negra capixaba;

Considerando as riquezas culturais, advindas da miscigenação étnica, em especial do negro, com a sua indiscutível influência nos costumes, tradições e cultura brasileira e capixaba, com sua população que representa 45,5% conforme dados estatísticos da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – FIBGE;

Considerando que o acervo cultural negro está se perdendo com o tempo e que é necessário criar uma entidade com um espaço físico próprio para resgatar, preservar e divulgar a cultura negra capixaba e destacar a sua importância no processo político-socio cultural do Espírito Santo,

DECRETA:

Art. 1º - É criado no âmbito do Departamento Estadual de Cultura – DEC, o Museu Capixaba do Negro – Mucane, como espaço cultural integrante da estrutura organizacional, subordinado à Divisão de Memória e gerenciado pela Divisão de Espaços e Eventos.

Art. 2º - O Museu Capixaba do Negro – MUCANE, Tem por finalidade reunir, preservar e conservar os bens culturais da cultura negra capixaba.

§ 1º - Os objetos operacionais do museu são:

I – Preservar a história e a cultura negra do Estado;
II – Possibilitar à população acesso à essas informações;

III – Promover eventos culturais;

IV – Efetuar a administração do espaço.

§ 2º - Os procedimentos administrativos são os constantes da regulamentação interna do DEC.

Art. 3º - A estrutura organizacional do MUCANE é a seguinte:

I – Em nível cultural

a) Comissão Cultural do MUCANE.

II – Em nível operacional

a) Supervisão de espaço.

Art. 4º - A comissão Cultural do MUCANE tem por finalidade promover a participação da comunidade negra na administração operacional e cultural do museu, respeitando a legislação que regulamenta a estrutura organizacional do DEC.

§ 1º - A Comissão terá a seguinte composição:

I – Um representante da Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania – SEJUC;

II – Um representante do Conselho Estadual de Cultura;

III – Três representantes indicados pelas entidades organizadas do Movimento Negro;

IV – O Supervisor do Espaço do Museu;

V – O Chefe da Divisão de Memória do DEC.

§ 2º - O Coordenador da Comissão e a forma de atuação são assuntos de regulamentação interna da própria comissão.

§ 3º - A supervisão do Espaço será exercida por funcionários dos quadros do DEC, com os requisitos exigidos para o exercício da função.

Art. 5º - O acervo do Museu Capixaba do Negro constará de:

I – Peças e utensílios de valor histórico de diversas atividades de origem negra;

II – Documentos referentes à história do negro;

III – Biblioteca composta, principalmente, de autores negros e de literatura sobre os negros;

IV – Pesquisas científicas;

V – Acervo que traduza as manifestações artísticas negras na área de: música, dança, folclore, teatro, circo, cinema, vídeo, fotografia, desenho, pintura, artes plásticas, artesanato e outras.

Art. 6º - As atividades de pesquisa, conservação, restauração, divulgação e promoção ficam a cargo das unidades organizacionais do DEC responsáveis pela execução das mesmas.

Art. 7º - O espaço físico e demais medidas para a instalação do MUCANE ficam a cargo do Departamento Estadual de Cultura – DEC, que no prazo de 30 (trinta) dias, formará a Comissão e dará início aos trabalhos.

Parágrafo Único – As despesas necessárias para a implantação do MUCANE ficam por conta da dotação orçamentária do DEC.

Art. 8º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Anchieta, em Vitória, aos 13 de maio de 1993; 172º ano da Independência; 165º da República; e 459º da Colonização do Solo Espírito-Santense.

ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO
Governador do estado

SATURNINO DE FREITAS MAURO
Secretário de Educação e Cultura

Figura 3: Imagem do Decreto 3.527 de 1993 que institui a criação do Mucane. Crédito: Blog Museu Capixaba do Negro⁴⁰, 2010.

O que vemos neste decreto de criação do Mucane é um estímulo sobretudo ao conhecimento, pois trata-se de uma possibilidade para a desconstrução de estereótipos relativos ao negros tendo o museu como mediador. Forma-se um museu representativo não só de pessoas, mas de lutas e disputas pelo conhecimento e reconhecimento, pela possibilidade da pesquisa, da discussão. Contudo, ainda assim é preciso ter atenção a discursos expográficos criados em alguns museus dedicados à memória do negro. A desconstrução de estereótipos pode encontrar com narrativas que reforçam o passado escravista como uma história única, o que poderia estabelecer leituras

⁴⁰ <http://museucapixabadonegro.blogspot.com/search?updated-max=2010-05-20T23:32:00-03:00&max-results=7&start=7&by-date=false>. Acesso em 04 de novembro de 2022.

distorcidas, constituindo equívocos históricos que foram ressaltados por Emanuel Araújo, diretor do Museu Afro Brasil, ao pronunciar os objetivos do museu paulista:

[...]a desconstrução de estereótipos, de imagens deturpadas e expressões ambíguas sobre personagens e fatos históricos relativos ao negro, fazendo pairar sobre eles obscuras lendas que um imaginário perverso ainda hoje inspira, e que agem silenciosamente sobre nossas cabeças, como uma guilhotina prestes a entrar em ação a cada vez que se vislumbra alguma conquista que represente mudança ou reconhecimento da verdadeira contribuição do negro à cultura brasileira. [...] O Museu Afro Brasil pretende ser um museu contemporâneo, em que o negro de hoje possa se reconhecer. (ARAÚJO apud FONSECA, 2010, p.10)

No Museu Afro Brasil podemos notar uma “valorização de artes plásticas e outras manifestações culturais como as religiões afro-brasileiras e cristãs, danças e festejos (FONSECA, 2007, p.199)”, enquanto outras manifestações mais contemporâneas, como o hip hop e o funk entram como ações. Como seu acervo é composto de artistas com exemplares dos irmãos Timóteo da Costa, esta ênfase nos permite refutar todo um imaginário e uma educação visual brasileira, construída majoritariamente ao redor de exemplares de obras amplamente difundidas pelos modernistas, como Tarsila do Amaral e Portinari. Percebemos neste sentido, que a constituição do acervo de coleções e museus participa e corrobora com um processo educativo, em que as imagens e objetos exercem um valor importante, junto de outros personagens e pessoas.

Ao adentrarmos nessa discussão sobre a formação de coleções e museus observamos uma ausência nas publicações da área em relação ao Espírito Santo. Entre as bibliografias pesquisadas para a composição desta pesquisa, podemos dar o exemplo do livro de Raul Lody que não inclui o Museu Capixaba do Negro em seus estudos sobre os negros nos museus brasileiros. Todavia, entendendo que existem recortes temáticos em livros e publicações e, reconhecendo nesta bibliografia uma importante introdução desta discussão pelo autor, tomamos como convite essa ausência, para se aprofundar e dar continuidade à pesquisa sobre os negros nos museus.

Pretendemos nos aprofundar na constituição do Museu Capixaba do Negro, em Vitória, no Espírito Santo, nos próximos capítulos, apresentando levantamentos de dados e análises da investigação realizada durante a pesquisa sobre as atividades e as exposições, bem como sobre o acervo e a formação em

dança, presentes no museu, interpondo ainda reflexões entre a criação (1993) e reabertura do museu (2012) com os propósitos da instituição.

Cap. 2. Caminhos e constituição do Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”

2.1 Perspectivas entre a criação (1993) e a reabertura (2012) do Mucane

O Museu Capixaba do Negro (MUCANE) foi criado em 13 de maio de 1993, cinco anos depois do evento Seminário Internacional da Escravidão, coordenado pela médica psiquiatra Verônica da Pas, até o ano de sua morte em 1996. Apenas em 2012 o MUCANE passa a ter também o nome de Maria Verônica da Pas, em homenagem por ter sido a primeira coordenadora do museu. O MUCANE surge em um contexto de abertura política, a partir da qual o movimento negro estava tomando novas características, ou seja, o museu se apresentou na sua criação como um reflexo da articulação das entidades que discutiam sobre a cultura e comunidades negras capixabas e nacionais:

Nosso entrevistado se recorda que o final da década de 80 e início dos anos 1990 foram fundamentais para a assinatura do Decreto 3.527 - N, em 13 de maio de 1993, que instituía o MUCANE. Isso porque, longe de ser uma iniciativa benevolente do governo, o Museu foi fruto de pressões sociais, resultantes da movimentação de negras e negros do Espírito Santo cujas lutas por dignidade, respeito e reconhecimento remontam todos os períodos concretizados até a terceira fase do Movimento Negro nacional. A luta pela construção de um lugar físico de produção e valorização do negro capixaba marcam a primeira tentativa, em 1991, do diálogo entre as organizações negras e o governo. (CRUZ, 2019, p. 149)

Na *Revista Mucane* vemos que a articulação do museu junto à Ufes, o Departamento Estadual de Cultura e a Prefeitura Municipal de Vitória em 1991 perde força e chega a se cogitar a instalação deste espaço, que seria referência à história do negro capixaba, na Igreja do Rosário⁴¹, que fica no Centro de Vitória (BARBOSA, 2012, p.5 e 6). Fernanda Castro Barbosa discute a questão do espaço físico do MUCANE nesta revista, em sua dissertação e em um artigo de comemoração dos 25 anos do museu. De acordo com seu artigo na revista *Mucane*, apesar da criação do museu em 1993, o MUCANE só ganharia uma sede em 1994 (MUCANE, 2012, p. 6). Como constata a autora em outro artigo, “a militância negra precisou ainda pressionar e negociar por exatamente mais

⁴¹ Tal espaço é pensado como sede por sua importância para a memória da população negra.

um ano a fim de obter um espaço físico próprio para a instituição (BARBOSA, 2018, p.75). Renato Santos comentou na conversa realizada com ele sobre o museu, que as pessoas que estavam articuladas e responsáveis pelo museu já tinham feito o reconhecimento deste espaço para ocupá-lo e assim o fizeram mesmo antes do reconhecimento oficial pelo governo estadual.

Verônica da Pas esteve também em articulações com importantes instituições para levantar recursos e poder estabelecer o museu conforme o decreto de criação. Uma delas foi o Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (MHN-RJ) que fez a doação de um projeto arquitetônico para o museu, mas que não foi seguido pela falta de verba repassada para o Mucane pelo poder público, conforme destaca Edileuza Penha de Souza em entrevista (Entrevista 15 - Anexo). Outra delas foi com o Instituto Smithsonian, uma instituição estadunidense composta de museus e centros de pesquisa, que em 1995 teria doado uma quantia ao museu que foi perdida pela “inoperância’ da Secretaria da Cultura em cumprir os prazos e os procedimentos solicitados pela instituição” (SANTOS, 2021, p. 186). Verônica da Pas articulou com os outros membros de entidades e movimentos negros a ocupação do espaço cedido ao museu, que ocorreu de forma voluntária e os seus agentes não eram remunerados. Estas ocupações por diversos coletivos e ações fizeram parte da história do museu, e são destacadas na *Revista Mucane*:

A ocupação foi uma estratégia de resistência calculada. Tudo girava em torno desse sentido: ocupar para resistir. O artista plástico Zuilton Ferreira recorda o rodízio que faziam para garantir as portas abertas: “Renato Santos ia de tarde. Passava à tarde todinha lá sozinho tomando conta do espaço pra não ficar fechado. Ele fez isso. Várias vezes. Me ligava: ‘oh, hoje você não precisa vir não’. Elias saía do serviço pra ir ao Museu pra gente não deixar o espaço fechado”.

Outra estratégia utilizada para movimentar o Mucane foi a criação da figura do “padrinho”. Os padrinhos do Museu foram escolhidos entre as pessoas envolvidas no processo de discussão da instituição. Eles emprestavam a sua credibilidade e visibilidade ao Mucane, conferindo-lhe peso político. Mas não só isso. Algumas dessas pessoas concederam mais do que o seu prestígio e deram uma contribuição maior na organização dos eventos realizados.

Nesse contexto, o papel desempenhado pelo poder público estadual sempre foi o de coadjuvante, embora as diversas gestões tenham sido sistematicamente tencionadas a assumir o Mucane enquanto uma responsabilidade do estado. O descaso das autoridades é lembrado por Elias Barcelos, que compara a situação do espaço ao processo de abolição da escravatura no país: “o governo do estado achou que ‘já deu o prédio’, já fez muito. Fez um decreto doando o prédio, ‘já deu demais’. Igual à Lei Áurea, né? Toma esse negócio aí, a partir de hoje são ‘livres’”. (BARBOSA, 2012, p. 23-24).

Além destas ocupações descritas, outras atividades foram realizadas no MUCANE, como o Pré-vestibular, Dança Afro, Capoeira, Oborin Dúdú, Música, Artes, Agentes de Pastoral Negros e Ações comemorativas. Os coletivos de dança afro, por exemplo, foram articulados por Verônica da Pas para ocupação do espaço, como é o caso da cia Negraô, que promovia oficinas de dança gratuitas no museu, se propondo também a um papel formativo ao discutir sobre a cultura negra no final das oficinas (BARBOSA, 2012, p.26).

Algumas fotos do acervo de Felipe Scardua, filho de Verônica da Pas, doadas ao Mucane, mas ainda sem organização, foram compartilhadas comigo por Jaiara Dias Soares⁴² e demonstram algumas dessas ações e ocupações. Nelas [Fig. 4 e 5] vemos os alunos do curso pré-vestibular ministrado no museu. A partir deste registro [Fig. 4] podemos mensurar a quantidade de alunos alcançados por essa atividade realizada pelo museu. Enquanto no outro registro [Fig. 5] vemos como esta atividade coabitava o Mucane com as atividades de dança.

⁴² Jaiara Dias Soares pesquisa a vida de Maria Verônica da Pas como tema de seu trabalho final de graduação no curso de Ciências Sociais da UFES. Além disso, Jaiara também foi pesquisadora contratada do Mucane no período de 2018 a 2020.



Figura 4: Mural de alunos do Curso Pré-Vestibular. Mucane, 1995. Crédito: Acervo pessoal de Felipe Scardua doado ao Mucane em data desconhecida.

∴



Figura 5: Mural de alunos ao lado de mural de atividades. Mucane, 1995. Crédito: Acervo pessoal de Felipe Scardua doado ao Mucane em data desconhecida.

Essas fotografias foram tiradas durante a Vigília Cultural em homenagem à Zumbi dos Palmares realizada em 1995, que contou com diversas atividades e exposições. Outro registro [Fig. 6] da Vigília Cultural apresenta com mais detalhe o mural com vários cartazes, que está ao lado da figura 4, fazendo referência à memória de Zumbi dos Palmares, a seminários, à presença da Cia Negraô no museu, entre outras atividades.



Figura 6: Mural de atividades com cartazes. Mucane, 1995. Crédito: Acervo pessoal de Felipe Scardua doado ao Mucane em data desconhecida.

A gestão do Mucane nos primeiros anos se configurou da seguinte maneira: Maria Verônica da Pas – 1994-1996, Edileuza Penha de Souza, Zuilton Ferreira e Madalena Telles – 1996-2001, Washington Anjos dos Santos – 2001-2008. Entre 2008 e 2012, a Secretária Municipal de Cultural de Vitória (SemC)

esteve à frente da gestão do museu⁴³. O Mucane acaba se inserindo em um contexto que organiza, discute e reflete sobre as produções culturais afro-brasileiras, como é indicado em *Negros no Espírito Santo*: “o Museu não diz respeito apenas às lembranças do passado, ele é um lugar de construção de identidade e memória, principalmente, para as futuras gerações” (ARAÚJO, OLIVEIRA, 2016, p.26). Construção essa que se dá revelando posições e conflitos, como Cunha identificou sobre os patrimônios culturais:

Sendo assim, é necessária a reflexão sobre o que se esconde e se revela no patrimônio preservado, considerando que os referenciais implícitos e explícitos nas materialidades e imaterialidades são múltiplos e complexos, e que preservar é sempre uma ação política, com consequências que ultrapassam o ato de preservar em si. Neste sentido, paradoxalmente, a preservação é ao mesmo tempo necessidade e risco. Necessidade, pois precisamos evidenciar nossa trajetória histórica, e por isso mesmo é também um risco, já que nas escolhas sobre o que preservar, existe muito mais exclusão do que inclusão. Isto se agrava pela ação de quem detém o poder político de escolher o que vai ser preservado, pois esse processo pode levar a visões e ações hegemônicas sobre a memória e sua preservação patrimonializada. (CUNHA, 2017, p. 80)

A posição de coadjuvante que o poder público tem na história do museu colabora com questões importantes levantadas por Fernanda Castro Barbosa, em relação à formação do MUCANE e a memória retratada, como a ausência de um passado relativo ao prédio no qual funciona o museu desde 1994, o antigo Departamento Estadual de Estatística (DEE), que tinha o térreo ocupado por uma delegacia. A autora destaca, nesta crítica, a questão do apagamento de um tema importante, levando em consideração os números que envolvem pessoas negras em cárcere e os números da violência no estado (BARBOSA, 2015, p.64). Segundo dados recolhidos em entrevista com Elidio Netto, era possível ver a delegacia pelas frestas do chão durante as aulas de dança (Entrevista 6 - Anexos). Esta é uma história que não está demarcada no espaço, permanecendo na memória oral tanto de entrevistados quanto dos funcionários⁴⁴ ou ainda de poucas pessoas.

A falta de políticas públicas voltadas à preservação, manutenção e apoio ao Mucane, de 1993 até 2007 acabou acompanhando e determinando um

⁴³ Como não encontramos essa informação em outras fontes, direcionamos essa dúvida à Suely Bispo, obtendo este dado posteriormente a entrevista realizada com ela.

⁴⁴ O bibliotecário do museu, João, que me acompanhou na minha primeira visita ao museu, também contou essa história sobre o passado do prédio.

cenário de precarização da democratização de sua trajetória histórica e patrimonial. Zuilton Ferreira comentou em sua entrevista que, na divisão de funções com outras figuras na gestão em sua época, como Edileuza e Madalena, por exemplo, ele era o responsável pela articulação com o governo estadual, e que o museu passou de 1996-2001 sem nenhum respaldo do governo estadual. Ele exemplifica essa falta de respaldo comentando que só sabiam que podiam continuar ocupando o espaço porque a água e luz não eram cortadas. Além disso, tanto ele quanto Edileuza Penha de Souza relatam que o trabalho exercido era voluntário.

A dificuldade desta pesquisa em reunir um levantamento das atividades realizadas de 1993/1994 até 2012 a partir da observação nos cadernos de registros e das entrevistas e conversas realizadas refletem, de certa forma, essas questões que foram apresentadas nas entrevistas sobre a dificuldade de gestão do museu pela negligência do poder público. Analisemos a tabela a seguir:

Atividades realizadas no Mucane até 2012				
Nº	Ano	Nome	Ficha Técnica	Tipo
1	1994	Vigília Cultural		
2	1995	Influência negra na cultura brasileira		Exposição
3	1995	Instrumentos musicais primitivos em cerâmica - Vigília Cultural	Zuilton Ferreira	Exposição
4	1995	Estandartes - relicários afros - Vigília Cultural	Zuilton Ferreira	Exposição
5	1995	Exposição em homenagem ao Mestre Balduino (Balduino, El Africano), o Rei do Pandeiro - Vigília Cultural		Exposição
6	1996	Vigília Cultural 301 anos de Zumbi dos Palmares		
7	1996	3º Encontro Estadual da Mulher Negra	Associação de Mulheres Negras Oborin Dudù Comissão organizadora: Ana Lúcia Rocha Conceição, Benedita Nascimento Martins, Cláudia Marisa Diniz Pinto, Edileuza Penha de Souza, Ester Nascimento Mattos, Ilma Viana, Isabela Araújo Marins, Maria Lígia Rosa, Maria das Graças Ferreira, Nelma Gomes Monteiro	Encontro
8	2000	500 anos de Resistência do Povo Brasileiro	Organização: Mucane, Agência Avivar Negros, Associação de Mulheres Negras Oborin Dudu, Grupo Cativoiro Capoeira, Grupo de Dança Afro Negraô Artistas: Angela Gomes, Bi Farias, Claudia Solé, Denise Blum, Dionízio, Elizete Martins, Geni Gomes Moreira, Glícia Paganotto, Irineu Ribeiro, José Luiz Soares, Kao Yien, Katiane Satler, Lindaura de Oliveira, Luciano Cardoso, Marcelo Vieira, Maressa Monserrat, Marian Rabello, Olíria Sarcinelli, Rogério Afonso, Sazito, Zuilton Ferreira e Nice Nascimento Avanza	Catálogo; Publicação

Tabela 1: Levantamento de exposições realizadas no Museu Capixaba do Negro de 1993 até 2012, feita ao longo da pesquisa.

Autoria pessoal.

Segundo os dados da tabela, há uma significativa presença do artista Zuilton Ferreira nas atividades. A entrevista com o artista além de contribuir para a composição de dados da tabela, trouxe informações que podem indicar caminhos para uma investigação mais apurada. Segundo Zuilton, uma exposição de fotografias de Rogério de Medeiros⁴⁵ teria sido a primeira exposição realizada no Mucane. E, ressalta ainda que teria participado de mais de 20 exposições no museu entre os anos de 1990 e 2000, tendo ocupado o espaço do museu com um ateliê, assim como o artista Luciano Feijão. Na entrevista, o artista comentou também sua participação e a existência de vários eventos realizados no dia 20 de novembro, data relevante no âmbito do movimento negro. A Vigília Cultural, por exemplo, era um destes eventos promovidos em celebração à história de Zumbi dos Palmares.

Edileuza Penha de Souza comentou em entrevista que a constituição de um acervo era um interesse institucional desde a fundação do museu (Entrevista 15 - Anexos). Esse dado se confirma também quando lemos o artigo 5 do decreto de 3.257 de 1993 que fala sobre os elementos considerados para a constituição deste acervo.

Seguindo nessa análise sobre elementos constitutivos de um museu, na entrevista com Vanda Vieira de Souza (Entrevista 17 – Anexos), fica evidente que entre os anos de 2009 e 2010 houve movimentações para constituição de um Plano Museológico para o Mucane, contando com reuniões com Raul Lody para auxiliar a construção deste documento – Lody é um autor renomado e já citado como referência bibliográfica, mas exerceu também o cargo em outras instituições museais, como curador da Fundação Gilberto Freyre e da Fundação Pierre Verger. Contudo, essa articulação não foi para frente e Souza nos revelou que um documento que reunia informações sobre a história do museu e do passado do prédio anterior a 1993, acabou sendo feito com o auxílio de modelos enviados por Ronaldo Barbosa. Segundo a entrevistada, este documento foi usado para a inscrição em editais públicos no intuito de captar recursos e possibilitar a constituição do Plano Museológico, que até hoje não foi concluído,

⁴⁵ Rogério de Medeiros é fotógrafo e jornalista, reconhecido pela sua dedicação ao registro de festas, manifestações folclóricas e folguedos populares no Espírito Santo.

como veremos mais à frente.

Na trajetória de gestão do Mucane é possível perceber o interesse por um debate diante da museologia e da Política Nacional de Museus, criada em 2003, mesmo ano também da criação da lei 10.639, que fala da obrigatoriedade do ensino da cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas. No texto intitulado *ABERTURA DA 6ª PRIMAVERA DOS MUSEUS NO MUSEU CAPIXABA DO NEGRO - MUCANE*, Washington Anjos faz um panorama da política museológica, comentando importantes momentos da museologia mundial, e como as atividades do Mucane o colocam como um ecomuseu, um museu comunitário, da diáspora africana, pelo protagonismo da população negra, na responsabilidade com a instituição e, como essa forma de se pensar os museus esteve presente desde o surgimento do Mucane, enaltecendo a figura de Verônica da Pas. Anjos foi coordenador do museu entre 2001 e 2008, como vimos acima, e percebe-se nas entrelinhas de seu texto a preocupação de constituição de um Plano Museológico. O autor ainda apresenta outros museus do negro pelo mundo que também são comunitários e em diferentes partes do texto destaca a posição negativa das ações da PMV em relação ao museu. A leitura desse texto nos permite perceber as formas que o museu vem desenvolvendo a vocação de ser comunitário ou, ainda, um museu vivo como está presente no discurso de Edileuza Penha de Souza (Entrevista 15 - Anexos) e da recente ex-coordenadora, Thaís Amorim (Entrevista 1 – Anexos).

As denominações usadas por Washington dos Anjos para o Mucane, ecomuseu e museu comunitário, acompanham as cunhadas no campo da museologia, uma vez que vemos que “a nova museologia, desde a sua origem abrigava diferentes denominações” (CHAGAS, GOUVEIA, 2014, p.15 e 16) como as já citada e outras. A respeito disso, é necessário acompanharmos os movimentos nesta área, uma vez que o termo nova museologia teria perdido força na década de 1990 para as novas denominações, museologia social ou sociomuseologia, uma vez que aqueles que tinham tomado para si a narrativa sobre o termo tinham passado a enquadrá-lo de maneira normativa (CHAGAS, GOUVEIA, 2014, p.13 e 16) se assemelhando a prática que instituía os museus tradicionais. Assim, as elaborações e discussões sobre a museologia social revelam não só a existência de múltiplas expressões designatórias, mas suas múltiplas potencialidades e um fluxo cotidiano (CHAGAS, GOUVEIA, 2014,

p.16).

A narrativa que carrega o Mucane como um ecomuseu, museu comunitário e museu vivo, e, portanto, em movimento e pulsante, indicam caminhos para uma elaboração sobre ele e a discussão proposta por Chagas e Gouveia em relação à museologia social. Segundo os autores, a afirmação de que toda museologia é social além de pseudocientífica, banaliza o termo social e retira dela e dos museu “sua dimensão histórica e, portanto, política” (CHAGAS, GOUVEIA, 2014, p.16). Ainda completam dizendo que o que dá sentido à museologia social são “os compromissos sociais que assume e com os quais se vincula” (CHAGAS, GOUVEIA, 2014, p.17).

Toda museologia e todo museu existem em sociedade ou numa determinada sociedade, mas quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas; estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária; estamos reconhecendo que durante muito tempo, pelo menos desde a primeira metade do século XIX até a primeira metade do século XX, predominou no mundo ocidental uma prática de memória, patrimônio e museu inteiramente comprometida com a defesa dos valores das aristocracias, das oligarquias, das classes e religiões dominantes e dominadoras.” (CHAGAS, GOUVEIA, 2014, p.17).

Identificamos nessa relação entre a discussões sobre a museologia social e o Mucane algumas confluências, o museu é criado em 1993, mesmo ano que o termo sociomuseologia é citado pela primeira vez⁴⁶. A criação do museu se propõe repensar a estrutura de um museu tradicional, focado principalmente na classificação taxonômica de objetos e obras e é articulado já no Decreto 3.527 de 1993 em que já demonstra um comprometimento com o combate ao preconceito racial através da promoção da preservação e pesquisa sobre a história e a cultura negra, da democratização do acesso à informação. Se reafirma no decreto em 15.078⁴⁷ de 2011 quando reafirma estes objetivos no artigo 2 e pensa entre outros objetivos, atividades permanentes e um processo

⁴⁶ O termo sociomuseologia foi designado pela primeira neste ano na Ordem de Serviço nº 27/93, do Instituto Superior de Matemática e Gestão (ISMAG). em Lisboa, Portugal (CHAGAS, GOUVEIA, 2014, p.14).

⁴⁷ <https://leismunicipais.com.br/a/es/v/vitoria/decreto/2011/1507/15078/decreto-n-15078-2011-institui-o-museu-capixaba-do-negro-mucane-integrado-a-estrutura-organizacional-da-secretaria-de-cultura>

participativo, a valorização e o diálogo interartes nas suas distintas manifestações artísticas, eruditas ou populares, que guardam a marca da memória do negro em nossa história.

Art. 2º O Museu Capixaba do Negro tem como objetivos:

I - desenvolver ações técnicas referenciadas na perspectiva histórica e socioantropológica, procurando reatar os laços com a diáspora negra e promovendo trocas entre a tradição, a herança local e a inovação global;

II - pautar ações programáticas sob o enfoque da preservação, orientadas para a valorização da pluralidade cultural e a identificação de preconceitos e discriminação;

III - reconhecer a importância da presença negra na construção da sociedade brasileira, em especial, no que se refere à Cidade de Vitória;

IV - valorizar o diálogo interartes nas suas distintas manifestações artísticas, eruditas ou populares, que guardam a marca da memória do negro em nossa história;

V - priorizar as ações destinadas à formação e à educação, voltadas às perspectivas museológicas de inclusão sociocultural;

VI - fortalecer os vínculos entre arte e identidade, determinando a valorização de culturas e povos condenados à marginalização e promovendo a auto-estima do cidadão e da cidadã negros ou mestiços brasileiros;

VII - divulgar e estimular o conhecimento da produção artística e científica afro-brasileira;

VIII - evidenciar que as produções artísticas e manifestações simbólicas diversas revelam, direta ou indiretamente, a presença do negro no Brasil como povo fundador da nossa cultura;

IX - apoiar a formação do professor em relação à aplicação da Lei nº 10.639, de 2003, que reafirma e atualiza as proposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e torna obrigatório, em nível nacional, o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira na educação básica;

X - promover a formação de público, a partir de diferentes estratégias desenvolvidas pelos diferentes setores do Museu, em consonância com seus objetivos;

XI - promover campanhas de esclarecimento da comunidade sobre a importância artístico-cultural do acervo e das atividades do Museu Capixaba do Negro, mobilizando a opinião pública para garantir sua conservação e proteção, bem como para participar de suas atividades;

XII - articular-se com outras instituições congêneres visando uma maior cooperação regional e internacional na investigação e divulgação da história e das expressões culturais de matriz africana e à promoção de um maior respeito e conhecimento da diversidade, sua herança e sua cultura;

XIII - promover o reconhecimento da importância da interseção da história africana com a brasileira para transformar as relações entre os diversos grupos étnico-raciais que convivem no país.

Veremos ao longo deste capítulo e do próximos como estes objetivos elencados no artigo 2 do decreto de são desenvolvidos. Além de tudo, este decreto composto por um total de 12 artigos, assinado pelos representantes da PMV⁴⁸ em 2011 demarca a transferência de responsabilidade do estado para o

⁴⁸ Os representantes que constam no documento são: João Carlos Coser - Prefeito de Vitória, Alcione Alvarenga Pinheiro - Secretário Municipal de Cultura, João José Barbosa Sana -

município, instituindo o Museu Capixaba Do Negro - Mucane, Integrado à Estrutura Organizacional da Secretaria de Cultura, com este assumindo a obra de restauro e a reorganização espacial do museu.

O restauro simbolizou mais uma conquista daqueles que lutavam pela permanência do museu, posto que ele é a materialização de anos de conversas e articulações para a adequação do espaço em que o Mucane está instalado oficialmente desde 1994. As obras de restauro aconteceram sob a gestão municipal indicada pelo decreto de 2007/2008. Observamos que o restauro do museu teve como consequência o fechamento do prédio para as atividades durante 3 anos, e 2012 destaca-se na trajetória do museu por marcar a data de reinauguração, com a finalização das obras de restauro. A reinauguração do Mucane representou um marco muito importante para o museu e para a sociedade, de forma geral, pois trouxe consigo uma série de mudanças.

A primeira mudança que podemos indicar está na alteração do espaço físico do museu, que passa a ocupar todo o prédio; desde 1994 apenas as salas superiores eram ocupadas pelo Mucane, tendo um acesso individualizado da delegacia por uma escada que foi retirada depois da reforma [Fig. 7]. Outra mudança que pode ser observada foi a criação de um prédio anexo, no qual foram instaladas salas multiuso com tratamento para utilização de oficinas de dança e a biblioteca, como pode ser verificado no relatório de acompanhamento da obra de restauro [Fig. 8, 9,10 e 11], gentilmente cedido à pesquisa por Vanda de Souza Vieira.

A segunda é a valorização do imóvel enquanto patrimônio, explícito através do acompanhamento da obra de restauro por uma empresa competente e pela representante da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) de Vitória, Vanda de Souza Vieira.

Secretário Municipal de Cidadania e Direitos Humanos, Vania Carvalho De Araújo - Secretária Municipal de Educação, Kleber Perini Frizzera - Secretário Municipal de Desenvolvimento da Cidade e Antônio Olímpio Bispo - Secretário Municipal de Turismo.



Figura 7: Vista do pátio interno e prédio nas obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza.



Figura 8: Imagem da construção do anexo do Mucane. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza.



Figura 9: Vista interna do prédio nas obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza.



Figura 10: Vista externa do prédio nas obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza.



Figura 11: Visita da Ministra Luiza Bairros às obras de restauro do Museu Capixaba do Negro. Na fotografia constam: Vanda Vieira de Souza, Luiza Bairros, João Coser (prefeito na época), entre outros. Mucane, 2011. Crédito: Acervo pessoal de Vanda Vieira de Souza.

Vale salientar que as outras intervenções observadas no espaço do museu, seja de restauro ou reforma, só aconteceram em 2021 e 2022, respectivamente, obras de reforma no hall de entrada, auditório e no telhado, e, correção de infiltrações e reparos nas pinturas, estrutura metálica e alvenaria.

A terceira mudança é o funcionamento do Conselho Gestor do Mucane (COGEMU) em conjunção com o espaço, como é indicado por Fernanda Castro Barbosa (2015, p.73), já que a primeira eleição do COGEMU aconteceu em outubro de 2011. Nos trechos destacados abaixo, do decreto de 2011, podemos notar as competências e a composição do COGEMU.

Art. 5º Para a administração do Museu Capixaba do Negro será criado um Conselho Gestor, vinculado à Secretaria de Cultura.

Parágrafo Único - A Secretaria de Cultura, no prazo de até 30 (trinta) dias após a publicação deste Decreto, adotará as providências necessárias à instalação do Conselho Gestor do MUCANE para o desenvolvimento regular dos seus trabalhos.

Art. 6º O Conselho Gestor do MUCANE, de caráter consultivo, tem por finalidade discutir e propor a política cultural do Museu e a participação da comunidade negra na sua administração.

Art. 7º O Conselho Gestor do MUCANE terá a seguinte composição:

I - 01 (um) representante da Secretaria de Cultura - SEMC;

II - 01 (um) representante da Secretaria de Educação - SEME;

III - 01 (um) representante da Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos - SEMCID;

IV - 01 (um) representante da Secretaria de Desenvolvimento da

Cidade - SEDEC;

V - 01 (um) representante da Secretaria de Turismo - SEMTUR;

VI - 05 (cinco) representantes indicados pelas entidades legalmente organizadas do Movimento Negro, sediados em Vitória.

Parágrafo Único - O Conselho Gestor do Museu será coordenado pelo representante da Secretaria de Cultura e por esta designada, sendo que os demais representantes por ato do(a) Secretário(a) da referida pasta.

Art. 8º Compete ao Conselho Gestor do MUCANE:

I - constituir e aprovar o seu Regimento Interno, bem como suas alterações posteriores;

II - aprovar o Planejamento Estratégico e o Plano Museológico;

III - discutir e propor a política cultural do MUCANE;

IV - manifestar-se sobre o gerenciamento de acervo.

Parágrafo Único - A forma de atuação do Conselho Gestor será regulamentada por seu Regimento Interno, que deverá ser instituído e aprovado no prazo de 30 (trinta) dias após a posse dos representantes indicados.

A quarta é a volta do reconhecimento institucional da gestão do museu pelo poder público, que ficou desde o final da gestão de Verônica da Pas relegado ao descaso do governo estadual, segundo vimos no relato de Zuilton Ferreira (Entrevista 16 - Anexos). Percebemos então que apenas a partir de 2012 a gestão do Mucane passa a ser um trabalho remunerado e não mais voluntário, sendo indicado conforme o artigo 4º do decreto 15.078 de 2011, dizendo que “compete à Secretaria de Cultura implantar e gerenciar o Museu Capixaba do Negro”. Desde então, a configuração da coordenação do Mucane se deu da seguinte maneira: Suely Bispo – 2012-2013, Wellington Barros – 2013-2017, Thaís Souto Amorim – 2017-2021 e Jocelino Júnior, que assumiu em 2021 e é o atual coordenador. Esta informação é relevante para poder destacar as ações da gestão em conjunto com o desenvolvimento das atividades que foram realizadas no museu a partir de 2012.

Neste sentido, notamos a existência de cadernos de registros de atividades para consulta e sob a salvaguarda do museu apenas a partir de 2012, na reinauguração, que é marcada pela exposição Nos caminhos Afro – 170 fotografias de Pierre Verger. A partir destes cadernos e da coleta de dados de outras fontes, como as entrevistas realizadas, notícias e no acervo, demonstraremos a seguir o levantamento das atividades do museu. Além disso, para as análises que realizaremos a partir daqui é importante estarmos contextualizados com o artigo 9º do decreto de 2011 que se compromete com a realização de atividades permanentes no Mucane:

Art. 9º São atividades permanentes do Museu Capixaba do Negro - MUCANE:

I - manter em exposição o acervo do Museu;

II - realizar exposições temporárias;

III - oferecer oficinas educativas e visitas orientadas às exposições do Museu;

IV - garantir a circulação do conteúdo cultural de uma parte do acervo para outras cidades do Estado do ES;

V - produzir material educativo;

VI - desenvolver atividades e materiais educativos para público com necessidades especiais;

VII - estabelecer parcerias com instituições públicas para a visita orientada a alunos da rede pública estadual e municipal;

VIII - oferecer cursos para professores da rede pública;

IX - ampliar os acervos por meio de aquisições;

X - aprofundar pesquisa sobre o acervo, artistas e núcleos temáticos;

XI - disponibilizar as informações dos bancos de dados dos acervos do Museu no site;

XII - comemorar aniversário da cidade de Vitória (8 de setembro);

XIII - participar da Semana Nacional de Museus (maio);

XIV - comemorar data da Abolição da Escravatura (13 de maio);

XV - comemorar aniversário de criação do MUCANE (13 de maio);

XVI - comemorar mês nacional da consciência negra (novembro);

XVII - realizar eventos de lançamentos de livros;

XVIII - capacitar os funcionários administrativos e operacionais sobre o conceito e o acervo do MUCANE;

XIX - capacitar funcionários para o atendimento ao público;

XX - captar recursos próprios mediante projetos incentivados por leis de renúncia fiscal e equivalente, campanhas de doações e parcerias com a iniciativa privada.

2.2 Exposições do Mucane: levantamento e análise de dados sobre as exposições realizadas no Mucane desde 2012

Como vimos, a promoção de exposições, entre outras atividades, acontece no Mucane desde a sua abertura como forma de manter o museu em atividade, ocupado e garantindo sua existência e resistência. Além disso, vemos como as exposições temporárias integram o segundo ponto do artigo 9º do decreto de 2011. Tendo isso em vista no momento das entrevistas, tanto Karenn Amorim (ex-educadora do Mucane) quanto Thaís Souto Amorim (ex-coordenadora do Mucane) indicaram a existência de cadernos de registro de atividades e públicos sobre as atividades do museu, onde estariam registros de público sobre as exposições. Foi então solicitado o acesso a este material e Karenn Amorim acabou mediando este acesso junto com Jocelino Júnior (atual coordenador) e a equipe de estagiárias do educativo Nataly Volcati e Jaíne Muniz, que me entregaram esses registros para que eu pudesse analisá-los.

A partir destes cadernos de registros indicados tivemos o primeiro contato com uma organização de dados sobre as atividades realizadas no museu. Se destacam quantitativamente nestes cadernos os registros sobre as exposições de artes visuais que foram realizadas. Como esses cadernos não estavam nomeados, para fins de organização, criei nomes para facilitar a localização dessas informações de forma individual ou mesmo agrupada: Caderno de Registros do Museu "1", Caderno de Registros do Museu "2", Caderno de Registros do Museu "3", Caderno de Registros do Museu "4", Caderno de Registros do Museu "5", Pasta Preta e Fichário Azul. Os cadernos de registros como um todo organizam informações, assinaturas de visitantes às exposições e atividades do museu e são o ponto de partida para o levantamento de informações, que tablei tanto sobre exposições quanto outras atividades de forma geral.

Além deste material, foram realizados outros movimentos de investigação: quando possível, aconteceram conversas ou entrevistas com os artistas e participantes das atividades para a composição dos dados da tabela, o levantamento de notícias com o uso do mecanismo de busca do site da Prefeitura de Vitória através da palavra-chave "mucane" e, os dados do Relatório

de Gestão sobre o Mucane de 2017-2019⁴⁹ enviados para Secretaria de Cultura do Município de Vitória. Como resultado da investigação no mecanismo de busca do site da prefeitura foram encontrados 989 resultados com o filtro comentado. Além disso, os dados obtidos auxiliaram na composição de dados do levantamento, como a ficha técnica, a realização e o tipo de exposição, que não constavam nas informações disponíveis nos cadernos, já que estes, em sua maioria, têm como característica mais evidente o registro de público visitante, com exceção da pasta preta e do fichário azul. Na pasta preta, por exemplo, encontramos o Catálogo 500 anos de Resistência do Povo Brasileiro, publicação dos anos 2000.

Além da Tabela 1 apresentada anteriormente, a partir desse levantamento foram geradas mais duas tabelas, uma apenas sobre as exposições [Tabela 2 - Anexo] e a outra sobre as demais atividades realizadas no museu [Tabela 4 - Anexo]. Para este subcapítulo selecionamos apenas a tabela que traz dados sobre as exposições, a outra tabela será analisada no próximo capítulo. Estas duas tabelas trabalham com dados a partir da reabertura do museu após a reforma e restauro em 2012. Tendo em consideração o número elevado de dados obtidos, foram selecionadas para a análise algumas categorias do levantamento realizado.

Sobre a tabela das exposições [Tabela 2 - Anexo] realizadas no museu, as categorias selecionadas são: ano, nome da exposição, ficha técnica da exposição, tipo (acervo, individual ou coletiva) e realização (independente, edital, externa). A partir dessas categorias vários movimentos de análise se tornaram possíveis, como veremos a seguir, dentre as 45 exposições que foram listadas na tabela.

Em relação ao tipo de exposição notamos que as exposições coletivas (15) representam um número maior em relação às outras no total de exposições, seguida, respectivamente, das individuais (09) e de exposição de acervo (07). Como vemos na Tabela 2, a pesquisa não conseguiu preencher a ausência desta informação em relação a todas as exposições apresentadas e nestas lacunas consta a frase sem informação.

⁴⁹ Estes relatórios foram compartilhados pela ex-coordenadora do Mucane Thaís Souto Amorim.

A partir da investigação no mecanismo de busca do site da prefeitura com o filtro comentado, houve o conhecimento de mais 15 exposições que não constavam nos cadernos do museu, sendo elas:

1. Comemoração de 1 ano do programa Afro-Diáspora
2. II Feira Criola - Exposição "De Onde Venho"
3. Exposição Carnaval 2013
4. III Feira Criola
5. Encontro Nação Hip-Hop - Exposição Nação
6. IV Feira Criola
7. 1º Encontro Estudantil com Histórias Afro-Brasileiras
8. "A Beleza da Mulher Negra – Olhares e Reflexões"
9. Afrocor
10. Exposição Acervo Fames
11. FEMINEM - Juarez e a Luta Contra o Femicídio
12. Exposição "Vamos Falar de Acervo?"
13. Lançamento de CD do grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo (GCAVAM) - Exposição de desenhos de Huemerson Leal e de imagens do fotógrafo Douglas Bonella
14. Exposição "Os arredores da minha convivência e suas belezas"
15. #mariELASsim: pelas vidas das Mulheres, por direitos e contra os retrocessos - Exposição "A Voz que nos Pariu"

Podemos notar a partir das 15 exposições citadas a presença de exposições resultantes de eventos realizados no Mucane. Nesta lista identifica-se 3 edições da Feira Criola, o Slam #mariELASsim, o Encontro Nação Hip-Hop e o lançamento do CD do grupo de capoeira. Estes dados nos permitem perceber a abertura que o Mucane tem para diversas atividades, com organizações de exposições que são independentes, ou isoladas, configurando-se em um museu que não coloca apenas os objetos como centro, mas articula os objetos com ações que são relevantes na relação do museu com a sociedade.

Isto se repete quando a presença de manifestações representativas do patrimônio imaterial capixaba aparece entre as temáticas promovidas pelas exposições, como o Congo, Jongo e o Caxambu, como vemos respectivamente

nas exposições *O congo entre nós* (2016), *Memorial de Mestres - Jongos e Caxambus no ES* (2017) e *Todas as Faces de Maria* (2014), mais diretamente. Isto porque mesmo indiretamente diversos grupos de Congo, por exemplo, já participaram de ações sobre as mais diversas exposições. O Congo é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Estado do Espírito Santo, tendo um registro e reconhecimento na esfera estadual desde 2014⁵⁰, enquanto o Jongo e o Caxambu são reconhecidos pelo registro na esfera federal, ou seja, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desde 2005. Notamos que a exposição *Memorial de Mestres - Jongos e Caxambus no ES* realizada no Mucane em 2017, apresentou um conjunto completo dos materiais produzidos em pesquisas como as realizadas pelo Programa de Extensão “Jongos e Caxambus: memórias de mestres e patrimônio cultural afro-brasileiro do ES” da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) (Carneiro, Lourenço, Guimarães, 2020, p.869).

Além das citadas, percebemos a presença de outras manifestações da cultura imaterial afro-brasileira entre as exposições do Mucane, como a capoeira, que promoveu uma exposição de desenhos de Huemerson Leal e de imagens do fotógrafo Douglas Bonella, no lançamento de CD do grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo (GCAVAM). O samba também esteve representado, na exposição sobre o carnaval, intitulada *Carnaval 2013*. Destaca-se ainda a Comunidade dos Arturos, que recebe o registro de patrimônio imaterial como comunidade pelo Estado de Minas Gerais e esteve representada na exposição da artista Charlene Bicalho, *Olha pra trás e põe sentido*.

No que diz respeito ao levantamento de exposição e às gestões, de acordo com os documentos que tivemos acesso, vimos que a partir de 2012, ou seja, a partir da gestão de Suely Bispo, inicia-se um movimento de registro dos dados de atividades e ações para a reorganização do espaço do museu, como se encontra atualmente, destacados por Bispo, em entrevista nesta pesquisa, como sendo uma das contribuições de sua gestão para o museu. Em seu período foram realizadas 7 exposições: *Nos caminhos Afro – 170 fotografias de Pierre Verger*, *O corpo da luta: a experiência quilombola no Espírito Santo*, *Olha pra*

⁵⁰ <https://secult.es.gov.br/congo-bem-imaterial-do-espírito-santo>. Acesso em 04 de novembro de 2022.

trás e põe sentido, "De Onde Venho" - II Feira Criola, Exposição Carnaval 2013, Exposição Fotografias – ENEART – MUCANE e Afroarte - Arte em Fibras Naturais - Mônica Forde.

Como demonstrado na dissertação de Fernanda Castro Barbosa, a exposição *Reino, Escudos e Máscaras* marca um período de transição entre gestões, pois começa sendo discutida ainda na gestão de Bispo, que durou até outubro de 2013, mas termina realizada em novembro de 2013, no início da gestão de Wellington Barros. Durante a gestão de Suely Bispo, Barros era membro do COGEMU como representante da UNEGRO (União dos Negros pela Igualdade). Neste sentido Barbosa demonstra alguns desencontros entre opiniões do COGEMU, coordenação e o poder público em relação à presença desta exposição no museu. Para a autora, os conflitos encontrados para a realização da exposição apontam para uma questão importante de poder e legitimação de narrativas sobre os negros (Barbosa, 2015, p.129 e 130).

Durante a gestão de Wellington Barros foram realizadas 17 exposições:

1. III Feira Criola
2. Reinos, Escudos e Máscaras
3. Todas as faces de Maria
4. Nação - Encontro Nação Hip-Hop
5. IV Feira Criola
6. Orisun Asa – Exposição de Filatelia
7. Rastros – Intercâmbio África/Brasil na Arte Contemporânea
8. Oba: entre deuses e homens por Juliana Pessoa
9. Exposição Fotográfica Projetando Identidades
10. 1º Encontro Estudantil com Histórias Afro-Brasileiras
11. “A Beleza da Mulher Negra – Olhares e Reflexões”
12. Afrocor
13. Exposição Acervo Fames
14. O congo entre nós
15. Torções
16. Semana de Arte Moderna da Juventude Afroameríndia
17. FEMINEM - Juarez e a Luta Contra o Femicídio

A gestão de Barros é marcada pela criação do Edital de Ocupação do Mucane⁵¹, criado em 2015. Segundo a divulgação realizada via site da PMV⁵², o edital teve o intuito de oferecer a artistas e produtores negros mais oportunidade de acesso ao cenário artístico cultural. A autodeclaração como negro ou pardo, segundo o IBGE, foi pré-requisito para participação e inscrição no edital. Além disso, o edital contempla duas categorias, Exposição Artística e Ação Cultural, e prevê a doação de pelo menos uma obra da exposição para o acervo do museu. Vimos nesta mesma divulgação que criação de editais de ocupação faziam parte do Plano Municipal de Cultura, que estabelecia diretrizes para as políticas culturais municipais entre 2014 e 2024, sendo realizado em outros espaços geridos pelo município, como o Museu Histórico da Ilha das Caieiras “Manoel Passos Lyrio” (Museu do Pescador) e a Galeria Cônego Mauricio Mattos Pereira “Memorial Da Paz”. A primeira exposição realizada a partir do Edital de Ocupação do Mucane é a exposição de Torções, de Luciano Feijão, realizada em 2016, quase no fim da gestão de Barros.

Para a percepção do cenário regional, nos importa destacar que nos editais de ocupação, tanto do Museu do Pescador⁵³, quanto do Memorial da Pas⁵⁴ e da Casa Porto, não há nenhuma política racial para pessoas pretas sendo citada ou considerada para seleção e inscrição dos participantes neste mesmo ano de 2015 e nos demais anos que seguem até 2019⁵⁵, o que coloca o Mucane como o único espaço no município de Vitória com essa característica, conforme é destacado pela artista Kika Carvalho em entrevista (Entrevista 8 – Anexos). Acrescentando a esta análise dos editais, vemos que mesmo no âmbito estadual, a exclusividade do Mucane como o único museu ou espaço cultural com políticas públicas voltadas aos artistas e produtores pretos, principalmente no campo das Artes Visuais, só é modificado no ano de 2021. Neste ano foi

51

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=9186>

52 <https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/inscricoes-abertas-para-edital-de-ocupacao-do-mucane-19391>

53

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=9224>

54

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=9172>

55 Essa informação foi confirmada em pesquisa pelos editais de 2011 a 2022 publicados no Portal de Documentação Oficial da Prefeitura de Vitória, que pode ser acessado no seguinte endereço: <<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/?tp=template3&c=78>>.

instituída a reserva de duas vagas a projetos propostos por pessoas autodeclaradas pretas ou indígenas, no Edital Setorial de Artes Visuais, que promove projetos voltados às exposições pela Secult - ES, órgão do governo estadual.

Acompanhando ainda esta discussão sobre o Edital de Ocupação do Mucane, Thaís Souto Amorim, coordenadora que assume após a gestão de Wellington Barros, revelou que um dos seus projetos durante sua gestão era a alteração do edital, pensando em “novos” artistas e em projetos de residência artística, além da continuidade de outras ações no museu, como a manutenção das oficinas e a reforma e restauro da estrutura do espaço. Quando olhamos para divisão de vagas entre as categorias do edital, percebemos que aquelas reservadas para as ações culturais representam os 80% das atividades e as exposições 20%, confirmando então a afirmação feita por Amorim no nosso primeiro contato. Como exemplo, podemos ver que o edital de 2019 teve 3 vagas para categorias de Exposição Artística e 6 vagas para as ações culturais. Durante a gestão de Amorim foram realizadas três exposições através do edital de ocupação: *Ujuzi: Conhecimento é Poder (2018)*, *Malungas (2018)* e *Paciência de Pescador (2021)*. Esta última exposição foi contemplada no edital de 2019/2020 e foi realizada em 2021 por conta da pandemia pelo coronavírus, que causa a Covid-19.

A exposição *26 anos do Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane)* realizada em 2019 na gestão de Amorim deixa nítida a percepção de Santos, de que esta gestão buscou retomar “relações históricas com o Movimento Negro a partir da construção do histórico da instituição até a sua municipalização” (SANTOS, 2021, p.180). Esta exposição trabalhou com ações que refletiam sobre o museu, a partir da sua arquitetura, o histórico do prédio e do resgate da exposição do acervo *Todas as Faces de Maria*, além de ter apresentado um resgate da vida e obra de Maria Verônica da Pas. Contou com a participação de Karenn de Amorim e Souza, Jaiara Dias Soares, Daniel Amazonas Dos Santos e Nadine Luiza da Silva Vieira, a equipe educativa do museu. Ainda é possível verificar a retomada da gestão de Amorim em ações como a exposição *Afro-tons de Zacimbas a Suelys – Vozes e Olhares Múltiplos (2017)*, que além de ser lida como reflexo desta nova movimentação, demonstra-se também como um movimento de reflexão ao protagonismo de mulheres

negras no território capixaba, como Zacimba Gaba, uma princesa africana escravizada, que fundou um quilombo no norte do Espírito Santo, até Suely, referência à Suely Bispo, antiga coordenadora do museu.

Ao longo dessa gestão acontecem outros eventos com a participação e protagonismo de mulheres negras, seja como artistas, palestrantes ou curadoras, como a exposição *Dandaras: Mulheres Negras da Educação (2017)*, *Transpotências (2017)*, *Malungas (2018)*, que dão apenas um indício das ações desenvolvidas no museu na gestão de Thaís Amorim, que se encerrou ao final de 2021. Assim como Wellington Barros, que era integrante do COGEMU, demonstrando uma relação prévia com o museu antes de assumir a gestão, Amorim trabalhou na área administrativa do Mucane. A gestão dos dois guarda a semelhança no total de exposições realizadas, já que Amorim também totaliza 17 ações, como a de Barros. Vemos abaixo o levantamento de todas as exposições realizadas durante a gestão de Amorim:

1. Transpotências
2. III Circuito de artES 2017 - "Abordagens Afro-Ameríndias
3. Memorial de Mestres - Jongos e Caxambus no ES
4. ÀWA NÌ - Nós por Nós!
5. Dandaras - Mulheres Negras da Educação
6. Arteirartista
7. Exposição "Vamos Falar de Acervo?"
8. Ujuzi: Conhecimento é Poder
9. Afro-tons de Zacimbas à Suelys Vozes Olhares Múltiplos
10. Malungas
11. Exposição do Lançamento de CD do grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo (GCAVAM)
12. Exposição "Os arredores da minha convivência e suas belezas"
13. Exposição "A Voz que nos Pariu" - #mariELASsim: pelas vidas das Mulheres, por direitos e contra os retrocessos
14. 26 anos do Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas" (Mucane) - exposição
15. Gira
16. Paciência de Pescador

17. Erù-Iyá: movimentos antirracistas

O fim da gestão de Amorim acontece em conjunto com a reabertura do Mucane e de outros equipamentos culturais capixabas ao público após o período de fechamento do prédio aos visitantes em decorrência do período de isolamento social. *Gira*, a última exposição que tinha sido aberta ao público, aconteceu entre novembro e dezembro de 2019, com curadoria de Napê Rocha e obras dos Artistas; Felipe Lacerda, Castiel Vitorino Brasileiro, Ione Reis, Julia Muniz, Kika Carvalho, Natan Dias e Rafael Segatto.

As exposições *Paciência de Pescador* de Rafael Segatto e *Erù-Iyá: movimentos antirracistas*, com Curadoria de Mara Pereira e obras dos Artistas: Castiel Vitorino, Kika Carvalho e Yhuri Cruz, marcam esse momento. Ambas as exposições contaram com ações híbridas, acompanhando um movimento que aconteceu em vários equipamentos culturais nessa retomada. *Paciência de Pescador*, por exemplo, teve uma formação para educadores online e *Erù-Iyá* teve um ciclo de conversas transmitidos no youtube.

É neste contexto de reabertura ao espaço físico do museu que Jocelino Júnior assume a gestão, em outubro de 2021. Júnior contou em sua entrevista (Entrevista 14 – Anexos) que estava para assumir a coordenação pedagógica do museu, mas que com a saída de Amorim acabou assumindo a coordenação do museu. O coordenador demonstra que pretende enfatizar na gestão do museu a referência de Zumbi, como cultura ancestral, e Paulo Freire, na ligação com a cultura popular e educação, trabalhando a conexão entre as atividades do museu - exposições e oficinas - estimulando a vivência para criar vínculo. Esta gestão é marcada, principalmente, por projetos independentes de exposições, sejam elas realizadas pelos recursos e auxílios, não necessariamente financeiros, conseguidos pelos próprios artistas ou pelo coordenador. Além disso, a criação de perfil na rede social Instagram permitiu maior facilidade de acessar e acompanhar as atividades do museu. As exposições que aconteceram nessa gestão foram:

1. Black is Beautiful
2. Personalidades Negras e Histórias do Mucane
3. Estandarte Negro cenários e patrimônios do centro histórico de

Vitória

4. Orisas

As 4 exposições citadas que aconteceram até agosto de 2022 foram projetos independentes, com exceção da segunda e da quarta, que contaram também com apoio da SECOM. Tomando como exemplo a segunda exposição, da qual participei na curadoria, pesquisa e organização, além de auxiliar na montagem, podemos notar que o apoio do órgão municipal foi realizado através do empréstimo de suportes para exposição, como molduras [Fig.12] e mesas de exposição molduras [Fig.13] , todos articulados por Jocelino Júnior.



Figura 12: Molduras emprestadas à exposição para a exposição no Mucane no momento da montagem na Biblioteca Joaquim Beato, 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 13: Mesas emprestadas à exposição para a exposição no Mucane no momento da montagem na Biblioteca Joaquim Beato, 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

Das 4 exposições, com exceção de *Black is Beautiful* de Dejair Paulo, as todas as outras foram inauguradas no mesmo dia, em maio, compondo as atividades de comemoração⁵⁶ do aniversário do Mucane, que fazem parte do ciclo de atividades permanentes do artigo 9º do decreto de 2011. Logo, o convite de Jocelino Júnior para que eu e Jaiara Dias Soares auxiliássemos na construção da exposição se deu neste contexto do mês comemorativo, se estendendo também para outros eventos que compunham a comemoração, como a mesa de debate *A contribuição do Mucane para a luta antirracista na cidade de Vitória e no Espírito Santo* com o Conselho Gestor, realizada em 21 de maio [Fig. 14 e 15]. Durante este evento conheci pessoalmente várias pessoas que haviam sido citadas pelos outros entrevistados e participaram da construção do museu, como Nelma Monteiro, que é uma das organizadoras da revista sobre o museu, ao lado de Fernanda Castro Barbosa.

⁵⁶ O item XV do decreto fala sobre a comemoração do aniversário do Mucane, que acontece no mês de maio.



Figura 14: Vanda Vieira de Souza, Bruna Gomes Afonso, Jaiara Dias Soares e Nataly Volcati na mesa de debate “A contribuição do Mucane para a luta antirracista na cidade de Vitória e no Espírito Santo”. Crédito: Instagram do Mucane.



Figura 15: Vanda Vieira de Souza, Wellington Barros e Suely Bispo na mesa de debate “A contribuição do Mucane para a luta antirracista na cidade de Vitória e no Espírito Santo”. Crédito: Instagram do Mucane.

Ainda durante este mês de comemoração e com o projeto de montar a exposição sobre a trajetória histórica do Mucane, Jocelino Júnior, além de articular e ir buscar obras no acervo municipal, fez um pedido através do perfil do Instagram do museu [Fig. 16], na expectativa de apresentar mais registros históricos para a exposição *Personalidades Negras e Histórias do Mucane*. Esse pedido reforça a ideia de que o acervo e arquivo do Mucane segue em um processo de construção, em tentativa de somar ao que já consta no espaço do museu. Até o último dia de exposição ainda estávamos recebendo e organizamos fotos para entrar na composição da exposição. Neste sentido, foram usadas fotografias do Acervo pessoal de Felipe Scardua (filho de Verônica da Pas), doado ao museu, do acervo do museu e outras fotografias de acervos pessoais desconhecidos. O acervo fotográfico e documental do filho de Verônica da Pas, estava em posse de Jaiara Dias Soares para auxiliar na construção da sua pesquisa de graduação sobre a fundadora do museu e compôs grande parte da exposição, tanto em relação à história de Verônica da Pas [Fig. 17], quanto na relação com a história do Mucane [Fig. 18].



Figura 16: Fotografia de post feito no Instagram do Mucane em 2022. Crédito: Instagram do Mucane.



Figura 17: Detalhe da expografia sobre Verônica da Pas na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 18: Detalhe da expografia sobre a história do Mucane na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

A participação de Jaiara Dias Soares foi essencial, pois sua pesquisa em relação a Verônica da Pas e sua presença como pesquisadora do museu traziam um repertório vasto de conhecimento em relação às atividades, ao acervo do filho de Verônica da Pas⁵⁷ e à experiência com a exposição *26 anos do Museu*

⁵⁷ Este acervo é composto de registros em fotografia, vídeo e documentos pessoais de Verônica da Pas e fotografias das atividades realizadas no Mucane.

Capixaba do Negro “Verônica da Pas” (Mucane), realizada em 2019, da qual foi uma das organizadoras.

O catálogo *500 ANOS DE RESISTÊNCIA DO POVO BRASILEIRO* [Fig. 19], notado a partir do levantamento realizado no caderno de registros acabou compondo a exposição sobre o museu ao lado da *Revista Mucane* e do *Calendário de 2002 - Memória Afro-Capixaba*, com as personalidades que estavam retratadas nos quadros que estavam expostos [Fig. 20 e 21].



Figura 19: Detalhe da expografia apresentando o catálogo 500 ANOS DE RESISTÊNCIA DO POVO BRASILEIRO, o calendário de 2002 e a Revista Mucane, na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 20: Detalhe da expografia apresentando as personalidades negras retratadas na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

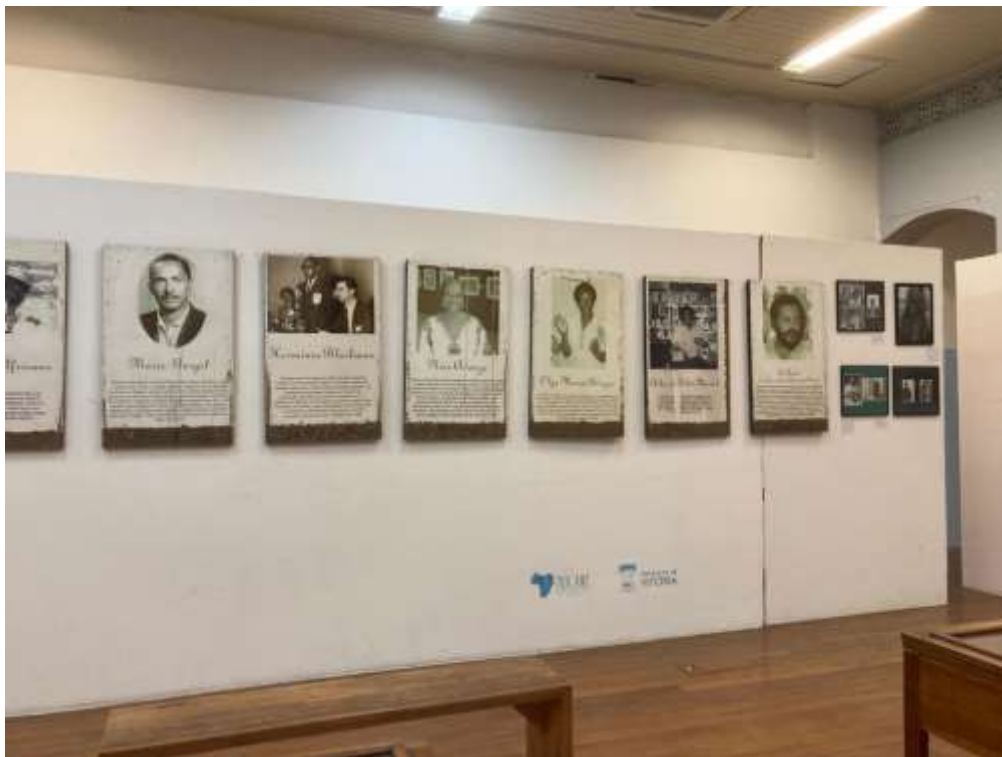


Figura 21: Detalhe da expografia apresentando as personalidades negras retratadas na exposição Personalidades Negras e Histórias do Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

Podemos relacionar a promoção da exposição a partir dos acervos citados como um movimento semelhante ao da fala de Raft destacada no capítulo anterior, visto que as exposições atuais do acervo visam ocupar o espaço expositivo numa lacuna de atividades propostas para este mesmo ambiente. A exposição se destaca como uma tentativa de resgate da memória do museu pela gestão atual de Jocelino Júnior, onde o acervo e a trajetória do museu entram em foco.

Sobre a composição das exposições na gestão atual ainda é possível notar diferenças nos elementos que compõem um projeto de exposição, com recursos de edital e dos projetos independentes. Nota-se que a exposição *Black is Beautiful* [Fig.22] e *Orisas* [Fig.23] usam a mesma pintura no espaço expositivo que tinha sido realizada para a exposição *Paciência de Pescador* [Fig. 24], todas realizadas no mesmo local.



Figura 22: Registro da exposição *Black is Beautiful*, de Dejour de Paulo, realizada no Mucane entre 2021 e 2022. Crédito: Acervo pessoal - Pesquisa 2020-22.



Figura 23: Registro da exposição Orisas, de Sagaz, realizada no Mucane em 2022. Crédito: Acervo pessoal - Pesquisa 2020-22.



Figura 24: Registro da exposição "Paciência de Pescador", de Rafael Segatto. Crédito: André Sobral / PMV.

Projetos independentes como *Black is Beautiful* e *Orisas* não contam com recursos pró. Observando que a exposição de Rafael Segatto foi contemplada pelo Edital de Ocupação do Mucane 2019/2020⁵⁸, notamos que a existência de

58

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=16135>

projetos independentes também são frutos da inexistência do lançamento de um novo edital tendo em vista que não houve novas edições em 2021 e 2022. A falta de recursos pode acabar limitando o acesso de alguns artistas, causando um impacto sociocultural e na composição do acervo do museu, pois o edital prevê a doação de obra da exposição ao museu. No subcapítulo a seguir adentraremos mais na análise do que o Mucane constitui como acervo, correlacionado ou não a esta dinâmica de exposições.

2.3 Acervo: levantamento e análise de dados sobre o acervo do Mucane

Como discutido nos tópicos anteriores, a constituição do acervo do Mucane é uma questão cara ao museu desde o seu decreto de criação. Percebe-se, porém, pela listagem das exposições, uma dificuldade de articulação e difusão de acervo em si, ao longo da trajetória do museu. Não há nenhum site ou documento disponível para o acesso público como prevê o decreto de 2011. O que existe em relação ao acervo é um documento que foi concluído em 2018 e reúne informações sobre as obras que estão sob posse do Mucane.

Importante registro na trajetória do acervo, este documento foi feito por Franquilandia Raft com a colaboração dos estagiários de artes Milena Bessa, Rebeca Ribeiro e Lorenzo Cassaro, com a supervisão de Thaís Souto Amorim (coordenadora do Mucane à época) e Patrícia Bragatto (Gerente de Patrimônio Histórico e Cultural da Semc PMV à época). Segundo Raft (Entrevista 3 - Anexos), este levantamento não poderia ser chamado “de catalogação porque foi o primeiro passo apenas para organizar o acervo do Mucane”. O documento recolheu e organizou informações sobre um total de 116 peças que foram divididas em 14 conjuntos:

- 06 fotografias de Balduino, El Africano;
- 56 fotografias do Projeto O corpo da Luta: a Experiência Quilombola no ES /Proex Ufes;
- 19 fotografias das Paneleiras / Cláudio Zardini;
- 02 fotografias de Jove Fagundes / Projeto Odomodê;

- 13 fotografias do 3º Encontro de Bandas de Congo na UFES;
- 02 fotografias do Projeto Memorial de Mestres: Jongos e Caxambu no ES/ Proex Ufes;
- 01 gravura de J. Cunha, cartaz em serigrafia, conhecido como Palmares;
- 03 desenhos de Juliana Pessoa;
- 01 desenho de Luciano Feijão;
- 01 desenho de Luhan Gaba;
- 01 desenho/aquarela de Kika Carvalho;
- 08 objetos de pequeno porte que formam um conjunto escultórico, de Zuilton Ferreira;
- 01 escultura de grande porte de São Benedito e o Menino Jesus, de Irineu Ribeiro;
- 02 instrumentos musicais artesanais (tambor e kalimba) de Zuilton Ferreira.

Para cada um dos 14 conjuntos apresentados no documento, há um grupo de informações descritas que refletem o que foi possível levantar de conteúdo sobre as obras que o compõe, como o memorial descritivo, informações sobre a obra, sobre a exposição e algumas observações diversas que não couberam nas categorias listadas.

Para facilitar a relação entre os conteúdos obtidos pelo levantamento de exposições e a constituição do acervo, apresentamos os dados contidos neste documento do acervo, organizando-os conforme a tabela proposta abaixo, por ano da exposição e doação e não pelo ano da obra.

Acervo por ano de exposição			
Nº	Título	Ano	Exposição
1	01 gravura de J. Cunha, cartaz em serigrafia, conhecido como Palmares	s/d	n.d.
2	06 fotografias de Balduino, El Africano	s/d	n.d.
3	02 instrumentos musicais artesanais (tambor e kalimba) de Zuilton Ferreira	1995	Instrumentos primitivos em cerâmica
4	56 fotografias do Projeto O corpo da Luta: a Experiência Quilombola no ES /Proex Ufes	2012 2013	O corpo da luta: a experiência quilombola no Espírito Santo
5	01 escultura de grande porte de São Benedito e o Menino Jesus, de Irineu Ribeiro	2015	Rastros: Intercâmbio Brasil – África na Arte Contemporânea
6	03 desenhos de Juliana Pessoa	2015	Oba: entre deuses e homens por Juliana Pessoa
7	01 desenho de Luciano Feijão	2016	Torções
8	02 fotografias do Projeto Memorial de Mestres: Jongos e Caxambus no ES/ Proex Ufes	2017	Memorial de Mestres - Jongos e Caxambus no ES
9	02 fotografias de Jove Fagundes / Projeto Odomodê	2017	ÀWA Nì – Nós por Nós!
10	19 fotografias das Paneleiras / Cláudio Zardini	2017	Externo - transferência Casa Porto de Artes Plástica para o Mucane
11	08 objetos de pequeno porte que formam um conjunto escultórico, de Zuilton Ferreira	2017	Externo - transferência Casa Porto de Artes Plástica para o Mucane
12	13 fotografias do 3º Encontro de Bandas de Congo na UFES	2017	Externo - transferência Casa Porto de Artes Plástica para o Mucane
13	01 desenho de Luhan Gaba	2018	Ujuzi: Conhecimento é Poder
14	01 desenho/aquarela de Kika Carvalho	2018	Malungas

Tabela 3: Organização dos dados do acervo por ano de exposição.
Autoria pessoal.

O levantamento das exposições nos auxilia no aprofundamento sobre a origem do acervo. Vemos primeiramente que das 116 peças em 14 conjuntos, 12 deles são advindos de exposições que foram realizadas, com

exceção do conjunto de fotografias de Balduino, El Africano, que não tem a procedência determinada e a obra de J. Cunha, que é um cartaz procedente do dia da Consciência Negra e da construção do Memorial Zumbi em Maceió (AL). Esta última, segundo o documento de acervo, foi transferida do Mucane e realocada em 2018 para o gabinete do Secretário Municipal de Cultura, não foi possível confirmar essa informação no decorrer da pesquisa e a obra não foi localizada nas incursões à reserva técnica na sala 1 do museu.

Percebemos que o conteúdo deste documento ainda é pouco conhecido e divulgado, pois para ter acesso a ele, para a pesquisa, foi necessário fazer uma solicitação no site da PMV, o que à época foi uma orientação dada por Thaís Souto Amorim, que ainda estava na coordenação do museu. Isto se contrapõe ao que está no primeiro item do artigo 9, do decreto 15078, que fala que o acervo deve ser mantido em exposição, exceto algumas exceções que veremos mais adiante.

Através das incursões da pesquisa de campo, resultante das conversas com a atual coordenação, constatamos que as obras que compõem o acervo do Mucane estão localizadas na sala 1 do museu, onde fica localizada a reserva técnica⁵⁹ do museu [Fig. 25 e 26], dispostas em armários de aço, caixas e/ou embaladas em envelopes de papel pardo, [Fig. 27].



Figura 25: Reserva Técnica do Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”, 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

⁵⁹ Conforme descrito no documento de acervo do museu.



Figura 26: Vista panorâmica da Reserva Técnica do Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”, 2022. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 27: Obras do acervo embaladas em envelopes e papel pardo. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

As informações sobre o conteúdo do acervo estão dispostas em etiquetas ou bilhetes [Fig. 28], identificando características como quantidades e procedência, comprovando que as obras que constam no documento do acervo estão identificadas de acordo com a sua descrição, como é o caso das 6 fotografias sobre Balduino e as 19 fotografias das Paneleiras de Cláudio Zardini.



Figura 28: Etiquetas de identificação das obras do acervo do Mucane. Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

Não foi possível, após o conhecimento do espaço físico do acervo, abrir e analisar cada obra, uma a uma, respeitando as normas para o cuidado, com materiais e ferramentas necessárias para o manuseio delas, dada a organização em que se encontram. O conteúdo dos envelopes se revela em partes para a pesquisa no documento do acervo acessado [Fig. 29 e 30].

CLAUDIO ZARDINI



Sobre a obra

Título: Festa das Panelleiras

Técnica/materiais: Fotografia

Quantidade e Dimensões: Conjunto com 19 fotografias medindo 20 x 30 cm cada uma

Ano: 2000

Pertencem ao Acervo do Museu Capixaba do Negro – Mucane – Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória, Espírito Santo.

Procedência: Casa Atelier Mãe Ana

Sobre a exposição

No período de 27 a 30 de julho de 2000, durante a Festa das Panelleiras de Goiabeiras foi realizada uma exposição na Casa Atelier Mãe Ana. Promovida pela Prefeitura de Vitória por meio da Semic e Casa Porto das Artes Plásticas em parceria com a Associação de Panelleiras de Goiabeiras.

Figura 29: Registro em imagem do documento de acervo do Mucane de fotografias das Panelleiras de Claudio Zardini. Créditos: Mucane.

BALDUÍNO, EL AFRICANO



Sobre a obra

Título: *Sem título*

Técnica/materiais: Fotografias P&B

Quantidade e Dimensões: 06 fotografias nas medidas de 13x 18 cm (provavelmente reprografias)

Ano: -

Pertencem ao Acervo do Museu Capixaba do Negro – Mucane – Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória, Espírito Santo.

Procedência: não determinada

Memorial Descritivo

Imagens de valor documental, registros fotográficos de Balduino, El Africano. Não foi identificado o autor das imagens.

Quem foi Balduino

Poeta, artista de circo e tocador de pandeiro, Balduino de Oliveira era conhecido no meio artístico em Vitória, tanto por suas habilidades como artista e também como militante do movimento negro. Integrou o Circo da Cultura do DEC – Departamento Estadual de Cultura. “Mosca no Leite”, espetáculo apresentado no extinto teatro Estúdio no ano de 1982, é um exemplo da versatilidade do artista que assinou o texto, a direção e atuou como intérprete, já com 75 anos de idade.

Figura 30: Registro em imagem do documento de acervo do Mucane de fotografias sobre o Balduino, El Africano. Créditos: Mucane.

Tomando estes dois registros como exemplos, percebe-se que o título que os acompanha na descrição ora se refere ao retratado, ora se refere ao autor da fotografia. Além disso, nota-se um padrão de inserção de informações em fichas, onde o conteúdo aparece de forma contínua. A partir deste exemplo do registro de Claudio Zardini das Paneleiras⁶⁰ vemos também como o acervo reflete as manifestações culturais locais, como o ofício das Paneleiras de Goiabeiras⁶¹, que foi a primeira registrada como o Patrimônio Imaterial, em 2002, no Livro de Registros dos Saberes, como pode ser lido no site do IPHAN⁶².

A partir da incursão no espaço, notamos ainda que há um conjunto de peças [Fig. 31 e 32] que não consta neste levantamento. Segundo o atual

⁶⁰ Este nome se deve ao modo de fazer panelas de barro.

⁶¹ Goiabeiras é um bairro do Município de Vitória, onde o modo de fazer das panelas de barro é difundido em vários espaços desde um galpão às próprias residências das artesãs.

⁶² <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/51>

coordenador, Jocelino Júnior, este conjunto de máscaras foram doadas após a exposição *Reinos, Escudos e Máscaras*. A investigação realizada não conseguiu determinar quantas ou quais destas peças estiveram na exposição, porque o encarte do material guardado pelo museu no Caderno de Registro, indica apenas 4 imagens de obras [Fig. 33 e 34].

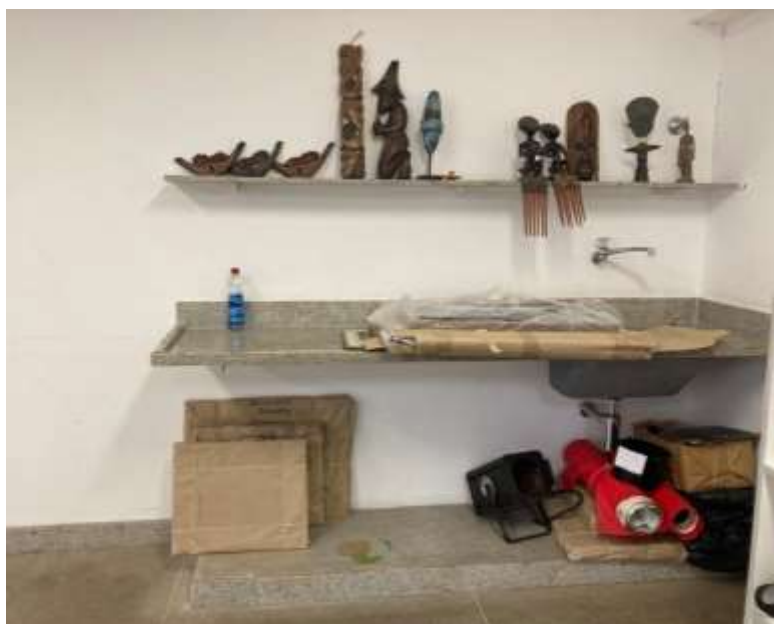


Figura 31: Máscaras dispostas na sala 1.
Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 32: Detalhe de máscaras dispostas na sala 1.
Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 33: Encarte da exposição Reinos, Escudos e Máscaras, realizada no Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

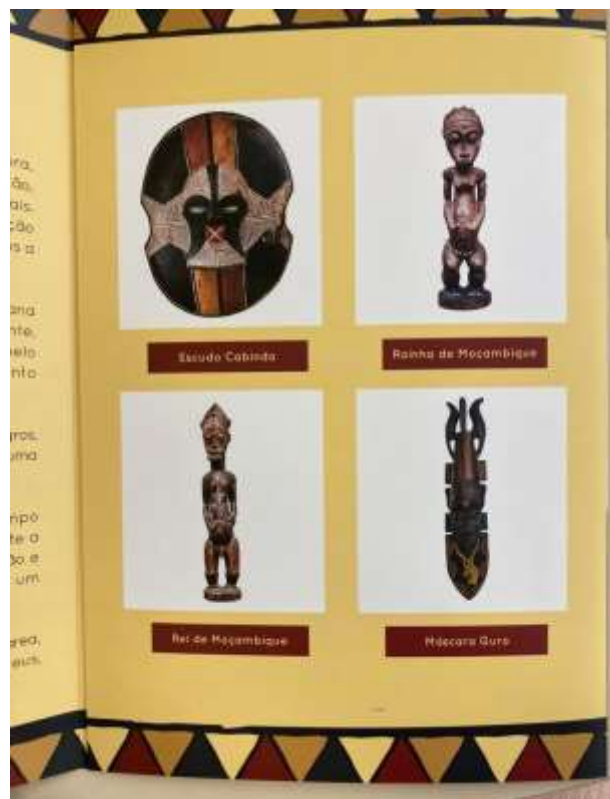


Figura 34: Encarte da exposição Reinos, Escudos e Máscaras, realizada no Mucane. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

Na sala do acervo percebe-se ainda a existência de uma série de obras que permanecem no museu com lembretes em caneta, na embalagem, indicando “devolver para o artista” [Fig. 31].

Conforme comentado, a outra parte do acervo do Mucane está disposta pelo museu, seja na sala de coordenação ou ainda no hall de entrada como é o caso do *Tambor Mestre* (1995), *Paneleira* (2011) e *São Benedito com o menino Jesus* [Fig. 35, 36 e 37].



Figura 35: Zuilton Ferreira. *Tambor Mestre*, 1995. Tambor: 66 cm x 200 cm; Suporte de ferro: 80 cm x 200 cm. Instrumentos musicais produzidos de forma artesanal – Objetos em cerâmica, madeira, metal e couro. Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 36: Zuilton Ferreira, Mariana Barroso. *Paneleira*. 2011. Escultura Terracota. 88cm x 60cm x 90cm. Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.



Figura 37: Irineu Ribeiro, São Benedito com o Menino Jesus. 2015. Escultura em papel machê policromado, com estrutura em ferro e vestimentas a caráter. 207 x 88 x 51 cm Andor: 51x51 cm. Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”. Crédito: Acervo pessoal – Pesquisa 2020-22.

Atualmente, o Tambor Mestre de Zuilton Ferreira foi observado tanto no hall de entrada (2021), quanto em exposições já que aparecia tanto no registro fotográfico apresentado entre imagens que refletiam a trajetória do museu [Fig. 18] quanto na própria exposição em si. Vemos que as paneleiras reaparecem como tema na obra de Mariana Barroso e Zuilton Ferreira [Fig. 36], apesar de estar acessível ao público no hall de entrada museu, a obra não está presente no documento de acervo como as outras duas obras. Sobre a obra São Benedito com o Menino Jesus de Irineu Ribeiro [Fig. 37], que atualmente está localizada também no hall do museu, observamos que o documento do acervo inclui registros fotográficos da procissão com essa escultura entre o Mucane e a Igreja do Rosário.

Outros itens do acervo que se relacionam diretamente às manifestações culturais locais e aos bens patrimonializados, além da obra *Paneleiras* [Fig 36], das *fotografias de Cláudio Zardini* [Fig 29], são as *13 fotografias do 3º Encontro de Bandas de Congo na UFES* e *02 fotografias do Projeto Memorial de Mestres: Jongos e Caxambus no ES/ Proex Ufes*.

Entre os possíveis caminhos que poderiam ser tomados em relação ao acervo do Mucane, investigamos a forma com que os entrevistados se relacionavam ou tinham conhecimento do acervo do museu. Destacamos a fala

de Franquilandia Raft sobre a forma como o setor educativo do museu pensava o acervo:

Um acervo de museu tem múltiplas funções e duas são cruciais para mim: o fomento à pesquisa acadêmica e a valorização do artista local. Então a gente trabalhava algumas questões do educativo do Mucane relacionando sua história com as exposições que já aconteceram lá; é uma forma de contar um pouco sobre o museu e gerar diálogo com os grupos de visitantes quando não há exposições do edital de ocupação acontecendo. Em 2018, experimentamos exibir algumas peças e informações sobre elas no saguão do Mucane. O São Benedito com o Menino Jesus, obra de Irineu Ribeiro [Fig. 37], era a peça mais visitada e fotografada. (Entrevista 3, 2021)

Esta fala demonstra como as ações internas em relação ao acervo do museu foram distribuídas e realizadas, acontecendo em lacunas da temporada dos editais de ocupação. Ou ainda, como museu exerce o primeiro item do artigo 9 do decreto 15078 citado acima. No entanto, nota-se que a falta de uma política mais direta voltada ao acervo traz consequências como a dispersão e centralização de informação, como pode ser observado na indicação da artista Kika Carvalho (Entrevista 8 - Anexos), que comenta que só teve contato com o acervo motivado pela doação que realizou ao mesmo de 01 desenho/aquarela da Exposição Malungas como pode ser visto na Tabela 3, intitulado de *Anatomia da violência #1*.

Os entrevistados que trabalham ou ocupam o espaço do museu com oficinas, como é o caso de Jordan Fernandes, Laudeni Martins, Maicom Souza e Elidio Neto, responderam sobre como o público que frequenta as atividades de dança não necessariamente interagem ou se integram com as exposições e o acervo do museu de forma deliberada e espontânea. A partir disso, observamos que a difusão de conhecimento em relação ao acervo fica localizada mais no setor pedagógico e educativo do museu que pensa mais sobre as exposições e não se integra necessariamente às oficinas. Tal situação apresenta-se como uma questão para a difusão do acervo. Um zine produzido pelas estagiárias do educativo Jaine Muniz e Nataly Volcati, entre 2021 e 2022, intitulado *Museu Memória Mucane* é um reflexo dessa aproximação do educativo em relação ao Acervo, uma vez que ao trabalharem questões como a memória da constituição do museu, suas atividades e ao propor reflexões sobre o que constitui um museu, acabam esbarrando no próprio objetivo do mucane em compor um acervo que não seja só material.

No que tange a uma política de cuidado e acondicionamento das peças

que compõem o acervo, vemos que a sala 1 recebe bastante luz solar e não tem refrigeração, apresentando condições de risco à preservação do patrimônio que está vulnerável a alterações de temperatura e umidade ou pragas.

Se levarmos em consideração os eixos programáticos dispostos no Plano Nacional de Museus, veremos que existe uma escassez de políticas públicas voltadas praticamente a todos os eixos⁶³ no Mucane. Essa situação do acervo, atualmente, é reflexo das ações, ou falta delas, da gestão municipal. A descontinuidade do Plano Museológico do Mucane é apenas uma delas. Segundo Thaís Amorim, após a apresentação de um documento de diagnóstico para os membros do COGEMU, a contratação do museólogo responsável pela produção do Plano não foi renovada. Ou seja, vemos que existe uma preocupação do Mucane na articulação com o cenário da museologia, em tentativa de acompanhar as políticas públicas que contribuem para o desenvolvimento da memória da produção artístico-cultural apresentada e salvaguardada no museu, mas que não encontra respaldo da política pública local.

Além da descontinuidade de políticas públicas, notamos que a atual gestão municipal desconhece a história do museu, fato que ficou nítido na apresentação pública realizada pela secretaria municipal sobre as reformas e manutenção no museu em abril de 2022, em que, em vários momentos, Vanda Vieira de Souza fez correções e acréscimos às informações que eram compartilhadas ao público presente. Para citar alguns exemplos, haviam dúvidas sobre a data de reinauguração em 2012 e reforçam o que está escrito na placa que fica em frente ao Mucane, e, que é carregado de esquecimentos e ausências em relação à constituição do museu, ao protagonismo do Movimento Negro, promovendo a noção de que o espaço foi criado pelo poder público e não conquistado pelos seus articuladores, como vimos anteriormente. Vemos que mesmo o Plano Museológico da Casa Porto, outro equipamento sob a gestão da PMV, que foi concluído e que está disponível na internet, está inacabado.

Contudo, ainda é possível perceber sobre a formação e composição do

⁶³ Gestão e Configuração do Campo Museológico (eixo 1), Democratização e Acesso aos Bens Culturais (eixo 2), Formação e Capacitação de Recursos Humanos (eixo 3), Informatização de Museus (eixo 4), Modernização de Infra-Estruturas Museológicas (eixo 5), Financiamento e Fomento para Museus (eixo 6) e Aquisição e Gerenciamento de Acervos Culturais (eixo 7).

acervo⁶⁴ que, em 2017, o museu recebeu transferências da Casa Porto de Artes Plásticas. O que consta como doação de exposições realizadas em editais são as obras de Luciano Feijão (2016) *Torções*, de Luhan Gaba (2018) *Sem título* e de Kika Carvalho (2018) *Anatomia da violência #1*.

Constatamos que desde 2018, ano da exposição *Malungas*, que resultou na doação da obra *Anatomia da violência #1*, de Kika Carvalho, não há atualizações de novas doações e inserções no acervo, no referido documento. Há perspectivas de alteração deste cenário, expressa em sinais de movimento a partir das ações do atual coordenador do museu, para reunir informações e compor o acervo, como vimos no caso do pedido realizado no Instagram do museu.

Acompanhando a constituição do Mucane, percebemos que além do interesse por um espaço com acervo material em que a população negra se reconhecesse, o museu já previa um acervo que refletisse as mais diversas manifestações culturais. Dado que as ações e eventos têm um peso grande no levantamento de atividades realizado pela pesquisa, no próximo capítulo nos aprofundaremos na forma como o museu trabalha outras manifestações, além das artes visuais e de exposições.

⁶⁴ Essas informações constam no documento organizado por Raft e a equipe educativa do museu.

Cap. 3. Outras vocações do museu: as oficinas, apresentações e eventos diversos no Mucane

As oficinas de danças, apresentações e eventos variados que acontecem no Mucane desde a sua abertura também acompanharam as exposições como formas de manter o museu em atividade, ocupado e garantindo sua existência e resistência. Percebemos que o museu tinha como objetivo, desde a sua criação, a promoção de eventos culturais, acabando por desenvolver-se e abrir-se como um espaço relevante para diversas áreas do campo artístico-cultural.

A partir dos decretos que instituem o museu na sua inauguração (decreto 3.527 de 1993) e na transferência entre governo e município (decreto 15.078 de 2011), notamos que o primeiro decreto cita a promoção de eventos culturais em seus objetivos e dentro do artigo 5, aborda sobre o acervo, citando as manifestações artísticas negras nas áreas da música, dança, folclore, teatro, circo, cinema, vídeo, fotografia, desenho, pintura, artes plásticas, artesanato e outras. O segundo decreto apresenta um número maior de objetivos do Mucane, no entanto, sem citar diretamente as áreas ou o desenvolvimento de oficinas de dança, música ou atividades, como a contação de histórias, que já tinham ocupado o museu durante os anos desde sua criação. Para nos contextualizarmos, no decreto de 1993 são apresentados 4 objetivos e no decreto de 2011 são apresentados 13. Além disso, o decreto de 2011 indica, no artigo 9º, outras atividades além das exposições, como datas comemorativas e ações diversas, entendidas como atividades permanentes do museu.

Considerando as atividades como os eventos ou ações culturais para além das exposições e do acervo, apresentaremos neste capítulo um levantamento de atividades realizadas no Mucane de 2012 a 2021, bem como um panorama da dança afro no Espírito Santo e uma análise das atividades de dança realizadas no Mucane também no período de 2012 a 2021.

3.1 Atividades em perspectivas: análise de dados de atividades realizadas no Mucane

Tendo em vista os objetivos do museu, tomaremos inicialmente para a nossa análise em relação às ações culturais e manifestações artístico-culturais para além de exposições e do acervo, o Edital de Ocupação do Mucane que acontece desde 2015.

As categorias que o Edital de Ocupação do Mucane coloca para realizar sua seleção são Exposição Artística e Ação Cultural, como categorias individualizadas. Segundo a edição de 2015⁶⁵, Ação Cultural se define da seguinte maneira: atividades culturais diversas a serem realizadas nas demais áreas do museu (auditório, biblioteca, espaço café, área externa, sala de oficina), de acordo com a proposta apresentada. Há mudanças de definições nos anos seguintes, a partir de 2017:

Categoria II - Ação Cultural: projetos que poderão ser relacionados a gastronomia, literatura, dança, música, teatro, memória, audiovisual, religião, dentre outras expressões artísticas da população negra, culturais tradicionais de matriz africana, que poderão ser apresentadas no formato de oficina, seminário, mostra, performance, espetáculo, roda de conversa, dentre outros; a serem realizadas nas demais áreas do museu, como: auditório, biblioteca, espaço café, área externa, sala de oficina.⁶⁶

O maior detalhamento no edital de 2017/2018 em relação ao de 2015, permanece na edição de 2019⁶⁷. Além da mudança de definições, quando analisamos as vagas reservadas para cada uma das categorias no Edital de Ocupação do Mucane, percebemos que à Ação Cultural é reservada um maior número em 2015, em que a proporção foi de 6 para 1 (exposições), enquanto em 2017/2018 foi de 6 para 2 (exposições) e em 2019 de 9 para 3 (exposições). Sendo assim, como já foi constatado no capítulo anterior, temos um número maior destas atividades sendo consideradas no edital. Além disso, apesar do recurso para estas categorias ser menor do que das outras, quando olhamos

65

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=9186>

66

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=11891>

67

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=15079>

para o número de vagas para profissionais (externos ou sem relação direta ao edital de ocupação) para ministrarem ações cíclicas no museu, que envolvem as áreas citadas na categoria de Ação Cultural, notamos que há maior expressividade desta. No edital⁶⁸ publicado para a contratação de oficinairos em 2018, há pelo menos 8 vagas voltadas a oficinairos na área de dança e música, enquanto a parte educativa e pedagógica tem 2 vagas.

O formato dos editais indica essa pluralidade de ações que se desenvolvem no museu para além das exposições e do acervo. Para o levantamento e análise de dados sobre estes eventos diversos, oficinas e cursos de dança, utilizamos também os cadernos de registros, os dados do Relatório de Gestão enviados para Secretaria de Cultura do Município de Vitória sobre o Mucane a que tivemos acesso, a pesquisa aprofundada no site da PMV, as redes sociais do museu e as entrevistas. Esses dados geraram a tabela 4 (Tabela 4 - Anexos).

Entre as características das atividades realizadas, é importante ressaltar que, como um equipamento público da PMV, o Mucane conta com atividades próprias, mas sedia eventos públicos advindos de Secretarias Municipais, outros equipamentos governamentais, editais, entre outros. Contudo, considerando o tempo hábil para a realização da pesquisa e obtenção de dados, essa informação não aparece de maneira individualizada na tabela (Tabela 4 – Anexos).

A listagem de atividades externas que usam o espaço do Mucane traz dados que permitem a comparação com outros dados, como os obtidos nas entrevistas. Um exemplo seria a partir da entrevista de Zuilton Ferreira (Entrevista 17 - Anexos), em que o artista destacou sobre ações que aconteceram nos anos 90, em comemoração ao dia 20 de novembro, relacionada a eventos como a Vigília Cultural e contação de histórias. O museu continuou trabalhando e desenvolvendo essas atividades em sua trajetória, contando com a presença de projetos como a *Feira Criola*, *Viagem pela Literatura*, a *Semana da Juventude Negra*, que acontecem no mês de novembro, no âmbito das comemorações da Consciência Negra e Zumbi dos Palmares.

68

<https://sistemas.vitoria.es.gov.br/docOficial/operacoes/exibirDocumento.cfm?cod=14612>

Esses eventos contam com apresentações de filmes, oficinas, entre outras atividades, como pode ser observado na Tabela 4.

Neste ponto, vemos que as comemorações ao Dia da Consciência Negra estão em conformidade com as atividades permanentes que o Mucane se compromete a realizar no decreto de 2011 no artigo 9, item XVI: “comemorar mês nacional da consciência negra (novembro)”. Outras atividades que estavam elencadas no artigo 9º, item XVII, são os lançamentos de livros, que no levantamento (Tabela 4 – Anexos) somam 19 atividades, entre 2012 e 2016. Destacamos aqui algumas delas:

- 2012 - Lançamento do livro "O meu mundo", do escritor e poeta capixaba Lauren Luciano
- 2012 - Lançamento do livro “Vitória uma cidade melhor para todos 2005 – 2012”
- 2014 - Lançamento do livro "Seja um craque sem pedra (A capoeira que dá rasteira nas drogas)"
- 2014 - Encontro da Nação Hip-Hop Brasil
- 2015 - Lançamento do livro “Ensaios para a emancipação do negro no Brasil”
- 2016 - Lançamento de livro "Áurea"
- 2016 - Lançamento do livro “Círculo Palmarino: 10 anos de Combate ao Racismo, Oito Anos de Resistência Cultural”
- 2017 – Acervo do Território do Samba Capixaba - Diálogos de Carnaval - Lançamento de livro
- 2017 - II Semana Pan-Afrikana em Vitória - lançamento do livro "Manuscritos da Assata Shakur" e outras atividades
- 2017 - Lançamento do livro "Ensaios sobre Religiosidade, Racismo, Educação e Laicidade"
- 2018 - Lançamento do livro e da exposição “Afro-tons de Zacimbas à Suelys Vozes Olhares Múltiplos”
- 2018 - Lançamento de livro "Aruanda: religiões afrodescendentes em Vitória"

Entre os temas dos livros lançados vemos abordagens sobre raça, gênero e religiosidade e os mais diversos gêneros como a poesia e a biografia, entre outros. Além dos lançamentos de livros, os dados levantados indicam que o Mucane contou com 16 exposições de filmes desde 2012, com abordagens diversas como ancestralidade, manifestações culturais, entre outros:

- 2017 - Afrofuturismo - Sessão de Cinema e Roda de Conversa
- 2017 - Exposição do filme "Nem um Poço a Mais"
- 2018 – Exposição de filme durante o evento "Vivências: conversas sobre transmasculinidade"
- 2018 - Griôs da Dança - Com exposição do filme "Balé de Pé no Chão: a Dança Afro de Mercedes Baptista"
- 2018 - Exposição de filme durante o seminário "Orgulho de ser quem somos: Psicologias que afirmam a libertação dos corpos LGBTQs"
- 2018 - Sessão Cineclubista Vivências - Cineclube Teresa de Benguela

No caso das exposições de filmes, como vemos acima, confirma-se a cessão do espaço do museu às atividades externas, exceto em uma apresentação.

Esses dados reforçam e demonstram não só a abertura do museu a qualquer tipo de atividade, mas a cessão para atividades que trabalham o protagonismo negro nas mais diversas formas, seja tratando de assuntos que refletem sobre a negritude, seja recebendo projetos com outros temas de artistas, autores e produtores negros.

Considerando a constatação acima, percebemos que tanto as duas plenárias realizadas no museu pela UNEGRO, a *Plenária Estadual do 5º Congresso Nacional da UNEGRO "Negros e negras no poder e em defesa da vida"* (2016)⁶⁹ e a *Plenária Estadual da UNEGRO* (2018)⁷⁰, quanto a reorganização e refundação do MNU-ES (2012) que também aconteceu no

⁶⁹ <https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/mucane-tem-programacao-especial-na-semana-dos-museus-20771>

⁷⁰ <https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/plenaria-da-uneegro-debate-os-130-anos-da-abolicao-no-mucane-28470>

museu, demonstram a forte relação do Mucane com os movimentos negros. Na Plenária de 2018, da UNEGRO, o então ex-coordenador Wellington Barros participou junto com Edson Bonfim⁷¹ e Heloísa Ivone Silva Carvalho⁷². No plenária de reorganização do MNU-ES, há registros em imagem no auditório do museu [Fig. 38] em que constam os seus filiados Olindina Serafim⁷³, Valdeni Andreino⁷⁴, Moacir Alves Rodrigues⁷⁵, Eliezer de Albuquerque Tavares⁷⁶, Fátima Tolentino da Silva⁷⁷, Jorge da Silva Lisboa⁷⁸, Luiz Inácio da Silva Rocha⁷⁹, Rosilene Sá⁸⁰, Priscilla Matias Martins⁸¹ e Vanda de Souza Vieira⁸².

⁷¹ Segundo dados do site da prefeitura, Edson Bonfim é escritor.

⁷² Segundo dados do site da prefeitura, Heloísa Ivone Silva Carvalho é professora e mestra em Educação.

⁷³ Segundo os dados do blog MNU RIO, ela é Associação de Mulheres Quilombolas de Linharinho -Território do Sapê do Norte- Pedagoga da Rede Municipal de São Mateus e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo.

⁷⁴ Segundo os dados do blog MNU RIO, Pedagoga, Pós-graduada em Gestão Comunitária e Coordenadora de Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Prefeitura de Vitória.

⁷⁵ Segundo os dados do blog MNU RIO, ele é assistente Social, Pós-graduado em Políticas Públicas e Coordenador de mobilização Social e Institucional na Prefeitura de Vitória.

⁷⁶ Segundo os dados do blog MNU RIO, ele é Professor, bancário e Vereador em Vitória.

⁷⁷ Segundo os dados do blog MNU RIO, ela é Assistente Social e Diretora do Departamento de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no município da Serra.

⁷⁸ Segundo os dados do blog MNU RIO, ele é Sacerdote do Ile Asé Ará Madará.

⁷⁹ Segundo os dados do blog MNU RIO, ele é Bacharel em Direito e membro do Fórum de Juventude Negra e do Movimento Nacional de Direitos Humanos.

⁸⁰ Segundo os dados do blog MNU RIO, ela é Pedagoga.

⁸¹ Segundo os dados do blog MNU RIO, ela é estudante de Pedagogia e Assistente Administrativa na Prefeitura de Vitória.

⁸² Segundo os dados do blog MNU RIO, ela é Gerente de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.



Figura 38: Registro da Plenária de Recriação do MNU-ES em 2012 com Suely Bispo, coordenadora do museu em 2011, integrantes do MNU nacional Raimundo Bujão, Marcelo Dias e Geílson Rodrigues e do MNU-ES, Olindina Serafim, Valdeni Andreino, Moacir Alves Rodrigues, Eliezer de Albuquerque Tavares, Fátima Tolentino da Silva, Jorge da Silva Lisboa, Luiz Inácio da Silva Rocha, Rosilene Sá, Priscilla Matias Martins e Vanda de Souza Vieira. Créditos: Blog mnurio⁸³

3.2 O balé de pé no chão capixaba: o contexto de formação e o desenvolvimento da Dança Afro no Espírito Santo

Com o andamento da obtenção de dados da pesquisa, notamos como a dança afro e seus protagonistas capixabas foram importantes para a manutenção e ocupação do espaço do Mucane desde o início da sua trajetória. Essa relação foi demonstrada inicialmente na pesquisa de Fernanda Barbosa, quando a autora comenta sobre a ocupação nos primeiros anos do museu. Tal perspectiva com a dança tem continuidade nas ações desenvolvidas no espaço do museu e confirmada no ciclo de entrevistas feitas para esta pesquisa, com profissionais da dança indicados, principalmente, pela ex-coordenadora Thaís Souto Amorim. Além disso, o livro *Resistência Negra na Grande Vitória* destaca

⁸³ <http://mnurio.blogspot.com/2012/07/fundacao-do-mnu-no-estado-do-espírito.html>

a dança afro como uma das ações de resistência promovidas pelo movimento negro. Portanto, com a intenção de aprofundar sobre o protagonismo dessas atividades no Mucane apresentaremos primeiro um panorama da Dança Afro no Espírito Santo e a relação que esta estabeleceu com a formação do Mucane, para depois analisar as ações desenvolvidas no museu. A história da Dança Afro no Brasil se desenvolve a partir de figuras como Mercedes Baptista, uma das precursoras desta dança no país. Mercedes Baptista foi a primeira bailarina clássica negra a fazer parte do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, tendo sido aluna de Eros Volússia⁸⁴, na década de 1940, protagonizando desde então relevantes contribuições para a dança. A trajetória na dança de Mercedes Baptista é atravessada por sua ligação com o TEN, com a dançarina estadunidense Katherine Dunham⁸⁵ e com Joãozinho da Gomeia⁸⁶.

A experiência de Mercedes Baptista no Teatro Municipal é perpassada por preconceitos. Segundo a autora Sarita Faustino dos Santos, a dançarina não conseguia papel de destaque nas peças apresentadas pelo Teatro (dos Santos, 2016, p. 17 e 18). No TEN, a Baptista desenvolveu projetos em que o “objetivo era o de valorizar a autoestima das mulheres negras, por meio de cursos, oficinas e balé infantil” (dos Santos, 2016, p. 16). Através da relação com o TEN, Abdias do Nascimento e outros integrantes, que Mercedes Baptista fez contato com a dançarina Katherine Dunham, que tinha vindo ao Brasil para participar do 1º Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, no Distrito Federal (dos Santos, 2016, p. 18). Dunham desenvolvia um trabalho com a dança negra nos Estados Unidos a partir do estudos das religiões de matrizes africanas, tendo como referência, por exemplo, as danças típicas do Haiti (dos Santos apud Melgaço,

⁸⁴ A escola de Eros Volússia tinha reconhecimento pela sua pesquisa em danças populares para as suas criações na linguagem erudita do balé.

⁸⁵ Segundo Fernando Ferraz, Katherine Kunham era antropóloga formada pela Universidade de Chicago, já tinha realizado trabalhos na Jamaica, Trinidad, Martinica e Haiti, traduzindo suas pesquisas referentes às formas e funções das danças rituais, em dança cênica

⁸⁶ Joãozinho da Gomeia (1914-1971) nascido na Bahia, reconhecido pela suas diversas atuações, sendo reconhecido como uma referência religiosa, artística e midiática, segundo a publicação de 2021 de Gouveia, Mendes, Bezerra e Souza. Sabe-se que Joãozinho da Gomeia, foi líder religioso no candomblé, (pai de santo), participou do II Congresso Afro-Brasileiro, era amigo de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, participou de espetáculos enquanto coreógrafo, figurinista entre outros. Mudou-se de Salvador para Duque de Caxias no Rio de Janeiro na década de 1940.

2016, p.20) e, neste contexto, ofereceu uma bolsa de estudos⁸⁷ à Mercedes Baptista, que foi para os Estados Unidos em 1950.

Segundo Marianna Monteiro, “Mercedes se licencia temporariamente do Teatro Municipal e viaja para Nova York onde passa aproximadamente um ano, tendo aulas de dança moderna com Dunham” (Monteiro, 2011, p. 9). Quando volta ao Brasil, inicia um trabalho que a aproxima mais do contexto brasileiro. Para Mercedes, as danças típicas do Haiti não funcionariam no Brasil e, em consequência disso, empreendeu um estudo da religiosidade nacionalmente (dos Santos apud Melgaço, 2016, p.20). É neste contexto que Mercedes conhece Joãozinho da Gomeia, frequentando as sessões de candomblé que ele promovia [Fig. 39].



Figura 39: Mercedes aparece mais à direita na foto, acima da pessoa ao centro, de lenço na cabeça. Imagem feita no terreiro de Joãozinho da Goméia (1914-1971), em Duque de Caxias, 04/12/1956, Madalena (foto), Arquivo Público do Estado de São Paulo. Crédito: Fernando Ferraz.

Em 1952 Mercedes Baptista funda o seu próprio grupo, e em 1953 forma

⁸⁷ Marianna Monteiro comenta sobre uma concorrida audição que Mercedes Baptista participou para ser a escolhida para a bolsa de estudos.

o Ballet Folclórico Mercedes Baptista. Segundo Fernando Ferraz, o grupo era formado por pessoas de santo, domésticas, balconistas, ritmistas etc., “pessoas que possuíam em comum o fato de serem negros, pobres e sonhadores” (FERRAZ apud SILVA JUNIOR, 2007, p. 40). Mercedes cria sua companhia de dança baseando em pesquisas nos terreiros:

Em confronto com as práticas acadêmicas recém surgidas nas escolas oficiais de bailado, a dança afro como técnica e didática foi inventada por Mercedes Baptista e era uma síntese estruturada daquelas danças populares que desde os inícios do século, haviam despertado o interesse das elites nacionalistas e modernistas, que já haviam marcado presença nas revistas e musicais populares e que agora se re-elaboravam, na década de 50, em termos de afirmação cultural afro-brasileira. Mercedes codificou a dança ritual do candomblé, realizou uma complexa operação, que não poderia se viabilizar sem a assimilação da proposta modernista e, nesse ponto, nada deixou a dever à experiência da dança moderna americana. (Monteiro, 2011, p. 10)

A partir da fundação de sua companhia em 1953, Mercedes Baptista se afirmou como uma das precursoras da Dança Afro. Destacada a sua importância no cenário nacional, veremos como a trajetória e o legado de Mercedes Baptista impactaram a dança capixaba. A história dela se cruza com o histórico da dança capixaba. Segundo Sarita Faustino dos Santos, Mercedes Baptista e Raimundo Netto, seu aluno, compuseram o corpo de coreógrafos do festival capixaba de Ballet [Fig. 40], através da articulação de Lenira Borges.

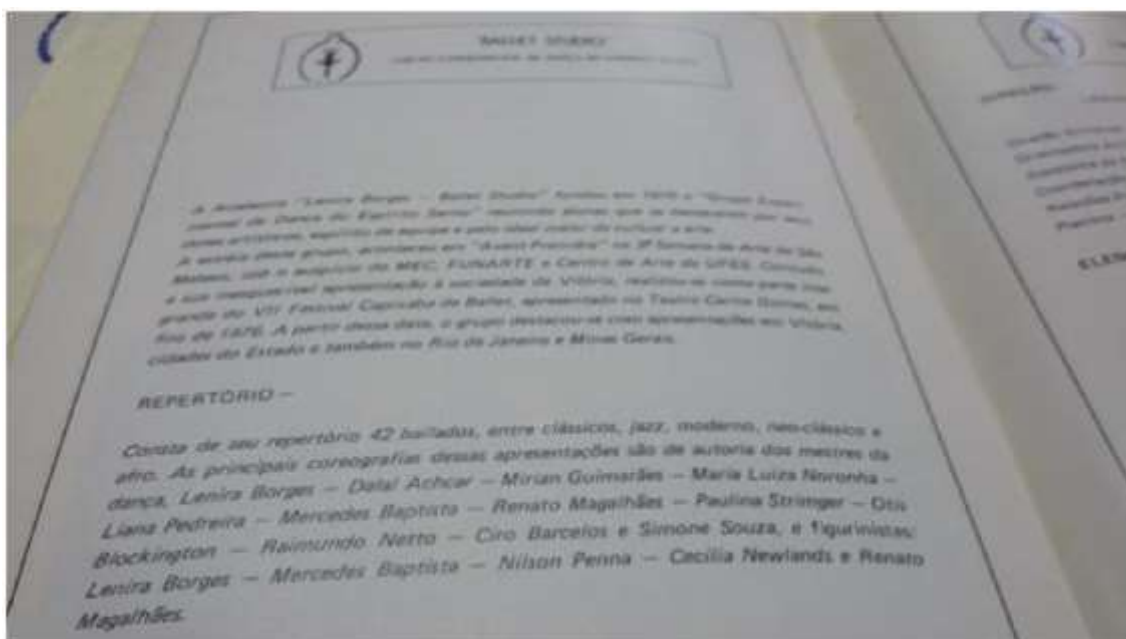


Figura 40: Repertório Lenira Borges. Coreografia de Mercedes Baptista e Raymundo Netto. Arquivo Público. Crédito: Sarita Faustino dos Santos.

A academia de Lenina Borges, a *Lenira Borges – Ballet Sttudio*, foi fundada em 1976, localizada na Praia do Canto, considerado um bairro nobre em Vitória. A vinda de Mercedes e Raimundo Netto teria acontecido em 1977, no entanto, há um dissenso de datas, já que Bispo e Souza afirmam que Raimundo Netto teria vindo fazer uma coreografia de dança afro para a academia de Lenira no início dos anos 80 (Bispo e Souza, 2006, p. 84). Não conseguimos saber se esta seria uma segunda visita ou a primeira, mas o fato é que a sua vinda é associada à trajetória profissional de Ariane Meireles.

Conforme já citado neste trabalho, Ariane Meireles é uma importante figura e protagonista da dança afro capixaba, tendo participado de vários grupos de dança afro formados entre as décadas de 1980 e 1990 na Grande Vitória. Após participar das aulas de Raimundo Netto, aluno de Mercedes Baptista, no Ballet Studio, Ariane é convidada a criar um grupo de dança afro em Vitória (Bispo e Souza, 2006, p. 84), o Axé de Obá (1981-1983). Segundo Bispo e Souza (2006, p. 84), “a convite da dançarina Mercedes Batista, o Axé de Obá chegou a se apresentar no Rio de Janeiro”, tendo se desfeito pouco tempo depois.

No período entre 1980 e 1990, outros grupos se formaram, como o Grupo Afro Cultural Abi-Dudu (1987-1990), que tinha como integrantes: Margareth Ramos, Rô Viana, Renato Santos, Fátima Silva, as irmãs Kátia e Kássia, Alzira e Luciana Fontoura, entre outros (Bispo e Souza, 2006, p. 84). E o Negraô⁸⁸, fundado em 1991, que teria se articulado entre Ariane Meirelles, Renato Santos e Walter Lima, todos estudantes de Educação Física na UFES (Bispo e Souza, 2006, p. 85).

Observamos que a Cia Negraô⁸⁹ participou ativamente da ocupação do Mucane nos anos 1990, segundo o histórico traçado pelas autoras Bispo e Souza:

A exemplo do Abi Dudu, o Negraô não queria desenvolver um trabalho restrito à dança. Além da criação de espetáculos, o Negraô abriu espaço para a comunidade em 1994, quando passou a ministrar aulas

⁸⁸ Segundo Bispo e Souza (2006, p.89), participaram do Negraô desde 90, Gil Mendes, Giovana Gonzaga, Gislene Bento, Kátia Cuzzuol, Marciano Santos, Mauro Marques, Michele Thomaz, Nilson Coutinho, Magno Encarnação, Claudio Souza, Verônica Cerqueira, Adriana Coelho, Elídio Netto, Ely Ramos, Gicélia Azevedo, Jully Victória, Márcio Rosa, Mary Hoffman, Nara Silva, Sarita Santos, Simone Carolina.

⁸⁹ Atualmente, observamos que o grupo de dança se auto-intitula como Cia Negraô.

de dança afro com o objetivo de divulgar ainda mais os valores da cultura negra e assim ampliar o debate. Estas aulas aconteciam inicialmente, todo sábado, na Escola de Teatro e Dança Fafi e foram ministradas no Museu Capixaba do Negro (MUCANE), localizado no Centro de Vitória de 1909 a 2003. (BISPO E SOUZA, 2006, p. 88)

A formação promovida pelas aulas da Cia Negraô ainda na década de 1990 pode ser associada à difusão da Dança Afro no contexto regional, tendo originado outros grupos no território capixaba. Destacamos alguns deles como o Afro Dandara (1994-?⁹⁰), Cia Cumby⁹¹ (1997), Homem Cia de Dança Contemporânea (1999). Neste cenário, houve a formação de outros grupos de dança afro e danças urbanas, como a Cia Vitória Street Dance (1997)⁹², Enki Cia de Dança Primitiva (2000)⁹³, Cia InPares (2004)⁹⁴, Coletivo Emaranhado (2013/2014), Cia Ehioze (2018)⁹⁵, Grupo Performance Itinerante⁹⁶, entre outros. Investigaremos a seguir como alguns destes grupos utilizam o Mucane como um espaço de acolhimento e local de disputa para a difusão da cultura negra através da dança afro.

3.3 A dança afro no Mucane

O impacto das oficinas e da formação em dança, apesar da diferença de formato, é muito positivo para a democratização e o acesso à educação e novas linguagens artísticas. Além disso, todo este movimento participa da composição dos valores e missões do Mucane como instituição, ao propor tratar a dança e a música não só no seu registro material, como um item do acervo que reflete algo que já foi, mas como um pulsante movimento para produção de saberes e

⁹⁰ As autoras Bispo e Souza, apresentam apenas a data de formação do grupo.

⁹¹ Cia Cumby em 2005, tinha o congo como referência para sua pesquisa criativa e, segundo Bispo e Souza (2006, p.91) era formada em 2005 por Mestre Prudêncio, Ezequiel Nascimento, Hudson Nascimento, Jepson Nascimento, Nilceir Nascimento, Giovane Riveiro, Ilza do Rosário, Renato Santos e Walter Lima.

⁹² A Cia Vitória Street Dance, dirigida por Lalau Martins é pioneira local nas danças urbanas.

⁹³ Segundo Bispo e Souza (2006, p. 94) a cia foi criada pelo bailarino Paulo César Fernandes.

⁹⁴ Segundo as redes sociais da cia, a companhia tem a direção de Gil Mendes, Paulo Sena e Mauro Marques.

⁹⁵ Cia Ehioze foi criada pelos bailarinos Gil Mendes e Jordan Fernandes.

⁹⁶ O grupo tem como integrantes Jadson Afonso, entre outros dançarinos.

fabulações. Ariane Meireles, considera o Mucane como a “casa” da dança afro-brasileira em Vitória e na Grande Vitória ou até mesmo no estado (Entrevista 11 - Anexos).

Como vimos, a Cia Negraô tem sua história vinculada ao museu. Podemos observar que ao longo de sua trajetória o Mucane desenvolveu sua relação com a dança desde as oficinas ministradas por Ariane Meireles na década de 1990 até os dias atuais.

Atualmente, o Mucane é um dos poucos espaços públicos que disponibiliza salas para ensaio das companhias de dança da Grande Vitória, fato que é lembrado por Lalau Martins da Cia Vitória Street Dance (Entrevista 4 - Anexos).

Este dado coloca o Mucane, por sua vez, como um local de disputa dos grupos de dança afro. Elídio Netto relata que há certa dificuldade para a reserva de salas para as atividades da Cia Negraô, por exemplo (Entrevista 6 - Anexos). As entrevistas indicam a centralidade do Mucane para vivências, ações e manutenção destes grupos, com isso, observamos que o museu não apenas destaca-se nessa relação com a dança, como uma de suas missões e dos seus valores desde a sua fundação, mas nos auxilia a constatar a carência de espaços públicos, em funcionamento na Grande Vitória, que poderiam se abrir para este tipo de uso, de atividade.

As oficinas realizadas no museu estão divididas entre percussão, dança e oficinas diversas, que concentram a maior parte das atividades, 64 das 332 totais realizadas no museu (Tabela 4 – Anexos). Destas, podemos destacar as Oficinas de Canto de Matriz Africana, Capoeira, Percussão, Teatro, Danças Populares, Consciência Corporal, Dança Criativa e Cavaquinho e o Curso de Qualificação em Dança Afro-brasileira Cênica, que são oficinas realizadas pelo próprio Mucane. As oficinas têm como característica a ciclicidade, abrindo inscrições de forma semestral e promovendo atividades semanais. O Curso de Qualificação se diferencia das oficinas pela continuidade e aprofundamento propostos em uma formação com duração de 2 anos, além de não apresentar tanta rotatividade de alunos. Veremos primeiro as oficinas e atividades de dança que compõem os dados tabelados antes de nos aprofundarmos sobre o curso de qualificação.

Entre as atividades voltadas diretamente à dança é possível perceber a

presença de apresentações, aulas e oficinas (Tabela 4 – Anexos). Nas oficinas de danças semestrais realizadas, as informações da tabela indicam que em 2012 compuseram-se da Oficina de Capoeira e de Danças Populares, se repetindo em 2013, com a informação de que esta última fora ministrada por Mauro Marques, em 2014. Em 2017 aparece apenas a Oficina de Danças Populares. Em 2018, novamente a oficina de Danças Populares com Jordan Fernandes como instrutor. O levantamento demonstra que as oficinas são constantes na trajetória do museu, o que indica uma ampla circulação de público, de forma a difundir o debate sobre identidade e afirmação. Destacamos algumas da tabela, apenas como forma de observação sobre o processo que vai da oficina às apresentações, propriamente ditas, no espaço do museu.

- 2012 - Espetáculo de Dança “Conexões” - Cia Enki de Dança
- 2013 - Mucane 20 anos - Aula inaugural da Qualificação Profissional Dança Afro Brasileira Cênica
- 2013 - Quinta cênica - realização da Companhia Homem de Dança (CHDC)
- 2016 - I Corpo Afro - Oficina de dança afrobrasileira - Coletivo Emaranhado
- 2017 - Aula Dança Afro - Grupo Negraô
- Oficina "Dança´Arte" em homenagem a São Jorge, com Gracielle Monteiro
- 2018 - Mostra de Danças - Apresentações: Cia Negraô (dança afro), Underground Funkers (break dance), Gladcrew (Cia de danças urbanas), Império Project (grupo k-pop) e Pagode Capixaba (pagode)
- 2018 - Oficina de Dança & Contos Afro Colombianos
- 2018 - Apresentação de encerramento das Oficinas do Mucane
- 2021 - O mar que banha a Ilha de Goré – Coletivo Emaranhado
- 2021 - Aulões Dança Afro Samba Reggae com Coletivo Emaranhado/Maicom Souza

Através dos dados acima observamos alguns dos grupos de dança que propõem oficinas e ocupam o espaço do Mucane, como a Cia Negraô, a

Companhia Homem de Dança, o Coletivo Emaranhado e outros como o Grupo Performance Itinerante. A realização da primeira edição do Corpo Afro, oficinas ministradas por membros do Coletivo Emaranhado se deu através do Edital de Ocupação do Museu 2015/2016, já a segunda edição deste evento contou também com recursos do Edital da Secult, além do Edital de Ocupação de 2017/2018. O Coletivo Emaranhado apresenta-se como um dos grupos que tem seus dados e portfólio disponíveis em site próprio, o que permitiu complementar o levantamento de informações realizadas na tabela em relação às atividades relacionadas a eles. Os encerramentos das oficinas resultam em apresentações para o público, demonstrando como o Mucane exerce uma função de formação não apenas de dançarinos, mas também uma formação de público. Como o museu não tem os registros das atividades de dança tabelados e nem todas as companhias de dança tem seus registros organizados, há uma ausência de informações nos anos de 2015 e 2019, porque a pesquisa teve dificuldade para encontrar informações sobre as apresentações. Permanecemos com a ausência de alguns dados e a sugestão para o aprofundamento futuros por pesquisadores ou pelo próprio museu.

Sobre a questão e para contextualizar o Curso de Qualificação em Dança Afro do Mucane em si, é importante ressaltar o relato que Maicom Souza Santos⁹⁷ e Sarita Faustino dos Santos coletaram com Thaís Amorim sobre este momento:

[...] é neste lugar que entra o Curso de Qualificação em Dança Afro-brasileira Cênica. Criado pelo artista profissional do segmento de dança afro Renato Santos, o curso tem como base as práticas da Escola Técnica de Teatro, Dança e Música (FAFI), que também é um espaço administrado pela Prefeitura Municipal de Vitória. Santos foi aluno de Mercedes Baptista, fundador da primeira companhia de dança afro do Espírito Santo, a Cia NEGRAÔ, e sempre esteve envolvido na militância de ocupação do Mucane desde sua fundação em 1993. Ainda na FAFI, Renato Santos entendeu que o melhor espaço para que este curso fosse desenvolvido seria o Mucane, visto a representatividade política deste lugar. Isso se deu por uma questão de identificação e demarcação da profissionalização das práticas afro-brasileiras, que sempre são colocadas em lugar de amadorismo no Brasil. Apesar de existir uma grande parcela da população negra no país, ainda não estamos em espaços de poder. Este curso é uma prática formativa com políticas pedagógicas, técnicas alinhadas e metodologias definidas, que visa demarcar o lugar do negro como agente, produtor e executor de conhecimento, que reforça a cultura potente de um grupo social específico e que coloca a

⁹⁷ Dançarino, coreógrafo do Coletivo Emaranhado e pesquisador.

corporeidade negra em evidência nas artes cênicas. Apesar da dança afro possuir pesquisas (nos candomblés, nas danças dos Orixás, na religiosidade etc.), a capoeira, o samba e o funk foram e ainda são criminalizados, e por isso demarcar essa origem é tão relevante, para que se evite a criminalização dos nossos corpos e da nossa arte. A importância do curso é colocar a população negra como produtora de saber, que este conhecimento é específico do povo negro e que precisamos multiplicá-lo [...] (Thais Souto, Relato 2018 apud Souza e dos Santos, p.13 e 14)

Segundo informações coletadas no site da PMV⁹⁸, o Mucane sediou em 2013, durante a gestão de Suely Bispo, uma aula inaugural do Curso de Qualificação em Dança Afro-brasileira Cênica, permitindo concluir que este seria o ano de sua criação. Segundo o nosso levantamento, a Qualificação se repete em 2015, na gestão de Wellington Barros, e em 2018, na gestão de Thaís Souto Amorim. Para entender o atual contexto do curso, tomamos o relato de Maicom Souza (Entrevista 12 – Anexos), sobre sua experiência com mudanças na configuração do museu, dando como exemplo o Curso de Qualificação em Dança Afro-brasileira Cênica, relacionando às gestões do museu:

Durante os anos que trabalho no museu houve a troca de três coordenadores, isso é um fator que muda seriamente toda a gestão do espaço. O curso de Qualificação, à vista de exemplo, ficou anos parado, porque depende muito da força de trabalho do coordenador para que o curso funcione. Agora, em novembro de 2021, o curso de qualificação está há um ano parado e não temos informações certas de quando ele retorna e se retorna. Bom, as configurações do Mucane são literalmente contingenciais e dependem muito da gestão do espaço. Há sim no museu propósitos fixos, como oficinas, exposições e eventos, mas como isso será executado é variável, pois depende da gestão e sua força de trabalho. (Entrevista 12 – Anexos)

Concluimos, portanto, que também encontramos dificuldade sobre o contexto atual da Qualificação em Dança, por essa pausa relatada. É importante ressaltar que a última turma (2018) finalizaria sua formação em 2020, ano em que o museu ficou fechado fisicamente com atividades híbridas por conta da pandemia. Ainda assim, tendo em vista os dados levantados e a pesquisa de campo como aliados, podemos perceber como ainda hoje o museu é um espaço ocupado pelo protagonismo de pessoas negras em movimento. A partir destes corpos, da ancestralidade, das memórias e das novas fabulações sobre o que é ser negro, o Mucane constitui-se como um outro corpo em movimento, não só

⁹⁸ <https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/museu-capixaba-do-negro-celebra-20-anos-com-danca-afro-brasileira-cenica-11171>

um prédio, não só um museu, mas um potencial espaço para o desenvolvimento das culturas de matrizes africanas, afro-brasileira e, principalmente, afro-capixabas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar um panorama do movimento negro capixaba e os caminhos para a constituição do Mucane, percebemos como o museu reflete um desejo coletivo de expressão de si, de uma possibilidade de fabular sobre suas estórias e sua história e de estabelecer protagonismo de suas narrativas.

Verificou-se através da pesquisa que o Museu Capixaba do Negro é um museu que surge como pauta dentro do movimento negro local, estando ligado a uma série de coletivos, entidades e pessoas responsáveis pela sua constituição, criação e existência. Vimos que ao longo de sua trajetória, o museu esteve ocupado pelas mais diversas faces e formas do movimento negro, no contexto político ou cultural, afinal, é quase impossível desatrelar política e cultura. Neste sentido, observamos como o museu estabeleceu uma ligação com o ativismo de mulheres negras e grupos de dança afro, por exemplo. Além disso, ao longo do desdobramento da pesquisa, identificou-se no museu também um protagonismo feminino de mulheres em cargos de gestão, tendo possibilitado a continuidade, bem como o desenvolvimento de atividades e debates atravessados pelas perspectivas de gênero e raça, acompanhando os debates contemporâneos.

As políticas públicas atravessam a história do Mucane, desde protagonismos e luta por um espaço, não só de maneira positiva, mas como uma factual expressão de racismo estrutural, praticado pelo Estado, que vai ficando explícito conforme nos aprofundamos na forma coadjuvante que o poder público assume diante das ações para o museu. De forma inversa às negligências praticadas pelo poder público, o protagonismo da população afro-capixaba diante das ações do museu garantiu e ainda garante a existência e resistência do Museu Capixaba do Negro. O Mucane se torna então um instrumento importante para a preservação da memória onde se encontra, trabalhando o pertencimento com a identidade local, o protagonismo de artista negros, a formação de público crítico a diversas temáticas sociais e sobre a negritude,

refletindo através dessas práticas o cerne de um museu que se move a partir de pressupostos e parâmetros refletidos pela museologia social ou sociomuseologia. Cria espaço para que haja o tensionamento necessário de políticas públicas.

Ainda que esta pesquisa tenha sido iniciada em 2020, no início da pandemia de Covid-19 encarando o luto pessoal e coletivo em consequência dela e isso ter trazido dificuldade para o desenvolvimento da pesquisa, como a impossibilidade de inserções ao museu, ao contato com documentos físicos, a encontros presenciais e espontâneos com os entrevistados e o público em geral, ainda assim foi possível produzir um amplo levantamento no museu sobre as exposições e as ações culturais, que foram essenciais para o estabelecimento de um grande conjunto de dados ainda não organizados sobre o museu, apresentados nos anexos. Tais dados podem servir e estão abertos para pesquisas futuras que procurem compreender a vida do museu. O tempo curto do mestrado, somado às dificuldades da pandemia, deixam partes desses dados abertos para novas investigações e análises.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, N. (Org.). *Mostra do redescobrimto: Negro de corpo e alma*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

A Imprensa Negra nos anos 1930. Em Memória da Imprensa no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_06/secao_social.php Acessado em 03 de agosto de 2021.

ARAUJO, Emanuel (Org.). *A mão afrobrasileira: significado da contribuição artística e histórica*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Museu Afro Brasil, 2010. Vols 1 e 2.

BARBOSA, Fernanda de Castro (org), MONTEIRO, Nelma Gomes (org).. Revista *MUCANE*. Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2012. Acesso em 01 de outubro de 2019. Disponível em: https://issuu.com/elimuinstituto/docs/revista_14maio2012_baixa/2?ff

BARBOSA, Fernanda de Castro. *Memórias e identidades no espírito santo: um estudo a partir do Museu Capixaba do Negro*. Vitória, Espírito Santo, 2015. Acesso em 23 de setembro de 2019, disponível em: [http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9908/1/tese_9057_FERNANDA_DE CASTRO BARBOSA%20-%20Dissertação%20Versão%20Final20160621-173135.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9908/1/tese_9057_FERNANDA_DE_CASTRO_BARBOSA%20-%20Dissertação%20Versão%20Final20160621-173135.pdf)

BARBOSA, Fernanda de Castro. *MEMÓRIAS DE UM LUGAR: 25 ANOS DO MUSEU CAPIXABA DO NEGRO* in Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Ano. 2, n. 3, (jan./jul.2018) - *Dossiê Africanidades Transatlânticas*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2018. Acesso em 18 de novembro de 2021. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_3.pdf

BARBOSA, Nelma. *Arte afro-brasileira: Identidade e artes visuais contemporâneas*. Jundiaí, SP: Paco Editorial. 2020.

BARCELOS, L. C. *Mobilização racial no Brasil: uma revisão crítica*. Afro-Ásia, [S. l.], n. 17, 1996. DOI: 10.9771/aa.v0i17.20864. Disponível em: [//periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20864](http://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20864) . Acesso em 12 ago. 2021.

BATISTA, Marta Rossetti. Coleção Mário de Andrade Religião e Magia, Música e Dança, Cotidiano. EDUSP. 2004. Acesso em 20 de novembro. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=DIVYzmIEPr4C&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PA6#v=onepage&q&f=true>

BISPO, Suely; SOUZA, Edileuza Penha de. *Resistência Negra da Grande Vitória: dos quilombos ao movimento negro*. Vitória: Multiplicidade, 2006.

CASTRO, M. B. de; SEPÚLVEDA, Miriam. dos. *Abdias do Nascimento e o Museu*

de Arte Negra. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 3, p.174-189, set. 2019. Disponível em:

<https://www.publitionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4235> >. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v3i3.4235>.

CHAGAS, Mario. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Cadernos de Sociomuseologia, 1999. Acesso em 28 de junho de 2020. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>

CHAGAS, Mario de Souza; GOUVEIA, Inês. *Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)*. In: Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social. Dez. de 2014, p. 9-22.

CEVA, Antonia Lana de Alencastre. *O negro em cena : a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro (1944-1968)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio, 2006. Acesso em 12 de dezembro de 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9659/9659_1.PDF

CHOAY, F. (2017). *A Invenção do Patrimônio Urbano em A alegoria do patrimônio*. Tradução Luciano Vieira Machado – 6ª ed. – São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP.

Coleção Mário de Andrade é tombada (18 de fevereiro de 2008). Acesso em 20 de novembro de 2021. Disponível em:

<https://agencia.fapesp.br/colecao-mario-de-andrade-e-tombada/8427/>

CONDURU, R. *Arte Afro-brasileira: Orientações Pedagógicas*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CRUZ, Suellen da Silva. *Movimento Negro e as Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

CUNHA, Marianno Carneiro da. (1983). *Arte Afro-brasileira*. In: ZANINI, W. (Coord.) História Geral da Arte no Brasil. Vol.2. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. Revista do Centro de Pesquisa e Formação - SESC, v. 5, p. 78-88, 2017.

CYMBALISTA, Renato, FELDMAN, Sarah., KÜHL, Beatriz M. (2017). *Patrimônio Cultural – Memória e Intervenções Urbanas*. Org.: Cymbalista, R., Feldman, S., Kühl, B. M. – 1ª ed - São Paulo: Annablume: Núcleo de Apoio e Pesquisa São Paulo.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovô Nagô e papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Campinas, SP, 1982. Acesso em 21 de novembro de 2021. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279007>

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Revista Tempo, vol. 12, n. 23, p. 100-122. UFF, Niterói, 2007. Acesso em 17 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos*. Dimensões: Revista de História da UFES (n.21), p. 101-124, 2008. Acesso em 17 de novembro de 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2485>

DOS SANTOS, Bruna Amaro. *Museu-Terreiro: o sagrado afro-brasileiro em um ambiente museológico*. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, 2018.

DOS SANTOS, Sarita Faustino. *Corpo, Movimento e Afirmação: Percursos do Grupo de Dança Afro Negraô no ES*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. *O fazer saber das danças afro: investigando matrizes negras em movimento*. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2012.

FONSECA, A. C. *Museu Afro Brasil: A Querela Da Identidade*. Revista TransVersos (n. 10), p. 183-204, 2017. Acesso em 21 de novembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/transversos.2017.29989>

FREITAS, Joseania Miranda. *Memorias afro-descendientes y la museística: algunas reflexiones*. Revista Brasileira do Caribe, v. 14, p.117-137, 2013.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito*. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. no 2001, n. 61, p. 147-162, 2001. Acesso em 17 de novembro de 2021. Disponível em: <https://silo.tips/download/democracia-racial-o-ideal-o-pacto-e-o-mito#>

GOMES, Flávio dos Santos, LAURIANO, Jaime, SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Enciclopédia negra*. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2021,

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes*. Política & Sociedade (Online), v. 10, p. 133-154, 2011.

Gouveia, Inês, Mendes, Andrea, Bezerra, Nielson e de Souza, Marlúcia Santos (organização). *Joãosinho da Goméia*. - Ebook, reimpr. - Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2021. 308 p. Acesso em 08 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1HL1d6wsEBTENjLBL8hTjiDQGld_cpv5h/view

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM (2016). *Subsídios para a elaboração de planos museológicos*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus –

Ibram. Acesso em 12 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://forum.acervos.museus.gov.br/publicacoes/subsidios-para-a-elaboracao-de-planos-museologicos/>

LING, A. (23 de fevereiro de 2020). *O que são cidades inteligentes dentro da realidade brasileira?* Acesso em 08 de outubro de 2020, disponível em ArchDaily: <https://www.archdaily.com.br/br/933328/o-que-sao-cidades-inteligentes-dentro-da-realidade-brasileira>

LOCATELLI, Lilian de Oliveira. *Os agentes do patrimônio cultural em Vitória-ES*, 2013. Acesso em 29 de setembro de 2021, disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/2106>

LODY, Raul. *O negro no museu brasileiro: construindo identidades*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2005.

LOPES, M. A.. *Introdução a arte afro-brasileira*. Florianópolis, Santa Catarina, 2015. Acesso em 01 de outubro de 2019, disponível em: snh2011.anpuh.org/resources/anais/39/1444327678_ARQUIVO_introduc_a_arteafrobrasileira3.pdf

MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo / Cleber Maciel; organização por Osvaldo Martins de Oliveira*. –2ª ed. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

MENEZES NETO, Hélio Santos. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, 2018.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro (Palavras Negras)*. Editora Perspectiva S/A. Edição do Kindle. Disponível em: <https://amz.onl/brFJZzp>

MONTEIRO, Marianna F. Martins. *Dança popular: espetáculo e devoção*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.

_____. *Dança Afro: uma dança moderna brasileira* In Húmus 4. NORA, Sigrid (org.). Caxias do Sul: Lorigraf, 2011.

MOUTINHO, Mário Canova. *SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL*. Cadernos de Sociomuseologia, v. 1, n. 1, 11, 1993. Acesso em 1 de setembro de 2020, disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*; com prefácio de Kabengele Munanga; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. 3. ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro : Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um*

racismo mascarado. - 3. ed. - São Paulo: Perspectivas, 2016.

NEVES, Márcia das. *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*. 2008. 85 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Acesso em 29 de agosto de 2021. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13390>

Nossa história em Instituto Elimu Cleber Maciel. Acesso em 12 de dezembro de 2020. Disponível em: <http://institutoelimu.com.br/nossahistoria/>

NOSSO Sagrado. Direção de Fernando Sousa, Gabriel Barbosa e Jorge Santana. Rio de Janeiro: Quiprocó Filmes. 2018. Acesso em 20 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/EwkeM05Nu4o>

OAKES, E. (01 de fevereiro de 2019). *Onde está o acervo de obras do Museu Capixaba do Negro (Mucane)?* Acesso em 27 de setembro de 2019. Disponível em Gazeta Online:

<https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2019/01/onde-esta-o-acervo-de-obras-do-museu-capixaba-do-negro-mucane-1014166108.html>

PINTO, Flávia da Silva; BERGER, William. *Libertem nosso Sagrado: violência e intolerância religiosa no caso das peças sagradas das religiões de matrizes africanas no Brasil (1889-2018)*. In: MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, n.º 8, 2018, p. 225-236.

Programa de Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro. Acesso em 04 de setembro de 2022. Disponível em:

<https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/gestao-de-risco-ao-patrimonio-musealizado/pgrpmb-diretrizes-gerais-objetivos-eixos-e-linhas-de-atuacao.pdf>

RIBEIRO, Luciara dos Santos. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na linha de pesquisa Imagens, Cidade e Contemporaneidade) - Universidade Federal de São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Acesso em 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf>

SANTOS, Deborah Silva. *Museologia e Africanidades: Experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros*. Tese (Doutorado em Museologia) - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2021. Acesso em 24 de abril de 2022. Disponível em: <https://recil.ensinulusofona.pt/bitstream/10437/11990/1/tese%20final%20com%20j%C3%BAri%20Deborah%20Santos.pdf>

SCHWARCZ, Lilia Moritz (1999). *Questão Racial e etnicidade*. Em S. Miceli, *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré.

SILVA, Aila Regina da. *"Proibido tocar, permitido dançar": dança e mediação no museu de arte contemporânea*. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, Joselina da. *Movimento social negro após o estado novo: grupos, conferências e jornais* in Anais ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Londrina, 2005. Acesso em 12 de dezembro de 2020. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206370_69c1c994c8529dc6512a0761f3b85be8.pdf

SILVA, Maicom Souza e, DOS SANTOS, Sarita Faustino. *Mucane, espaço de poder e representatividade da dança afro-brasileira cênica*. In: ANAIS DO ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNB, 2018, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. Acesso em 04 de novembro de 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/encontro-museologia-2018/papers/mucane--espaco-de-poder-e-representatividade-da-danca-afro-brasileira-cenica?lang=pt-br>

SILVA, Renato Araújo da. *Arte Afro-Brasileira: altos e baixos de um conceito*. São Paulo: Ferreavox, 2016. Acesso em 21 de novembro de 2021. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/345391214/SILVA-Renato-Araujo-da-Arte-Afro-Brasileira-2016>

ZUBARAN, Maria Angélica, MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues. *QUE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NEGRAS SE ENSINAM NOS MUSEUS? DO ESQUECIMENTO AO RECONHECIMENTO*. In Revista Linguagens, Educação e Sociedade, n. 30, 2014. Acesso em 21 de novembro de 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/8708/0>

TV CAPIXABA, Espaço Capixaba 12/07/2012: Conheça o Museu Capixaba do Negro <https://www.youtube.com/watch?v=RS6Zg2xnSYU&t=123s>

ANEXOS

Tabela 2: Levantamento de exposições realizadas no Museu Capixaba do Negro de 2012 à 2022.

Autoria pessoal.

Exposições realizadas no Mucane - a partir de 2012					
Nº	Ano	Nome	Ficha Técnica	Tipo	Realização
1	2012	Nos caminhos Afro – 170 fotografias de Pierre Verger	Fotografias de Pierre Verger	Acervo	
2	2012 até 2013	O corpo da luta: a experiência quilombola no Espírito Santo	Curadoria: Selma dos Santos Dealdina Expografia: João Pedro Gatti Fotografias: Sandro Silva, Domingos Firmiano, Bianca Blandino	Coletiva	
3	2012	Olha pra trás e põe sentido	Charlene Bicalho	Individual	
4	2012	"De Onde Venho" - II Feira Criola	Ficore, Kika, Patrick Nego, Moska e Iran	Coletiva	
5	2013	Exposição Fotografias – ENEART - MUCANE			
6	2013	Reinos, Escudos e Máscaras	Curadoria: Maciel de Aguiar		
7	2013	Mônica Forde - Afroarte - Arte em Fibras Naturais	Mônica Forde	Individual	
8	2013	Exposição Carnaval 2013	Fotógrafos: Carlos Antolini, Elizabeth Nader, André Sobral e Yuri Barichivich e dos profissionais convidados Marcos Salles e Fábio Nunes.	Coletiva	
9	2013	III Feira Criola	Expositores: Edson Sagaz, Kleber Gonçalves do Nascimento, Maria da Penha Lúcia da Silva Palestrantes: Cleyde Amorim Oficina: Odomodê	Coletiva	
10	2014	Todas as faces de Maria	Curadoria: Aline Miceli, Bernadette Rubim, Genildo C. Hautequestt Filho Fotografias: Dário Dias,	Coletiva	

			Genildo C. Hautequestt Filho, Luan Volpato, Renilson Chagas Pesquisa: Genildo C. Hautequestt Filho Texto: Maria Elvira Tavares Costa		
11	2014	Nação Encontro Nação Hip-Hop	Artistas: Gabriela Ramos, Keka, Kika, Alecs, Flor, Musca, Pera, Renato Ren, Sagaz e Starley.	Coletiva	
12	2014	IV Feira Criola	Núcleo Afro Odomodê		
13	2015	Orisun Asa – Exposição de Filatelia		Acervo	
14	2015	Rastros – Intercâmbio África/Brasil na Arte Contemporânea	Artistas: Carmen Maria Muanga – Moçambique; Cristina Bastos – Brasil; Francisco Edilberto – Brasil; Irineu Ribeiro – Brasil; Izabel Vidal – Brasil; Kyria Oliveira – Brasil; Maimuna Adam – Moçambique; Nu Barreto – Guiné-Bissau; Penithencia - Brasil	Coletiva	
15	2015	Oba: entre deuses e homens por Juliana Pessoa	Juliana Pessoa	Individual	
16	2015	Exposição Fotográfica Projetando Identidades		-	
17	2015	1º Encontro Estudantil com Histórias Afro-Brasileiras			
18	2015	“A Beleza da Mulher Negra – Olhares e Reflexões”	Alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Alberto de Almeida	Coletiva	
19	2015	Afrocor	Robson Schneider	Individual	
20	2015	Exposição Acervo Fames	Curadoria: Graciela Moreira	Acervo	
21	2016	O congo entre nós	Fotógrafos: Aílton Antônio dos Santos Junior, Fraga Ferri, Juliana Casotto Pirchiner, Karoll Oliveira e Marlene Martins de Oliveira. Curadoria: Fraga Ferri e Karoll Oliveira	Coletiva	

22	2016	Torções	Luciano Feijão	Individual	Edital
23	2016	Semana de Arte Moderna da Juventude Afroameríndia	Odomodê, Emef São Vicente de Paulo, Instituto Gênesis		
24	2016	FEMINEM - Juarez e a Luta Contra o Femicídio	Artista: Karen Valentim	Individual	
25	2017	Transpotências	Fotografias: Aidê Malanquini Idealização: Aidê Malanquini, Pablo Rocon Curadoria: Luara Monteiro Bate-papo: Michelle Gama, Viviane Corrêa e Vick Pastore, Aidê Malanquini		Edital
26	2017	III Circuito de artES 2017 - "Abordagens Afro-Ameríndias	Acélio Rubens; Luiz Henrique; Mariana Barroso; Zuilton Ferreira	Coletiva	
27	2017	Memorial de Mestres - Jongos e Caxambu no ES	Produção: Roney Rosa Silva (Sarney) Curadoria conjunta: Aissa Afonso Guimarães Montagem e mediação: Luciana Carneiro e Karolline Lourenço Ações educativas: integrantes do Caxambu da Família Rosa		
28	2017	ÀWA NÌ - Nós por Nós!	Núcleo Afro Odomodê Parceria do "Ponto Black" - espaço para empreendedores negros e negras - e do fotógrafo Jove Fagundes.		
29	2017	Dandaras - Mulheres Negras da Educação			
30	2017	Arteirartista	Idealização: Elias Rodrigues de Oliveira	Acervo	
31	2017	Exposição "Vamos Falar de Acervo?"	Irineu Ribeiro, Zuilton Ferreira e autor desconhecido	Acervo	
32	2018	Ujuzi: Conhecimento é Poder	Curadoria: Starley Bonfim Coletivo Uhuru: Adelson Bóris, Luhan Gaba, Mina Afrofuturística, Nega Suh; Johnson Sudré (projeção mapeada)	Coletiva	Edital
33	2018	Afro-tons de Zacimbas		Coletiva	

		à Suelys Vozes Olhares Múltiplos			
34	2018	Malungas	Orientadora residência artística: Rosana Paulino Educadora: Kiusam de Oliveira Artistas: Castiel Vitorino Brasileiro; Charlene Bicalho; Kika Carvalho	Coletiva	Edital
35	2018	Lançamento de CD do grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo (GCAVAM)	Mestre Cláudio Nascimento Exposição de desenhos de Huemerson Leal e de imagens do fotógrafo Douglas Bonella		Sem informação
36	2018	Exposição "Os arredores da minha convivência e suas belezas"	Sem informação	Sem informação	Sem informação
37	2019	Gira	Curadoria: Napê Rocha Artistas: Castiel Vitorino Brasileiro; Felipe Lacerda; Ione Reis; Julia Muniz; Kika Carvalho; Natan Dias; Rafael Segatto	Coletiva	Independente
38	2019	exposição "A Voz que nos Pariu" - #mariELASsim: pelas vidas das Mulheres, por direitos e contra os retrocessos	Fotógrafa: Tati Auer		Sem informação
39	2019	26 anos do Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas" (Mucane) - exposição	Organização: Karenn de Amorim e Souza, Jaiara Dias Soares, Daniel Amazonas Dos Santos e Nadine Luiza da Silva Vieira		
40	2021	Paciência de Pescador	Artista: Rafael Segatto	Individual	Edital
41	2021	Erù-lyá: movimentos antirracistas	Curadoria: Mara Pereira Artistas: Castiel Vitorino; Kika Carvalho; Yhuri Cruz	Coletiva	Edital
42	2021	Black is Beautiful	Dejair Paulo	Individual	Independente
43	2022	Personalidades Negras e Histórias do Mucane	Organização, pesquisa e curadoria: Jocelino Junior; Nataly Volcaty; Jaiara Dias Soares; Bruna Afonso	Acervo	Independente
44	2022	Estandarte Negro	Rômulo Corrêa dos	Individual	Independente

		cenários e patrimônios do centro histórico de Vitória	Santos		te
45	2022	Orisàs	Sagaz	Acervo	Independente

Tabela 4: Levantamento de atividades realizadas no Museu Capixaba do Negro a partir de 2012.
Autoria pessoal.

Atividades realizadas no Museu Capixaba do Negro					
Nº	Ano	Nome	Ficha Técnica	Tipo	
1	2012	Semana da Consciência Negra no Mucane (2012)		Diversas	
2	2012	Oficina Canto de Matriz Africana		Oficina	
3	2012	Oficina Capoeira		Oficina	
4	2012	Oficina Percussão		Oficina	
5	2012	Oficina Teatro		Oficina	
6	2012	Oficina Danças Populares		Oficina	
7	2012	Workshop "Tambor mineiro" com Mauricio Tizumba		Oficina	
8	2012	Lançamento do livro "O meu mundo", do escritor e poeta capixaba Laureni Luciano	Laureni Luciano	lançamento de livro	
9	2012	35 anos de Dança Afro Brasileira Cênica no Espírito Santo	Roda de conversa: Renato Santos, Gil Mendes, Walter Lima e Renata da Luz Performance: Renato Santos Coreografias: dos alunos bailarinos da Fafi; Coreografia dos alunos da Oficina de Danças Populares do Mucane Aulão com o grupo Negra-Ô	roda de conversa, performance, coreografias e aulão de dança	
10	2012	Comemoração de 1 ano do programa Afro-Diáspora	Vivência, mini oficina de trança afro e roda de conversa: Núcleo Odomodê Performance de dança afro contemporânea: Paulo Fernandes Atrações musicais: Grupo Afro	Atrações musicais, Exibição do documentário, Roda de Conversa, Mini-oficina e exposição fotográfica	

			Kisile, banda Só Xotero e o Dj Shita Yamashita Exibição de web-documentário "Raiz Forte": Charlene Bicalho	
11	2012	Espectáculo "Convite Para Um Café" - Grupo de Teatro Delivery (SP)	Atuação e texto: Roberto Borenstein Direção: André de Araujo Figurino: Roberto Borenstein Realização: Grupo Teatro Delivery	Espectáculo
12	2012	Oficina de fantoches	Instrutor: Milton Neves, professor de teatro de bonecos do Circuito Cultural.	Oficina
13	2012	Anita Garibaldi – A história de uma mulher brasileira - grupo Teatro Poquelin	Texto e direção: Héctor Rodríguez Brussa Elenco: María de las Victorias Garibaldi	Espectáculo Teatro
14	2012	Programação comemorativa do Dia da Consciência Negra	Terça-feira (20) 9 horas: exibição dos filmes "Menino Nito" e "Kiriku". 14 às 17 horas: jornada de formação étnico-cultural para funcionários do Mucane com Vanda Vieira (Semcid/PMV). 18h30: espetáculo "Conexões", Cia Enki de Dança. 19 horas: Mostra de Cinema Negro Capixaba Reis Quitumbis, de Osvaldo Martins de Oliveira, documentário, 26' Fausto, de César Huapaya, vídeo de teatro experimental, 30' 3331, de Jorge Nascimento, ficção, 13' Meninos da Guarani, de Markus Konká, documentário, 71'. Quinta-feira (22) 9 às 12 horas: Jornada de formação étnico-cultural para funcionários do Mucane com Vanda Vieira (Semcid/PMV). De 22 (quinta-feira) a 25	Evento

			<p>(domingo): Feira Crioula.</p> <p>Terça-feira (27)</p> <p>9 horas: apresentação de dança dos alunos da Emef Anacleta Schneider Lucas. Coreografia "Orgulho da Raça", prof.^a Ariane Meireles.</p> <p>10 horas: abertura da Exposição "Anatomia em branco e preto", fotografias de Celso Madeira.</p> <p>14 horas: apresentação alunos das oficinas do Mucane: Teatro, Danças Populares, Canto de Matriz Africana, Percussão e Capoeira.</p> <p>15h30: Mostra de Cinema Negro Capixaba</p> <p>Você viu algum negro por aí? de Alex Rosa de Andrade, documentário, 10'</p> <p>Raiz Forte, de Charlene Bicalho, documentário, episódios 1, 2 e 3, 31'</p> <p>Procurando Madalena, de Ricardo Sá, 22'</p> <p>São Benedito que vem de Lisboa com sua bandeira e sua coroa, documentário sobre as bandas de congo.</p> <p>18h30: palestra "RAP na Literatura brasileira", com Prof. Dr. Jorge Nascimento (Ufes).</p> <p>19h30: sarau com Waldo Motta.</p>	
15	2012	Conexões" - Cia Enki de Dança		Espetáculo Dança
16	2012	II Feira Criola Cultura Negra Arte Música Comércio	<p>Atrações: alunos do Cajun, Banda Jahmeyka, apresentação do Circuito Cultural, banda de pagode Olhar de Sedução, banda Curtindo a Vida, Secri – Maculelê, alunos de dança de salão Odomodê, grupo Afro Kizili, Congo da União, Banda 6.0 e Brasil Tambores.</p> <p>Exposição: "De Onde Venho" -</p>	Atrações musicais, dança, exposição e ciclo de palestras

			Ficore, Kika, Patrick Nego, Moska e Iran	
17	2012	Educar para Igualdade Racial - No Território das Culturas		Premiação educadores
18	2012	Ensaio aberto do espetáculo "Contemporaneidade em Dança de Rua"- Cia. Vitória Street Dance	Coordenador do projeto: Felipe Andrade Dançarinos: Izaque Hortêncio, Jairo Hortêncio, Lorena Nascimento, Rachimyr Furtado, Willian Gurioto, Jean Mattos, Jhony Mattos e Cleiton Fernandes. Palestra: Bruno Duarte - Cia. GRN – Grupo de Rua de Niterói (RJ)	Ensaio aberto, palestra
19	2012	Festival Vitória Jovem		Oficinas, exibição de filme
20	2012	Lançamento do livro "Vitória uma cidade melhor para todos 2005 – 2012"	João Coser	lançamento de livro
21	2013	Oficinas de capacitação para os editais de Cultura Negra		Oficina
22	2013	Dia internacional pela eliminação da discriminação racial		evento?
23	2013	Exibição do filme "Sob o mesmo céu"		Exibição de filme
24	2013	Mucane 20 anos - Aula inaugural da Qualificação Profissional Dança Afo Brasileira Cênica		Aula de dança; oficina de dança
25	2013	Espectáculo: Chico Prego; 11ª Semana de Museus - IBRAM		Teatro; Artes Cênicas
26	2013	Quinta cênica	sem informação	Cinema, dança e debates
27	2013	Assembleia Estadual Extraordinária e Eletiva dos Agentes de Pastoral Negros (APNs)	Coordenador do núcleo de APNs de Vitória: Lauren Luciano	Palestras, eleição
28	2013	Oficina de orientação para editais do Ministério da Cultura		Oficina
29	2013	Oficina de Violão com o	Chico Lessa	Oficina

		músico e compositor Chico Lessa		
30	2013	Duelo de MC's Nacional		Competição
31	2013	Comemoração dos 20 anos do Mucane – Aula inaugural do curso de Qualificação em Dança Afro-brasileira Cênica		Aula de dança; oficina de dança
32	2013	Fórum Municipal de Promoção da Igualdade Racial		Fórum
33	2013	Esquetes	Direção: Luciana Soares Alunos/atores Jonathan Wite, Luiz Nascimento, Dani Brasil, Thiago Ramos, Scheila Schulz, Amanda Neves e Thais Gava. Serão encenados trechos das obras "O Médico à Força" (Molière), "Sou Negro, Quero Liberdade" (Thiago Ramos), "Complexidade Feminina" (Luiz Fernando Veríssimo), "A Atri"z (Vera Vianna), "A Ama de Leite" (Scheila) e "O defeito de Família" (França Junior).	Teatro; Artes Cênicas
34	2013	3ª Conferência Municipal de Cultura		Conferência
35	2013	Exibição do Espírito Santo Cineclubes Diversidade com o filme "Morrer como um homem"		Exibição de filme
36	2013	Oficina de Teatro	Professora: Luciana Soares	Oficina; aula
37	2013	Oficina de Danças Populares	Professor: Mauro Marques	Oficina; aula
38	2013	Anima Jovem - Rede Juventude da região de Consolação e Itararé		Encontro
39	2013	Encontro Nacional de Trombonistas		Encontro
40	2013	Workshop "Algum lugar algum", com o artista plástico Julio Tigre	Julio Tigre	Workshop artes visuais
41	2013	Oficinas de Capoeira		Oficina
42	2013	Oficina Percussão		Oficina
43	2013	Oficina Canto de Matriz Africana		Oficina

44	2013	Oficina Violão		Oficina
45	2013	Oficina de Teatro		Oficina
46	2013	Oficina de Teatro de Rua		Oficina
47	2013	Oficina de Cavaquinho		Oficina
48	2013	III Concurso Latino-Americano de Violão Maurício de Oliveira e o VI Seminário Capixaba de Violão		Concurso, seminário
49	2013	IX Educar Para a Igualdade Racial - Uma década da Lei 10.639/03 na Rede Municipal de Vitória: histórias, vivências e possibilidades		Encontro
50	2013	Atividades do projeto Viagem pela Literatura em comemoração ao Dia da Consciência Negra	Bate-papo com a escritora: Neusa Jordam Possati Contadora de histórias: Gab Kruger	Bate-papo
51	2013	III Feira Criola	Expositores: Edson Sagaz, Kleber Gonçalves do Nascimento, Maria da Penha Lúcia da Silva Palestrantes: Cleyde Amorim Oficina: Odomodê	Oficina, exposição e ciclo de palestras
52	2014	Lançamento do livro "Seja um craque sem pedra (A capoeira que dá rasteira nas drogas)"		lançamento de livro
53	2014	Peça teatral "Mesas falam e se movem" - grupo Confraria de Teatro	Escritor: Ricardo Inhan Elenco: Dayane Lopes, Luana Eva, Ludmila Porto e Thiara Pagani Direção: Luiz Fernando Marques Preparação de elenco: Paulo Arcuri	Teatro; Artes Cênicas
54	2014	Oficina de Teatro		Oficina
55	2014	Oficina de Capoeira		Oficina
56	2014	Oficina de Violão		Oficina
57	2014	Oficina de Danças Populares		Oficina
58	2014	Oficina de Cavaquinho		Oficina
59	2014	Oficina de Percussão		Oficina

60	2014	Oficina de Contrabaixo Elétrico		Oficina
61	2014	Roda de Conversa "Africanidades & Transversalidades"		Roda de conversa, oficina, debate, apresentação
62	2014	Exibição de filme - O único senador negro luta pelo estatuto pró-igualdade, um famoso cantor lança uma emissora de TV e uma neta de africanos escravizados defende os direitos de sua terra ancestral.		
63	2014	Seminário, painel e mesa-redonda - Audiência pública "Discriminação Racial e Ações afirmativas no Mercado de Trabalho". Debatedores: Tatiana Dias Silva - Coordenadora Igualdade Racial Ipea - e Mônica Custódio - Secretária Igualdade Racial.		
64	2014	Espectáculo teatral "O defeito de família"	Direção: Luciana Soares - Elenco: Amanda Neves, Fran Sales, Jhonatan Fonseca, Elen Karla Carvalho e Henrique Walkers.	
65	2014	Projeto Gingando nas Praças	Alcebíades Milton Cabral	
66	2014	Afrodiziam: recital poético com Markus Konká	Markus Konká	Recital poético
67	2014	Vitória, patrimônio em cores	Abertura com a superintendente do Iphan no Espírito Santo, Diva Figueiredo, e palestras com a coordenadora de Educação Patrimonial do Iphan em Brasília, Sônia Rampin Florêncio; exposição de trabalhos escolares e apresentações "Iniciação escolar para turismo/Visitas Técnicas" (Semtur), "Projeto Visitar" (Instituto Goia), "Pinte em Vitória: Patrimônio Histórico" e "Arte e Patrimônio" (Seme).	Palestras
68	2014	Seminário Projeto		Seminário

		Cultural Rubem Braga		
69	2014	Intercâmbio Cultural Brasil-Estados Unidos Giramundo	encontro de músicos do grupo Pó de Ser Emoriô, do cantor e compositor André Prando e de mestres das bandas de congo Panela de Barro e Amores da Lua com o grupo americano Clinton Curtis Band.	Exibição de vídeos, bate-papo e apresentação musical
70	2014	1º Cinegro – Mostra de Cinema do Mucane	Idealizador: Chico Aníbal	Exibição de filme; Debate
71	2014	Ciclo de Dramaturgos Baianos	Oficina Aldri Anunciação	Oficina, teatro
72	2014	Noite Cultural Dia da Mulher Negra	Associação de Capoeira Gangazumga: mestres Cabral e Marimbondo, Conexão Flow, Mestre Suely da banda de congo Taquaruçu de Cariacica.	Apresentações dança e musicais
73	2014	Encontro da Nação Hip-Hop Brasil	Shows musicais: Fabiann Ifrikan, Vera Verônica, Nick Sacre, Preta Roots e convidados. DJ's Jota 3ª Visão e Yussef Djisus, e Zoológico Urbano (poket show) com convidados.	Encontro, debates, show e lançamento de livro
74	2014	Sonora Brasil Tambores e Batuques	Grupo Raízes do Bolão, Banda de Congo Mirim da Ilha (Vitória), grupo gaúcho Alabê Oni (RS), grupo Raízes de Tocos (BA), Banda de Congo da Barra do Jucu (mestre Honório), bateria da Unidos da Piedade e Samba de Cacete da Vacaria (PA)	Apresentações
75	2014	Viagem pela Literatura - Curso "Formação de Contadores de Histórias"	Francisco Gregório Filho (contação de histórias) e Cleyton Passos (manipulação de fantoches)	Curso
76	2014	Encontro com o Escritor, com Ilvan Filho	Ilvan Filho Gab Kruger	Encontro
77	2014	oficina de contação de história "Histórias do Folclore Brasileiro", com alunos do Mucane		oficina
78	2014	"Cine Negro" - exibição do filme "A Idade da Terra", de Glauber Rocha e Castro Alves.		Exibição de filme
79	2014	apresentação do Grupo Oz de Teatro, com a comédia "The Clows",		Apresentação

		com direção de Luciana Soares.		
80	2014	3ª "Comenda Maurício de Oliveira",		Premiação
81	2014	VI Encontro Internacional de Trompetistas		Concertos, recitais, oficinas
82	2014	lançamento do Plano Juventude Viva		Ação
83	2014	IV Feira Criola	Núcleo Afro Odomodê	Oficina, exposição e ciclo de palestras
84	2014	Festa de aniversário de 20 anos do Viagem pela Literatura		Oficinas, contação de história
85	2014	Palestra "Culturas e Territorialidades Negras Urbanas"	Palestrante: Maria Estela Ramos	Palestra
86	2014	10º Educar para Igualdade Racial - "Educação, Currículo e Relações Etnicorraciais"		Projetos e mostras culturais
87	2015	Kalunga	Coletivo Emaranhado Ficha Técnica Organização: Coletivo Emaranhado. Elenco: Elaine Vieira, Izabela Azevedo, Léia Rodrigues, Léo de Paula, Maicom Souza, Ricardo Reis, Netinho e Juan Pablo Arias. Audiovisual: Daiana Rocha e Wendel Alexandre. Fotografia: Marcelo Braga Assistente de Produção: Camila Binow e Julia Moraes. Produtor Executivo: Karla Parmagnani. Apoio: Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, Prefeitura Municipal de Vitória – PMV e Reverence Studio de Dança.	Apresentação de Performance
88	2015	Corpo Afro	Coletivo Emaranhado Ficha Técnica: Dori Sant'Ana - Instrutor de Musicalização. Elaine Vieira - Instrutora de Canto Negro. Gracielle Monteiro - Instrutora de Dança dos Orixás. Ivna Messina - Instrutora de	Aula de dança; oficina de dança

			<p>Estudo sobre Performance. Izabela Azevedo - Instrutora de Samba no Pé. Jordan Fernandes - Instrutor de Dança Afro. Julia Moraes - Instrutora de Jazz Afro Dance. Léia Rodrigues - Instrutora de Expressão Teatral Motrizes Negras e Jogos Cênicos. Leo de Paula - Instrutor de Ritmos Afro-brasileiros. Maicom Souza - Elaboração de Projeto, Performance e Dança Popular Negra. Paloma Rigamonte - Instrutora de Jazz Dance. Ricardo Reis - Instrutor de Dança Afro-contemporânea. Thais de Luca - Instrutora de Danças Urbanas Motrizes Negras. Assistente de produção: Camila Binow, Diedra Rovena e Julia Moraes. Fotografo: Marcelo Braga. Músico: Maicon Gomes. Apoio: Ministério da Cultura (MinC), Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo e Prefeitura Municipal de Vitória – PMV.</p>	
89	2015	Oficina de Teatro, dança afro, contemporânea e danças populares, violão, contrabaixo elétrico, percussão/cavaquinho e canto, além de contação de histórias,		Oficinas
90	2015	IV Conferência Municipal da Pessoa Idosa		Conferência
91	2015	Palestra “Negras e Negros: Retrospectiva Histórica nos 350 anos dos Correios”	Palestrante: Camila Alves Sena	Palestra
92	2015	Lançamento do livro "Entre Rosas e Abismos"	Ingrid Garrafa	lançamento de livro
93	2015	Mesa-redonda “A ‘arte de curar’ e ‘a arte de cuidar’ nas religiões de matriz africana”		Mesa redonda
94	2015	Curso Qualificação em Dança Afro Brasileira Cênica		Curso

95	2015	roda de conversa "Mulheres negras"	ministrada pela gerente de Políticas de Promoção de Igualdade Racial da Secretaria Municipal de Cidadania e Direitos Humanos (Semcid), Maria Anita,	Roda de conversa
96	2015	Seminário de Formação Marcha das Mulheres Negras 2015	Organizado pelo Núcleo Impulsor da Marcha das Mulheres Negras,	mesas-redondas e oficinas de valorização da cultura negra
97	2015	seis oficinas: teatro, dança contemporânea moderna, contação de histórias, contra baixo elétrico, dança afro e canto de matriz africana		Oficina
98	2015	1º Encontro Estudantil com Histórias Afro-Brasileiras		contação de histórias para crianças, adultos, música, gastronomia, poesia, debates, oralidades, lúdico, exposição e oficinas
99	2015	Encontro com o Escritor com Fabiano Moraes	Fabiano Moraes	Encontro
100	2015	Sarau Poético "Invenção da Saudade" - Com Grupo Teatral Gota, Pó e Poeira		Sarau
101	2015	Seminário "Nagôs e Bantus: entre deuses e homens"	Ronaldo Barbosa, Fernando Pessoa Aissa Guimarães Mãe Anajte Rodrigo Queiroz	Seminário
102	2015	Primavera do Museus	Marcela Mendonça Elderson de Oxanguiã e Sueli Rafael	Contação de história, colóquio, palestra, inauguração, seminário
103	2015	4ª Comenda Maurício de Oliveira		Premiação
104	2015	Dia de Ler - Seminário "As Tradições Nagô e Bantu e a Intolerância Religiosa no Brasil e no Espírito Santo"	Cleyde Rodrigues Amorim, Milena Xibile Batista e Osvaldo Martins de Oliveira	Seminário
105	2015	Recital Poético Afrodiziam (Com Markus	Marcus Konká	Recital poético

		Konká)		
106	2015	Sarau "Viva Zumbi"		Sarau
107	2015	largada da Corrida "Zumbi dos Palmares"		
108	2015	Contaçon de história com o grupo de contadores de história "Filhos de Griô"		Contaçon de história
109	2015	Projeto Viagem pela Literatura com contaçon de histórias afrobrasileiras		Contaçon de história
110	2015	Recital Poético Afro com a poetisa Suely Bispo	Suely Bispo	Recital poético
111	2015	Palestra com o tema "O negro na história e na memória e o racismo no Brasil e no Espírito Santo"	Heloísa Silva de Carvalho, presidente do Conselho DH/Vitória, coordenadora CEAFFRO/GFDE/SEME e diretora de Educação e Cultura Unegro/ES, e Edson Bonfim, filósofo e escritor	Palestra
112	2015	Recital de Canto Popular da FAMES		Recital de canto
113	2015	Lançamento do livro "Ensaio para a emancipação do negro no Brasil"	Edson Bonfim	Lançamento de livro
114	2015	Oficina "Identidade e Afrontamento" - Priscila Rezende	Priscila Rezende	Oficina
115	2015	Viagem pela Literatura		Contaçon de história
116	2015	espetáculo "O Canto do Coraçõ	Alunos FAMES professores Elaine Rowena Scarpe, Elenisio Rodrigues e Daphine Le Visa.	Show musical
117	2015	Sarau "Mulher e Memória: Uma Alusão aos Cadernos Negros"		Sarau
118	2015	Gabinete Itinerante Região 1		Encontros
119	2016	Semana de Arte Moderna da Juventude Afroameríndia	Odomodê, Emef São Vicente de Paulo, Instituto Gênese	Exposição, mesa redonda
120	2016	exibiçon do documentário "Viva nos		Exibiçon de filme

		Queremos		
121	2016	roda de conversa "Mulher, Arte e Cultura na Luta Contra o Feminicídio		Roda de conversa
122	2016	Encontro da Rede de Leitura Inclusiva do Espírito Santo		Encontro
123	2016	Aniversário de 23 anos do Mucane - com apresentação da Associação de Capoeira Ganga Zumba		Apresentação
124	2016	Mesa de debate "Política, Ética e Reconhecimento"	educador Fraga Ferri	Debate
125	2016	"Colóquio: A introdução do negro na sociedade de classe, o mito da democracia racial, e o movimento negro na contemporaneidade".		Colóquio
126	2016	Plenária Estadual do 5º Congresso Nacional da Unegro "Negros e negras no poder e em defesa da vida".		Plenária
127	2016	I Corpo Afro - Oficina de dança afrobrasileira - Coletivo Emaranhado	Maicom Souza, Jordan Fernandes e Elaine Vieira	Aula de dança; oficina de dança
128	2016	Oficina de Modelagem e Elaboração de Projetos Culturais	Rosa Rasuck	Oficina
129	2016	Encontro com o Escritor – com Sonia Rojas	Sonia Rojas	Encontro
130	2016	Recital de Classe de Cantor Popular	Lajota Alunos Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames) e professor Patrick do Val	Recital de canto
131	2016	Colônia de férias Quilombinho	Organização: Instituto Das Pretas	Brincadeiras, contação de história
132	2016	Seminário "Mulheres Negras e seus Desafios"		Seminário
133	2016	Encontro "Macunaímãs + Raiz Forte"	Charlene Bicalho, Tatiana Rosa, Sônia Rodrigues e Juliana Lisboa	Encontro
134	2016	Oficinas de Capacitação		Oficina

		Editais da Secult 2016		
135	2016	Oficina de percussão – Mucane		Oficina
136	2016	Noite Cultural InnovaCities - intercâmbio cultural entre Brasil e Angola		Abertura,
137	2016	Bate-papo Torções - com Luciano Feijão	Luciano Feijão	Bate-papo
138	2016	Viagem pela Literatura - Contação de histórias	Alzira Bossois, Eugênio Fernandes e Rita Santos	Contação de história
139	2016	Recital de canto “Matizes da Música Pop”	Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) e professor Patrick do Val	Recital de canto
140	2016	Lançamento de livro "Áurea"	Edneia de Moura	Lançamento de livro
141	2016	Mostra Histórias Tribais		Exibição de filme
142	2016	A História é Negra - Com Monique Rocha	Monique Rocha	Show musical
143	2016	Lançamento do livro “Círculo Palmarino: 10 anos de Combate ao Racismo, Oito Anos de Resistência Cultural”		Lançamento de livro
144	2016	Oficina de Figurino	Fátima Lima	Oficina
145	2016	Encenação Negra	Márcio Meirelles	Oficina
146	2016	Encerramento do projeto Viagem pela Literatura em 2016		Contação de história
147	2016	Encerramento das Oficinas do Mucane		Apresentação
148	2016	A História é Negra - Com Monique Rocha	Monique Rocha	Show musical, contação de história
149	2017	Transpotências	Fotografias: Aidê Malanquini Idealização: Aidê Malanquini, Pablo Rocon Curadoria: Luara Monteiro Castiel Vitorino Bate-papo: Michelle Gama, Viviane Corrêa e Vick Pastore, Aidê Malanquini	Exposição fotográfica; oficinas; debates
150	2017	Performe-se fronteiras borradas fronteira	Artistas que realizaram atividades no Mucane: Marcel	Festival de Performance

		erguidas	Diogo; Natan Dias, Giulia Bravo; Tiago Sant'Ana; Suelen Calonga Pessoa; Renata Felinto; Marcel Diogo. Concepção Performe-se: Geovanni Lima e Natalie Mirêdia. Produção e organização: Carla Borba, Geovanni Lima e Natalie Mirêdia. Texto de apresentação, eixo temático e curador convidado: Yiftah Peled.	
151	2017	Colônia de férias Quilombinho	Organização: Instituto Das Pretas	Brincadeiras, contação de história
152	2017	Projeto "A Cápsula" - curso de formação em arte contemporânea	Fernando Velazquez e Lucas Bambozzi (módulo um), Júlia Rebouças (módulo dois), Franz Manatta (módulo três), Rafael Pagatini (módulo quatro), Orlando Maneschy (módulo cinco), Juliana Gontijo (módulo seis), Gisele Ribeiro (módulo sete), Fernanda Lopes (módulo oito).	Curso Artes
153	2017	Il Corpo Afro - Oficina de dança afrobrasileira - Coletivo Emaranhado	Maicom Souza, Ricardo Reis e Jordan Fernandes - dança Léia Rodrigues - teatro, Elaine Vieira - canto Julia Moraes - Jazz Afro	Aula de dança; oficina de dança
154	2017	"Quilomb'arte: vivências e identidades"	Núcleo Afro Odomodê, Rebeca Ribeiro, Timóteo André de Oliveira, Juliana Lima, Patrícia Gomes, Diego Miranda	Debate, oficina
155	2017	Acervo do Território do Samba Capixaba - Diálogos de Carnaval	grupo Raízes da Piedade Vinicius Natal	Debate, lançamento de livro
156	2017	Oficina de Percussão		Oficina
157	2017	Oficina de Cavaquinho;		Oficina
158	2017	Oficina de Danças Populares;		Oficina
159	2017	Oficina de Ritmos Afro Brasileiros;	Léo de Paula	Oficina
160	2017	Curso de Qualificação Profissional em Dança Afro Brasileira Cênica		Oficina

161	2017	Programa "Fala, Jovem: a cidade é nossa "		Roda de Conversa
162	2017	Oficina "Dança´Arte" em homenagem a São Jorge, com Gracielle Monteiro	Gracielle Monteiro	Oficina
163	2017	Lançamento do songbook "Espírito Samba"	Song book organizado pelo maestro Eduardo Lucas Pocket show com Diego Lyra Trio	Lançamento de livro, show
164	2017	oficina "Danças Populares	Maicom Souza	Oficina
165	2017	87ª reunião ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
166	2017	Lançamento dos livros dos "o resto as ondas apagaram", de Juplin Jones, e "Pedaços da Noite", de Janio Silva	Juplin Jones, Janio Silva	Lançamento de livro
167	2017	Aniversário de 24 anos do Mucane - Afro Centrão - I Circuito Afro do Centro Histórico de Vitória		Apresentação, aula, circuito
168	2017	15ª Semana dos Museus - Oficina "Um Caminho de Toda Semana" (Com Lorenzo Cassaro)	Lorenzo Cassaro	Oficina
169	2017	V Encontro da Rede de Leitura Inclusiva - GT Espírito Santo		Encontro, roda de conversa
170	2017	Oficina de montagem "Lendas e Mitos AfroBrasileiros"	Chico Aníbal	Oficina contação de história
171	2017	12º Aniversário do Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo – Vitória/ ES	Ludmilla Almeida: mestra em Educação pela UERJ e coordenadora e fundadora do grupo cultural Balé das Iyabás. Mestra Cristina Nascimento: Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Aruanda - RJ. Mestre Cláudio Nascimento: Criador do Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo no Rio de Janeiro, com núcleo em Vitória. Mestre Militão: Grupo de Capoeira Reza Forte, de Linhares - ES. Oswaldo Martins: Doutor em Antropologia Social e Professor	encontro, debate, bate-papo

			da UFES.	
172	2017	Slam Botocudos	organizado pelo Coletivo Literatura	Slam
173	2017	II Semana Pan-Afrikana em Vitória	Banda de Congo Vira Mundo, Sarau Pan-Afrikano e o lançamento do livro "Manuscritos da Assata Shakur"	Workshop, cursos, show, sarau, lançamento de livro
174	2017	89ª Reunião Ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
175	2017	Lançamento do "10 Conto por Uns Versos"	Carlos Abelhão	Lançamento de livro
176	2017	Afrofuturismo - Sessão de Cinema e Roda de Conversa		Exibição de filme, roda de conversa
177	2017	"Mulheres Negras e as Reformas Trabalhistas"		Homenagem e debate
178	2017	Origraffes - Encontro Nacional de Graffiti - bate-papo Mulheres no Graffiti	Amanda Brommonschenkel, Alecs Power, Gilmar Doggueto e Devis	Bate-papo
179	2017	Lançamento do livro "Elas em Órbita"	coletânea de textos organizada pelas escritoras Isabella Mariano e Juane Vaillant	Lançamento de livro, oficina
180	2017	Comemoração do Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha		Encontro
181	2017	Seminário, Capacitação e Feira de Afroempreendedores Capixaba	Adriana Barbosa	Seminário, capacitação
182	2017	90ª Reunião Ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
183	2017	Encontros de formação sobre editais com o facilitador e produtor cultural Maicom Souza	Maicom Souza	Formação
184	2017	"Family on the Road apresenta Roda de Afetos"		Show, bate-papo
185	2017	Unir Versos Griot	Núcleo Afro Odomodê mestre de cerimônia Brenda Kelves, a escritora Jaiara Dias e	Encontro musical, poesia

			a DJ Zalui.	
186	2017	Roda de conversa Griôs da Dança	Ariane Meirelles	Encontro, roda de conversa
187	2017	"I Seminário Afronta: Compartilhando Saberes e Afetos"	Dança Afro - Gil Mendes Dança Afro - Jordan Fernandes Literatura Negra - Jorge Nascimento Teatro Negro - Markus Konká Musicalidade Negra – Léo de Paula Dança Afro – Giovana Gonzaga Literatura Negra – Ríssiane Queiróz Teatro Negro – Suely Bispo Performance Oxum - com Suely Bispo, Castiel Vitorino e Cia Afronta	Seminário
188	2017	5ª etapa do Circuito Estadual de Contação de Histórias e Narrativas: "O Capixaba da Diversidade"	Grupo Filhos de Griô coordenação e produção de Fábio Pererê, direção artística de Chico Anibal e a participação de Alzira Bossois, Claudia Viúva Negra, Marcia Castro e Valdirene Favalessa, além da participação especial de Teodorico Boa Morte	Contação de História
189	2017	Viagem pela Literatura - Encontro com o Escritor "Fabiano Moraes"	Fabiano Moraes	Encontro
190	2017	11ª Primavera dos Museus	Núcleo Afro Odomodê, Rebeca Ribeiro, Maicom Souza, Deived Leal e Léo de Paula	Oficina, roda de conversa, contação de história
191	2017	Exibição do filme "Nem um Poço a Mais"	cineasta Ricardo Sá organização: Vitor Taveira e outros	Exibição de filme, roda de conversa
192	2017	Colóquio "Escurecendo Olhares na Psicologia"	iniciativa do Conselho Regional de Psicologia (CRP) da 16ª região – ES José Anezio Fernandes do Vale, graduado em Psicologia e militante dos direitos humanos; Mayara Santiago, estudante de Psicologia e criadora do Grupo de Estudos Intelectuais Negras (Geni); e Sônia Rodrigues Penha, psicóloga e psicanalista	Encontro
193	2017	lançamento do livro "Aroldo Rufino de Oliveira: Biografia Memorável do 1º Mestre-	Marcelo Rodrigues	Lançamento de livro, roda de choro

		Sala do Carnaval Capixaba"		
194	2017	Aula Dança Afro - Grupo Negraô	Grupo Negraô Giovana Gonzaga.	Aula
195	2017	Seminário "Movimento Negro Brasileiro: autonomia e relações institucionais"	APNs – ES, Beleza Negra Guarapari, Coletivo Afoxé, Coletivo Feminista Vitória, Coletivo Juvenil, Afro-Talents, Coletivo Palavra Negra, NAFRICAB – UFES, NEABI-IFES, Quilombo Raça e Classe (ES) e UNEGRO – ES	Seminário
196	2017	Semana da Juventude Negra: "Sendo Emprete Sendo	Núcleo Afro Odomodê	Abertura, homenagem, mostra audiovisual e roda de conversa
197	2017	Seminário "Mulher Negra: seu corpo em movimento, das periferias para o mundo"	realização da Secretaria Municipal de Cidadania e Direitos Humanos (Semcid)	Seminário
198	2017	Lançamento do livro "Ensaio sobre Religiosidade, Racismo, Educação e Laicidade"	Edson Bomfim	Lançamento de livro
199	2017	Encerramento do Curso de Formação Música (CFM) em Canto Popular da Faculdade de Música do Espírito Santo	Faculdade de Música do Espírito Santo	Recital de canto
200	2017	Mês da Consciência Negra		Diversas
201	2017	Entrega do Prêmio Bienal São Benedito		premiação
202	2017	"Para Onde Você Está Olhando? Arte, Política e Visibilidade Negras"	Juliano Gomes e Kênia Freitas, e mediação de André Felix.	Roda de Conversa
203	2017	Peça "Um sonho (im)possível?"	Ocupação Social	Teatro; Artes Cênicas
204	2017	93ª Reunião Ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
205	2017	lançamento da Rede Nacional de Ciberativistas em Defesa das Mulheres Negras		Encontro
206	2017	Encontro "Rapman Hip		Encontro

		Hop Relevante"		
207	2017	Afro Soci do ProJovem		Encontro
208	2018	Colônia de férias "Quilombinho"	Instituto Das Pretas	Brincadeiras, contação de história
209	2018	III Corpo Afro- Oficina de dança afrobrasileira - Coletivo Emaranhado		Aula de dança; oficina de dança
210	2018	Oficina de Dança & Contacontos Afro Colombianos	Karol Álvarez e David Cabezas	Oficina
211	2018	Lançamento de CD do grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo (GCAVAM)	Mestre Cláudio Nascimento Exposição de desenhos de Huemerson Leal e de imagens do fotógrafo Douglas Bonella	Lançamento de CD, exposição
212	2018	"Vivências: conversas sobre transmasculinidade"		Conversa, exibição de filme
213	2018	97ª Reunião Ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
214	2018	Oficina de Contação de histórias	Instrutor: Fábio Pereira	Oficina
215	2018	Oficina de Cavaquinho	Instrutor: Deivid Leal	Oficina
216	2018	Oficina de Danças populares	Instrutor: Jordan Fernandes	Oficina
217	2018	Oficina de Percussão	Instrutor: Léo de Paula	Oficina
218	2018	Encontro Ações Afirmativas no Audiovisual Capixaba Com Coletivo Damballa	Coletivo Damballa	Encontro
219	2018	"Introdução ao Áudio e Produção Musical Contemporânea"		Oficina
220	2018	95ª reunião ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
221	2018	Curso de qualificação profissional em dança afro		Curso
222	2018	Lançamento de livro "Aruanda: religiões afrodescendentes em Vitória"	realização de Carlos Antolini e Elizabeth Nader, com prefácio de José Antonio Martinuzzo, texto de Ronaldo Oakes e	Lançamento de livro

			projeto gráfico de Guilherme Campello.	
223	2018	Diálogos de Carnaval – 2ª edição	Organização: Grupo Raízes Bate-papo: Tadeu Campostrini e Ticiellen Macedo	Bate-papo
224	2018	Griôs da Dança - Com exibição do filme "Balé de Pé no Chão: a Dança Afro de Mercedes Baptista"	Ariane Meirelles	Exibição de filme, roda de conversa
225	2018	96ª reunião ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
226	2018	97ª reunião ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
227	2018	Mucane 25 Anos "O Canto da Guerreira" - Com Monique Rocha	Monique Rocha, Cia de Dança Negraô, grupo de capoeira Besouro	Show
228	2018	"Elisas" - 2ª edição	escritoras Isabella Mariano e Juane Vaillant	Oficina literária
229	2018	Plenária Estadual da UNEGRO	Welington Barros, Edson Bonfim, Heloísa Ivone Silva Carvalho	Plenária
230	2018	Mucane 25 Anos - Show Rincon Sapiência	Rincon Sapiência	Show
231	2018	16ª Semana de Museus - Memória e Cidade: relações entre patrimônio e significações de espaço de arte		Oficina
232	2018	Práticas vivenciais: corpo, imagem, memória e cidade	Anielle Paola de Paula Lopes, Rebeca dos Santos Ribeiro	Encontro
233	2018	Espelhos: Identidades e Representatividades, através de Bonecas Artesanais	Jupiara Silva	Oficina
234	2018	Dança afrocontemporânea	Coletivo Emaranhado,	Oficina
235	2018	"Formação do Contador de Histórias - Mediador de Leitura Animada para Infância, Adolescência e Adulto"	Claudete Terezinha da Mata e Fábio Pererê.	Oficina
236	2018	Oficina de Contação de histórias	Instrutor: Fábio Pereira	

237	2018	Oficina de Cavaquinho	Instrutor: Deivid Leal	
238	2018	Oficina de Danças populares	Instrutor: Jordan Fernandes	
239	2018	Oficina de Percussão	Instrutor: Léo de Paula	
240	2018	3º Encontro Capixaba de Contação de Histórias e Narrativas,	Fábio Perere	Contação de história, oficina
241	2018	seminário "Orgulho de ser quem somos: Psicologia que afirmam a libertação dos corpos LGBTs"	Conselho Regional de Psicologia do Espírito Santo (CRP-16), Fórum LGBT do Espírito Santo	Seminário, exibição de filme
242	2018	Encerramento das Oficinas do Mucane		Apresentação
243	2018	Sessão Cineclubista Vivências- Cineclube Teresa de Benguela		Exibição de filme
244	2018	99ª Reunião Ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
245	2018	Capacitação de guias de turismo - Arqueologia e Educação Patrimonial com Iphan		Capacitação
246	2018	Origraffes - Encontro Nacional de Graffiti - 3ª edição	Amanda Brommonschenkel, Fone, Kika, Goma e Gentil, Fernanda Bellumat e Julio César Delpupo	Workshop, palestra
247	2018	5ª edição da Homenagem as Mulheres Negras		Apresentação
248	2018	Mostra de Danças	Cia Negraô (dança afro) Underground Funkrs(break dance) Gladcrew (Cia de danças urbanas) Império Project (grupo k-pop) Pagode Capixaba (pagode)	Apresentação
249	2018	101ª reunião ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
250	2018	100ª Reunião Ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
251	2018	"Manas In The Battle" (Mulheres na Batalha)		Encontro, batalha
252	2018	12ª Primavera dos	Juan Gonçalves e Rebeca	Bate-papo

		Museus - "Se (re)conhecer Florescer" para	Ribeiro	
253	2018	Aulões abertos da Homem Companhia de Dança	Homem Companhia de Dança	Aula de dança; oficina de dança
254	2018	Lançamento do livro "algodão-doce"	organizadoras Isabella Mariano e Juane Vaillant, das assistentes e ex-participantes do projeto Brenda de Almeida e Gislaíne Queiroz (ex-alunas do projeto), e das alunas Allainy Maria, Elaine Santana, Gesiane Santos, Grasielly Cardoso, Hellena de Jesús, Joyce do Nascimento e Yasmim de Martin.	Lançamento de livro, sorteio de livros, sarau e música ao vivo
255	2018	102ª reunião ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
256	2018	Lançamento do livro "Devorações - Descolonizando corpos, desejos e escritas"	organização: Castiel Vitorino Brasileiro	Lançamento de livro
257	2018	Evento do Fórum Estadual de Juventude Negra Tema: "Parem De Nos Matar, a Juventude Negra Quer Viver!"	Crislayne Zeferina, Deise Benedita e Lula Rocha. Mediação: Andreia Quitéria	Debate
258	2018	Encerramento de oficina de percussão em ritmos afrobrasileiros	Emef São Vicente de Paula	Apresentação
259	2018	III Semana da Juventude Negra Emprete Sendo	Núcleo Afro Odomodê	Visita
260	2018	"(Re)encontrando Verônica da Pas" - Apresentação da primeira parte da pesquisa sobre a médica e militante do movimento negro	mediação é de Jaiara Dias	Exibição de filme, roda de conversa
261	2018	Lançamento do livro "UPP: A Redução da Favela a Três Letras", de Marielle Franco		Lançamento de livro
262	2018	104ª reunião ordinária do Conselho de Cultura de Vitória		Reunião
263	2018	Encerramento das		Apresentação

		oficinas culturais do Mucane		
264	2018	"Desaquendendo a História Drag: no Mundo, no Brasil e no Espírito Santo", de Lucas Bragança		Lançamento de livro, apresentação
265	2018	Soci do ProJovem		Diversas
266	2018	Feira Cultural LGBT		Feira
267	2019	Aulões - Companhia Vitória Street Dance	Companhia Vitória Street Dance	Aula de dança; oficina de dança
268	2019	Colônia de férias "Quilombinho"	Instituto Das Pretas	Brincadeiras, contação de história
269	2019	105ª Reunião Ordinária do Conselho de Cultura de Vitória (CMPC)		Reunião
270	2019	V Conferência Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa de Vitória		Conferência
271	2019	Oficina de Contação de histórias	Instrutor: Fábio Pereira	Oficina
272	2019	Oficina de Cavaquinho	Instrutor: Deivid Leal	Oficina
273	2019	Oficina de Danças populares	Instrutor: Jordan Fernandes	Oficina
274	2019	Oficina de Percussão	Instrutor: Léo de Paula	Oficina
275	2019	Oficina de Dança Criativa	Instrutora: Eduarda Rossana	Oficina
276	2019	Oficina de Consciência Corporal	Instrutora: Eduarda Rossana	Oficina
277	2019	#mariELASsim: pelas vidas das Mulheres, por direitos e contra os retrocessos	coletivo 8 de março Unificadas ES	Exposição, pocket show,
278	2019	"Jam de Dance Hall",	NG Coquinho.	Encontro, oficina de dança
279	2019	Cineclube da Diversidade		Exibição de filme
280	2019	Roda de Conversa sobre o novo Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil e Promoção da Saúde	Lucas Seara, Maristela Pereira Guasti, parceria com o Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (Gold)	Roda de conversa
281	2019	V Semana de Cidadania e		Bate-papo

		Manifesto LGBT de Vitória -4 bate-papo "Saúde sexual da mulher lésbica"		
282	2019	Lançamento do Calendário Fordan Mulheres	Debatedoras: Déborah Proveti Nacari (LAPIVIM/ UFES); Rosely Pires (Fordan/UFES); Claudia Murta (Parthos); Leonardo Rapman (Fordan/UFES); Claudia Garcia (NEVID/ MPE); Heloisa Silva Carvalho (Direitos Humanos e Mulheres Negras); Carlos Fabian (Novo Império); Larissy Soares (Novo Império); Eduardo Oliveira (Fonte Viva); Angela Rosa Soares (NEI/ UFES); Aissa Guimarães (NEAB/ UFES); Thais Serafim (Sociedade Brasileira de Psicanálise); e Thais Souto Amorim (Mucane)	Mesa-redonda
283	2019	Trovoa - Inventário de Memórias	Curadoria: Castiel Vitorino, Kika Carvahó e Jaiara Dias.	Mostra
284	2019	2º Encontro de Hip Hop Formação e Cypher	Apoio: Núcleo Afro Odomodê	Encontro, oficina de dança
285	2019	Mesa-redonda e lançamento do livro "Capoeira: Perspectivas Contemporâneas"	organização (livro): mestre Luiz Renato Vieira	Lançamento de livro, mesa-redonda
286	2019	oficina "Elaboração de Projetos Culturais"	Kênia Lyra	Oficina
287	2019	I Atelier de Dança Negra Contemporânea: Corpo Arquivo - Dança e Ancestralidade		Apresentação, mesa-redonda
288	2019	26 anos do Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas" (Mucane) - exposição	Karenn de Amorim e Souza, Jaiara Dias Soares, Daniel Amazonas Dos Santos e Nadine Luiza da Silva Vieira	Exposição, bate-papo
289	2019	Exercícios para Lembrar Exercícios I: Branqueamento ou Ação Repetida de Cuidar	Geovanni Lima	Performance
290	2019	12º Prêmio Bienal São Benedito 2017/2019		Premiação
291	2019	Grupo de Estudos da Obra de Carmélia Maria de Souza		Encontro
292	2019	Prêmio Doggueto		Premiação

293	2019	Show Grupo Awurê -26 anos do Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas" (Mucane)		Show
294	2019	aniversário do Grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo		Comemoração
295	2019	"Diálogo Sobre as Leis 10.639/ 2003 e 11.645/ 2008 (Teoria e Prática no Ensino)" e "Racismo Institucional - Estrutural"	idealização: Luiz Paulo Nunes Jamilda Bento	Debate
296	2019	Roda de Capoeira - Grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo		oficina de dança
297	2019	Oficina de Contação de histórias		Oficina
298	2019	Oficina de Cavaquinho		Oficina
299	2019	Oficina de Danças populares		Oficina
300	2019	Oficina de Capoeira		Oficina
301	2019	Oficina de Violão		Oficina
302	2019	Oficina de Dança Criativa		Oficina
303	2019	Oficina de Consciência Corporal		Oficina
304	2019	Encontro com Guilherme Marcondes	Guilherme Marcondes	Encontro
305	2019	Origraffes - Encontro Nacional de Graffiti	Mediação Amanda Brommonschenkel.	Bate-papo
306	2019	projeto fotográfico Foto Melanina	Iaiá Rocha	Ensaio fotográfico
307	2019	Performance "Ewe N'gbe somodé"	Coletivo Performance Itinerante	Apresentação, performance, espetáculo de dança
308	2019	Curso sobre o edital Rumos 2019-2020 do Itaú Cultural		Curso
309	2019	Oficina de Universo Percussivo Baiano (UPB)	Letieres Leite	Oficina
310	2019	As práticas de contação de história afro nas escolas	Mucane e Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) São Vicente de Paulo	Contação de história

311	2019	Oficina de violão com o professor Jorge Luiz Cardoso dos Santos	Jorge Luiz Cardoso dos Santos	Oficina
312	2019	Ciclo de formação de educadores: estratégias para uma educação antirracista	Tatiana Rosa, Mara Pereira, Rebeca Ribeiro, Ariane Meireles e Sarita Faustino	Encontro, capacitação, palestras
313	2019	Lançamento do livro "Janela da Alma" de Larissa Pinheiro	Larissa Pinheiro	Lançamento de livro
314	2019	Espectáculo "A Sagração da Primavera"	Coreógrafo: Gil Mendes Trilha: Igor Stravinsky Cenografia: Antonio Apolinário Luz: Elidio Netto Produção: Danilo dos Anjos Bailarinos: Diedra Machado, Fernando Queiroz, Gessya Santana, Jordan Fernandes, Matheus Schirffimaan, Roberto Bonfim, Thais Vieira	Espectáculo
315	2019	Palestra "Outubro Rosa e Diversidade de Gênero"	Daniel de Oliveira Pizziolo	Palestra
316	2019	Sarau Poetizando	organizador Carlos Abelhão Rosa Maria Miranda, Pandora Luz e Crislaine Zeferina, Marcéu Rosário Nogueira	Sarau
317	2019	Feira colaborativa afroempreendedora "Nós que somos ÀWA!"	Organizadora: Winy Fabiano	Feira
318	2019	Lançamento do livro "Um corpo para o futuro"	Grupo Foto Melanina	Lançamento de livro
319	2019	Celebração dos 46 anos do Hip Hop no mundo	Coletivo 0800	Apresentação
320	2019	Entrega da Comenda Maurício de Oliveira 2019		Premiação
321	2019	Semana da Juventude Negra - Mostra de Video "O peso da base" e Roda de Conversa	Secretaria de Cidadania, Direitos Humanos e Trabalho (Semcid).	Exibição de filme, roda de conversa
322	2019	Evento "Corpo Negro" - Curso de Qualificação Profissional em Dança Afro Brasileira Cênica	Mauro Marques e dos alunos Bárbara Galvão Silva, Danilo dos Anjos, Denise Araújo Nascimento, Elissangela Gonçalves Ferreira, Gabriela Santos da Silva, Kleidiana Cássia Silva Borges, Léa Almeida Queiroz e Thais Almeida Rodrigues	Espectáculo

323	2019	Lançamento do livro "Encenação do gestus social: personas, personagens e corpus em vida	Autor: Cesar Huapaya Performance: Eliezer de Almeida, Roberto Claudino, Suely Bispo, David Rocha, Amanda Chabudé, Billih Bantu Soluelo e Danilo dos Anjos.	Lançamento de livro, apresentação
324	2019	Encerramento anual das oficinas do Mucane		Apresentação
325	2019	Apresentação de Maracatu dos grupos Arakorin e Maracatu Santa Maria	Arakorin e Maracatu Santa Maria	Apresentação
326	2020	Feira afroempreendedora e atividades de férias da cantina do Mucane	Núcleo Afro Odomodê, Yasmin Ferreira, Feira Afroempreendedora "Nós Que Somos ÀWA!"	Feira
327	2020	Colônia de férias Quilombinho	Instituto Das Pretas	Brincadeiras, contação de história
328	2020	Curso de formação do método de Mercedes Baptista	Instrutor Renato Santos	Curso, oficina
329	2020	Sarau com lançamento de fanzine	Lolo Amorim e Júlia d'Lyra	Sarau
330	2021	Erù-lyá: movimentos antirracistas	Curadoria: Mara Pereira Artistas: Castiel Vitorino; Kika Carvalho; Yhuri Cruz	Exposição; debates
331	2021	O mar que banha a Ilha de Goré	Coletivo Emaranhado Diretor e coreógrafo: Maicom Souza Direção Artística: Ricardo Reis Assistente de Coreografia: Paloma Rigamonte Barbosa Elenco: Ana Beatriz, Diedra Rovená, Elaine Vieira, Julia Fachetti, Léia Rodrigues e Ricardo Reis Assessora jurídica: Érica Ortolan Preparação vocal: Bruna Kethily Preparação teatral: Brunela Negreiros e Mari Eilert Edição e filmagem: Mari Eilert Fotografia: Bernardo Firme Figurino: Coletivo Emaranhado. Hamilton de Paula e Kiusam de Oliveira. Mile Lab. Mari Miranda. Material gráfico, cabelo e maquiagem: Coletivo Emaranhado e Julia Fachetti Elemento cênico: Tambores esperança	Apresentação de Espetáculo de Dança

332	2021	Aulões Samba Coletivo Emaranhado/Maicom Souza	Dança Reggae	Afro com	Coletivo Emaranhado Maicom Souza	Aula de dança; oficina de dança
-----	------	---	--------------	----------	----------------------------------	---------------------------------

Entrevistas/conversas

1. Thaís Souto Amorim

Relação com o museu: coordenadora do museu

Data: 10/2020, 2021 e 2022

Através de quem: pesquisa pro anteprojeto, Karenn

Indicações para posteriores entrevistas: Maicom Souza (professor do Museu/Coletivo Emaranhado), Mauro Marques (professor do Museu), Jordan Fernandes (professor do Museu/CIA Negraô/CIA Ehioze), Elídio Neto (CIA Afro Negraô), Laudeni Martins (CIA Vitória Street Dance), Jadson Afonso (Coletivo Performance Itinerante)

Perguntas: não houve uma sistematização anterior

Anotações sobre as respostas: fala da ausência de um plano museológico e como isso afeta a conservação do museu, comenta em resposta à pergunta sobre a relação da dança com o museu que 80% das atividades museu são dança, indica a leitura do livro de Suely Bispo e Edileuza Penha de Souza, a dissertação de Suellen da Silva Cruz e compartilha arquivos do museu da exposição Nos Caminho Afro, Relatórios de Gestão de 2017-2019 e e-mails para que eu possa fazer contatos com os indicados para entrevista (2020/2021).

2. Karenn Amorim

Relação com o museu: Educadora do museu

Data: 19/03/21

Através de quem: -

Indicação para posteriores entrevistas: Zuilton Ferreira, Juan Gonçalves, Franquilandia Raft

Perguntas: Apresentação. Comente sobre sua experiência no Mucane. Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você? As atividades realizadas pelo educativo se relacionam com o acervo? Como? Como o educativo estabelece relações com os artistas e as exposições? O educativo se relaciona com as oficinas e curso de formação? Se sim, como?

Anotações sobre as respostas: Não houve sistematização textual, apenas em vídeo.

3. Franquilandia Raft

Relação com o museu: educadora 2017-2018

Data: 05/04/21

Através de quem: pesquisa pro anteprojeto, Karenn, Thaís

Indicações para posteriores entrevistas: Juan, Rebeca Ribeiro e Lorenzo Cassaro

Perguntas e Respostas:

Comente sobre sua experiência no Mucane.

Em 2017 participei de um processo seletivo para instrutores de arte-educação na Prefeitura de Vitória e fui contratada como prestadora de serviço terceirizada. Daí fui trabalhar no educativo da Casa Porto das Artes Plásticas, do Museu do Pescador e do Mucane. Trabalhava alternadamente nesses espaços em contato com mediadores culturais (estagiários de artes plásticas ou visuais); artistas e outros profissionais da cultura. Em 2018 voltei a participar do processo seletivo e atuei novamente nos mesmos espaços.

No Mucane era bastante intenso o movimento de pessoas, o espaço sempre recebia muita gente. Gente que não ia só visitar o museu as exposições, mas participar das oficinas de dança e percussão, das palestras no auditório, de atividades culturais na biblioteca e no saguão do museu.

O museu também recebia escolas em uma agenda bem intensa, então os mediadores culturais que trabalhavam comigo e faziam o atendimento ao público precisavam estar sempre atentos, atualizados e prontos para receber esses grupos. As atividades relacionadas às exposições temporárias tinham que ser pensadas para os diversos tipos de público que circulavam no museu. Os mediadores eram bem criativos e proativos, então meu trabalho era mais de acompanhamento, de apoio, até porque eu não ficava neste museu todos os dias, havia outros dois no meu escopo de trabalho. Eu também realizava formações de professores a cada nova exposição.

Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você?

É o único museu dedicado à negritude no ES. Isso é muito importante, embora eu considere que falta muito ainda para o reconhecimento das personalidades negras que lutaram pelo museu e pelos direitos humanos no ES. Ter um museu com o nome de Verônica da Pas é um passo

importante para o reconhecimento do protagonismo das mulheres negras no ES, mas esta será uma caminhada longa e de muita luta para quebrar as barreiras das tradições eurocentristas.

Como foi feita a catalogação?

Não sei se podemos chamar de catalogação porque foi o primeiro passo apenas para organizar o acervo do Mucane. Minha contribuição foi um gesto de interesse e carinho pelo conteúdo do museu. Só levei um pouco da experiência que eu tive na gestão da Galeria Homero Massena para fazer o fichamento das obras com base na coleta de dados (entrevistas com artistas vivos, escuta de funcionários antigos do museu e da prefeitura de Vitória, exame visual detalhado de cada peça, busca por convites e matérias de jornais que registravam as exposições e editais culturais da Prefeitura).

É possível notar algum padrão no acervo?

O acervo do Mucane é bastante heterogêneo, como são todos os acervos de equipamentos culturais no ES. Há desenho, fotografia, peças em cerâmica, escultura, gravura. E o que há em comum entre essa grande variedade de peças é o fato de serem frutos de doação ou contrapartida de exposição ou evento cultural promovido pela Prefeitura de Vitória. Isso é o mais comum nos acervos de espaços públicos.

Quais as dificuldades encontradas neste processo?

O processo reuniu a gerência de equipamentos culturais da PMV; a coordenadora do museu, eu, os estagiários e os artistas que tinham peças no acervo. Todos em um esforço para reunir dados sobre as peças e as exposições ou contextos de procedência das peças. Pode parecer simples, mas reunir dados que estão dispersos, que nunca foram formalmente elaborados requer muita atenção e dedicação para serem de fato, confiáveis. Confrontar pistas documentais e relatos orais foi fundamental para entender o quebra-cabeças que estávamos montando. As pessoas envolvidas neste processo estiveram muito dedicadas à pesquisa até reunirmos os dados que me permitiram fazer o fichamento das obras. Mas isso é o primeiro passo, o que ficou faltando foram recursos para investir em mobiliário expositivo, em material gráfico, enfim, meios para tornar público o acervo e a pesquisa inicial que fizemos sobre ele. Mas isso não é uma questão pontual deste museu ou da PMV. Em todos os equipamentos capixabas que têm acervo, falta investimento para sua salvaguarda e exposição. A reserva técnica está sempre no fim da lista da destinação de recursos financeiros e como as verbas a cultura estão cada vez mais escassas, nunca os diretores e coordenadores de museus tem sua lista de urgências atendidas. Nessa lista de urgências há que se manter o espaço cultural funcionando, ou seja, investir em editais de ocupação, em manutenção predial. Os diretores e coordenadores de museus no ES não são negligentes, sabem que o acervo precisa de atenção, mas o cobertor da cultura é curto e cada vez encolhe mais. Uma pesquisa assim tem potência de gerar outras investigações mais aprofundadas, mas para isso, é preciso tornar público esse acervo.

As atividades realizadas pelo educativo se relacionam com o acervo? Como?

Um acervo de museu tem múltiplas funções e duas são cruciais para mim: o fomento a pesquisa acadêmica e a valorização do artista local. Então a gente trabalhava algumas questões do educativo do Mucane relacionando sua história com as exposições que já aconteceram lá, é uma forma de contar um pouco sobre o museu e gerar diálogo com os grupos de visitantes quando não há exposições do edital de ocupação acontecendo. Em 2018, experimentamos exibir algumas peças e informações sobre elas no saguão do Mucane. O São Benedito com o Menino Jesus, obra de Irineu Ribeiro, era a peça mais visitada e fotografada. Também as fotografias e a pesquisa sobre a quilombola Maria Laurinda Adão foram uma preciosa fonte para o educativo. Confrontar o público estudantil com essas obras e os dados que fazem parte da história do Mucane e da história da negritude capixaba é gerar inquietação e curiosidade. E essa é a função do museu como espaço de educação não formal, instigar, fomentar crítica e questionamento.

Como o educativo estabelece relações com os artistas e as exposições?

Posso falar sobre o que era desenvolvido em 2017 e 2018. A cada nova exposição do Edital de Ocupação havia encontros de formação de professores, momento para apresentar a proposta do artista ou coletivo aos professores interessados em realizar aulas de campo ou visitas mediadas ao museu. As formações de mediadores também eram importantes porque colocavam o estagiário em contato direto com o artista e sua obra, com o conteúdo da exposição. Nem sempre a correria da montagem permitia que isso ocorresse antes do dia da abertura, mas os

estagiários sempre se preparavam previamente acerca da temática e conteúdo para realizar o acolhimento dos grupos durante a exposição.

O educativo se relaciona com as oficinas e curso de formação? Se sim, como?

Um equipamento múltiplo como o Mucane tem diversas linhas de atuação. A música, a dança, as artes visuais, a literatura. Aconteciam aulas, cursos completos, com turmas à noite. Ou seja, a maioria das atividades de formação e oficinas não coincidiam horário com o funcionamento do espaço expositivo do museu. Isso se justifica por se tratar de públicos diferentes. Enquanto o educativo de artes visuais atua prioritariamente nos horários de funcionamento das escolas e instituições sociais para atender a demanda de visitas de grupos de crianças, adolescentes e jovens do ensino regular, as oficinas acolhem público que trabalha durante o dia e por isso eram ofertadas no horário noturno. E por ser um espaço amplo, com auditório, biblioteca e área externa, o museu sempre acolhia demandas importantes de grupos, de outras secretarias da prefeitura e parceiros institucionais. Seria impossível o educativo do Museu atuar em todas essas frentes com tão poucos recursos humanos. A prioridade, no tempo que estive lá, era atendermos as demandas de educativo das exposições temporárias. Daí se o grupo visitante tivesse tempo disponível ou interesse especial por outra atividade do museu, adentrávamos a questão e incluíamos na vivência do grupo algo relacionado. Era bastante comum os mediadores receberem o público na biblioteca, citando alguma obra literária ou mesmo tocar tambor ou pandeiro durante a mediação, instigando a conhecer mais sobre as atividades do Mucane.

4. Laudeni Martins / Lalau Martins

Relação com o museu: CIA Vitória Street Dance - coletivo de dança que ocupa o museu

Data: 08/04/21

Através de quem: Thaís Souto Amorim (ex-coordenadora)

Indicações para posteriores entrevistas: agentes do movimento negro

Perguntas: Apresentação. Qual atividade realiza no museu? Comente sobre ela, por favor! Como você vê a formação em dança oferecida pelo museu? Qual a procura/recepção do público sobre esta oferta de formação? Como entende o impacto dessa ação específica no entorno/frequentedores dessa formação? Como vê a relação do Mucane com a dança? A formação em dança se relaciona com acervo do museu? Como? A formação em dança se relaciona com as exposições? Como? A formação em dança se relaciona com artistas que expõem no museu? Como? Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você? Frequenta as atividades e exposições do museu como público? Com a pandemia, como ficou a atividade que realiza no Mucane?

Anotações sobre as respostas: Não houve sistematização textual, apenas em vídeo.

5. Jordan Fernandes

Relação com o museu: professor do Museu(oficinas) /CIA Negraô/CIA Ehioze

Data: 26/04/2021

Através de quem: Thaís Souto Amorim

Indicações para posteriores entrevistas: Izabel Vidal(artista)

Perguntas: Apresentação. Qual atividade realiza no museu? Comente sobre ela, por favor! Como você vê a formação em dança oferecida pelo museu? Qual a procura/recepção do público sobre esta oferta de formação? Como entende o impacto dessa ação específica no entorno/frequentedores dessa formação? Como vê a relação do Mucane com a dança? A formação em dança se relaciona com acervo do museu? Como? A formação em dança se relaciona com as exposições? Como? A formação em dança se relaciona com artistas que expõem no museu? Como? Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você? Frequenta as atividades e exposições do museu como público? Com a pandemia, como ficou a atividade que realiza no Mucane?

Anotações sobre as respostas: Não houve sistematização textual, apenas em vídeo.

6. Elídio Netto

Relação com o museu: cia afro negraô

Data: 28/04/21

Através de quem: Thaís Souto Amorim

Indicações para posteriores entrevistas: Ariane (negraô), Zuilton (artista), Renato Santos (negraô), Gil Mendes, Suely Bispo, Edileuza Penha de Souza, Walter Lima

Perguntas: Apresentação. Qual atividade realiza no museu? Comente sobre ela, por favor!

Comente sobre sua relação com o museu. Existia uma relação anterior a atividade que realiza agora? Qual é? Como se dá a participação e relação da cia NegraÔ com o Mucane? Como as atividades que ocupavam o museu se relacionavam nesta época? Há mudanças na configuração do museu desta época para os dias atuais? Quais? Poderia comentar como vê a relação do Mucane com a dança? Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você? As oficinas se relacionam com o acervo, exposições e artistas que ocupam o museu? Se sim, como? Se não, por quê? Frequenta as atividades e exposições do museu como público? Com a pandemia, como ficou a relação com o Mucane?

Anotações sobre as respostas: Não houve sistematização textual, apenas em vídeo.

7. Juan Gonçalves e Rebeca Ribeiro

Relação com o museu: antigos educadores

Data: 03/05/2021

Através de quem: Franquilândia Raft, Karenn Amorim

Indicações para posteriores entrevistas: Lorenzo Cassaro

Perguntas: Apresentação. Comente sobre sua experiência no Mucane. Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você? As atividades realizadas pelo educativo se relacionam com o acervo? Como? Como o educativo estabelece relações com os artistas e as exposições? Quais exposições ou atividades foram realizadas no período em que esteve lá? O educativo se relaciona com as oficinas e a qualificação/formação? Se sim, como? Como vê a relação da dança com o museu?

Anotações sobre as respostas: Não houve sistematização textual, apenas em vídeo.

8. Kika Carvalho

Relação com o museu: artista

Data: 28/04/2021, 17/06/2021 - e-mail

Através de quem: catálogo do acervo

Indicações para posteriores entrevistas: não houve

Perguntas e Respostas:

Apresentação

Iniciei minha trajetória no graffiti, sendo a primeira mulher de destaque a pintar os muros de Vitória e uma das responsáveis pela construção da cena local, com trabalhos que podem ser encontrados hoje em diferentes cidades do país. Desde 2016, minha prática artística se materializa em diferentes suportes, técnicas e escalas, com uma pesquisa mais atenta em torno da cor azul, elemento que se apresenta desde a relação com a paisagem da cidade-ilha à fagulha para um olhar mais atento acerca da história da arte, em especial, a prática da pintura.

Comente sobre sua relação com o museu. Quais são as atividades do museu que conhece/frequentou?

Conheci o Mucane por intermédio do Movimento Hip Hop que utilizava o espaço para fazer algumas atividades. Em 2011 fui convidada pelo Fredone para participar de uma pequena exposição coletiva chamada "De onde eu venho" e em 2012 fiz uma pequena ocupação com alguns trabalhos no espaço onde funciona a "copa" do museu. Passei a frequentar mais assiduamente o Museu quando me mudei para o Centro de Vitória em 2014. Desde então tenho frequentado, seja por meio de exposições, eventos, acompanhando pessoas próximas que faziam aulas de dança lá. Até que em 2018 participei enquanto artista na exposição "Malungas" com Castiel Vitorino e Charlene Bicalho, exposição essa que fomos contempladas a partir do edital de exposição do espaço. Em 2019, junto com outros artistas jovens e negros do estado participei da exposição "Gira", bem como ajudei a articular junto com Castiel e Jaia Dias o encontro da movimentação nacional - Trovoa - aqui no ES. Para além dessas ações pontuais também estive presente em várias mesas, seja como convidada a falar ou público. Também fui oficinaira em duas edições do "Quilombinho".

Essa relação é anterior a exposição realizada? Alguma coisa mudou nessa relação depois dessa experiência?

Com certeza! Na época da exposição eu morava há 5 minutos do Museu então tudo que precisa ser resolvido e que precisava de alguma das artistas lá eu costumava ir, de forma que ir até lá fazia parte da minha rotina como ir pra casa, ir pro meu trabalho formal e ir para o museu. E estar como artista do edital te dá acesso a outros espaços que o público geral normalmente não tem acesso, então passei a me sentir ainda mais em casa.

Como vê/visualiza o impacto da exposição/das exposições no museu?

O MUCANE é o único espaço de Vitória (que é uma capital) que se desdobra no meio das artes visuais de forma direta a produção de artistas pretos. Em todos os espaços somos invisibilizados ou quando ocupamos somente sendo minoria nas exposições das outras instituições voltadas pra arte no estado, tanto pública como privada. Então eu creio que o Mucane preenche uma lacuna imensa mesmo com toda dificuldade e ausência de capital/estrutura necessária. É lá que podemos ver verdadeiramente toda potência da arte produzida por pessoal racializadas no nosso estado.

Na sua experiência enquanto artista no museu teve diálogo com as oficinas de dança e a qualificação? Se sim, de que forma? Se não, porque?

Não me recordo de fazer alguma oficina no Mucane. Também não sou da área da dança (muito pelo contrário rs).

Conhece ou se relaciona com o acervo do mucane? Se sim, comente, por favor.

Conheci na época da exposição "Malungas", até pq no edital nós artistas contemplados precisamos doar um trabalho para o acervo. Então acabei conhecendo tanto para ver alguns materiais de auxílio para a montagem como para colocar a minha obra lá. Nesse trânsito pude ver um pouco dos outros trabalhos que se encontram lá.

Como você vê a relação da dança no museu?

Creio que parte significativa do público seja por conta das oficinas ofertadas e uma coisa puxa a outra. As vezes a pessoa vai pra oficina mas não tem costume de visitar exposições, como funciona no mesmo espaço acabam acessando. Acho uma troca interessante. Na nossa abertura por exemplo fizemos feijoada, teve uma galera dançando e cantando. Foi uma noite bem especial.

A pandemia mudou a relação que tem/tinha com o museu?

Encontramos (eu e equipe) no Museu um abrigo para uma atividade que estava prevista pra acontecer no meu atelier. Por conta do covid e prazo de execução , pensei no Mucane como alternativa de espaço para que nós 8 (participantes da Residência Mulheres Urbanas) pudéssemos fazer os nossos encontros lá. Com os devidos cuidados e distanciamento já que o espaço pensando anteriormente era bem menor. Entramos em contato com a Thaís, protocolamos o pedido e pudemos realizar parte das atividades lá. Fora esse momento não estive no museu desde a pandemia pois o mesmo se encontra fechado sem atividades.

Qual a importância do Mucane para a cidade e para o entorno para você?

Só complementando o que respondi lá em cima a cerca das exposições:
Acho que se amplia para as diversas linguagens. O Mucane é uma casa! É um espaço público muito utilizado por diversos grupos. Grupos esses que muitas vezes não tem onde se encontrar. Vejo que parte do público que utilizava o CRJ por exemplo, se encontra lá. Assim como outros que as vezes carecem de lugares com estrutura mínima para encontros como: banheiro, água, auditório, pátio, palco, etc. Tudo que geralmente não é acolhido nos outros espaços seja pelo racismo, pela indiferença ou ignorância o Mucane acolhe.

9. Aissa Afonso Guimarães (conversa)

Data: 08/07/21

Indicações para posteriores entrevistas: Gil Mendes, Paulo Fernandes, Toninho (samba), Irineu Ribeiro, Wellington (ex-coordenador antes de Thaís), Washington dos Anjos (coordenador antes da reforma), Marlene Martins, Osvaldo Martins

Perguntas: Não houve sistematização das perguntas

Anotações sobre a conversa: exposições foram levadas, não havia um trabalho direto com o museu; participação em seminários no museu como participante e palestrante; curadoria de editais realizados no museu.

10. Osvaldo Martins (e-mail)

Data: 20/07/21

Através de quem: Aissa Afonso Guimarães

Indicações para posteriores entrevistas: Suely Bispo, Luiz Henrique Rodrigues (Ex-

conselheiro), Thais Souto Amorim

Anotações sobre a conversa: No contato feito houve uma indicação de pessoas para entrevistar e seus contatos.

11. Ariane Meireles

Data: primeiro contato em 29/08/21 via whatsapp

Através de quem: Elídio Netto

Perguntas e Respostas:

Qual atividade realiza/realizou no museu? Comente sobre ela, por favor!

Dança afro-brasileira. O Mucane pra mim é a tradução para a dança afro-brasileira. Espaço onde a dança afro no cenário da Grande Vitória se firmou, se fortaleceu, se consolidou. A dança afro no Mucane, que iniciou como resistência e movimento de afirmação de identidades, foi a principal atividade que realizei naquele espaço.

Nos anos 1990 ocupei o Mucane junto a muitas outras pessoas ativistas dos movimentos negros da Grande Vitória para oferecer aula livre de dança afro. Integrava o Grupo de Dança Afro NegraÔ e por meio deste grupo ministrava aulas de dança afro aos sábados pela manhã, de modo gratuito, aberto à todas as pessoas interessadas. Pessoas de qualquer idade, todas as identidades de gênero, etnias, religiosas entre outras.

Também neste percurso e iniciando naquela década, fiz aulas de canto, capoeira, música. Participava ativamente de quase todos os eventos culturais que aconteciam no Mucane a partir das ações voluntárias de artistas plásticos, de atrizes e atores, de escritoras e escritores, de capoeiristas e outras.

Em 2014 iniciei junto a algumas pares o grupo de mulheres Griôs da Dança no espaço do Mucane. São mulheres negras maiores de 40 anos (com algumas exceções) que realizam encontros semanais para dançar, reverenciar as ancestrais e contar histórias de si e de outras mulheres. Te enviarei um texto sobre as Griôs da Dança.

Comente sobre sua relação com o museu. Existia uma relação anterior a atividade que realiza agora? Qual é?

Na atualidade participo do Mucane na condição de visitante nas exposições, debates políticos e culturais, apresentações culturais etc.

Também participo do conselho gestor, representando a Secretaria de Educação Municipal.

Como se dá a participação e relação da cia NegraÔ com o Mucane?

Atualmente não integro a Cia Negraô e não me vejo autorizada a responder questões relacionadas aos tempos de hoje. Amo o grupo, mas estou desatualizada.

Como as atividades que ocupavam o museu se relacionavam nesta época?

Não entendi a pergunta

Há mudanças na configuração do museu desta época para os dias atuais? Quais?

Mudanças de configuração em que sentido? Político? Arquitetônico? Cultural? Talvez fosse bacana explicar um pouco mais seu interesse.

Quando fala “desta época” se refere aos anos 1990?

Poderia comentar como vê a relação do Mucane com a dança?

Considero que o Mucane representa a “casa” da dança afro-brasileira em Vitória, ou mesmo na Grande Vitória. Poderia até ousar dizer que o Mucane é a casa da dança afro-brasileira de estado, sem deixar de valorizar as iniciativas de dança afro-brasileira cênica em outras cidades do estado.

Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você?

Escrevi um texto sobre isso e te envio em separado, tá?

As oficinas se relacionam com o acervo, exposições e artistas que ocupam o museu? Se sim, como? Se não, por que?

Quais oficinas? Todas? Acredito que sim. Vejo muita coerência e profissionalismo na atuação da coordenadora Thais Amorim.

Frequenta as atividades e exposições do museu como público?

Sim

Com a pandemia, como ficou a relação com o Mucane?

Particpei de algumas atividades oferecidas remotamente e desde a abertura ainda não consegui visitar o Mucane, até esta data: fim de agosto 2021.

[12:06, 05/08/2021] +55 11 99129-1687: Acabei repetindo as perguntas que mandei pro Elidio, há uns tempos atrás sem a leitura do livro da Suely e Edileuza, mas também quero saber sobre a inserção e relação do movimento negro com o mucane a partir da sua experiência.

No livro tem o resumo desta experiência.

Também te recomendo ler o TCC de Sarita Faustino sobre o NegraÔ. Perguntarei a ela se me autoriza a te oferecer o número de telefone dela. Há importantes informações sobre o Mucane e Negraô neste trabalho.

12. Maicom Souza

Relação com o museu: professor de dança Coletivo Emaranhado (oficinas)/professor da formação

Data: 10/11/2021

Através de quem:

Indicações para posteriores entrevistas:

Perguntas e Respostas:

Qual atividade realizada no museu? Comente sobre ela, por favor!

Sou contratado pelo Mucane como Instrutor de Dança Afro, inicialmente com o propósito de dar aula no curso de Qualificação em Dança Afro-brasileira Cênica, mas dependendo do andamento do curso eu dou aula em oficinas livres do museu, dou aula também em EMEF's da PMV e presto auxílio no que for necessário para o bom funcionamento do Mucane.

Existia uma relação anterior a atividade que realiza agora? Qual é?

Entre no Mucane em 2016 como instrutor de Danças Populares, em seguida sempre fui participando dos editais para instrutor de dança afro e até hoje tenho trabalhado por lá. Antes de dar aulas no museu eu o frequentava para ver as exposições e os eventos que eram promovidos pelo espaço. Além de ensaiar com meu coletivo no espaço.

Como vê a participação de movimentos e coletivos negros no museu?

Além de ser instrutor do Mucane eu tenho um coletivo chamado Coletivo Emaranhado, ele foi fundado em 2013 e o Mucane sempre foi um espaço que nos recebeu para que pudéssemos realizar nossos ensaios e efetivar os nossos projetos. Neste seguimento de movimento social nós temos o Coletivo Emaranhado como espaço para dialogar com a sociedade sobre a arte negro-brasileira, o Mucane foi um lugar fundamental para efetivação de nossa proposta. Estreamos no Mucane vários projetos como o Corpo Afro, que inclusive teve reconhecimento nacional, premiado com o Prêmio Culturas Populares do Minc, estreamos no museu os espetáculos Kalunga, Ser (Tão), O mar que banha a ilha de Goré, e escrevemos um livro que analisa uma obra cênica que foi estruturada para os espaços internos do museu. Vejo a participação do Coletivo Emaranhado como um agente potencializador da história do Mucane para a cultura negra capixaba.

Como vê a relação do Mucane com a dança?

Quando pensamos dança afro no Espírito Santo, o Mucane é um dos poucos espaços culturais que ofertam esta modalidade de forma gratuita e com qualidade. A dança e o Mucane são duas questões que sempre caminharam juntas, desde a sua fundação, provocadas pelos movimentos sociais capixabas, a presença de Renato Santo e Ariane Meireles já previam que aquele espaço também seria um lugar para que a dança pudesse ocupar com a sua arte.

Como vê a relação do museu com as atividades, exposições?

O Mucane carece de uma programação mais efetiva para que a população estabeleça um fluxo de circulação. As exposições eu sinto que são carentes e muito simples, fato que talvez não seja um atrativo para o público.

As oficinas se relacionam com o acervo, exposições e artistas que ocupam o museu? Se sim, como? Se não, por quê?

As oficinas, acervos, exposições e artistas do museu, eu digo internamente, não se comunicam,

quem tem conhecimento sobre o trabalho de cada segmento é apenas a gestão que estabelece um cronograma de atividades, mas quem trabalha no museu não tem conhecimento ou interação com as atividades realizadas e nem informação institucional sobre o teor do conteúdo ofertado por cada instrutor, artista e expositor, as coisas acontecem, mas sem muitos detalhes.

Frequenta as atividades e exposições do museu como público?

Nem sempre. Só quando me sinto atraído.

Qual a importância do Mucane para cidade e entorno para você?

O Mucane é um dos maiores espaços da cultura capixaba para se pensar a população negra e nossa história, sua relevância é indiscutível. Tendo o Mucane como o nosso quilombo, agora precisamos criar estratégias de ampliação de nossa mensagem para a população, seu espaço precisa ser melhor utilizado para que haja grande circulação de pessoas.

Houve mudanças na configuração do museu enquanto esteve dando aulas/oficinas? Quais?

Sempre há mudanças. Durante os anos que trabalho no museu houve a troca de três coordenadores, isso é um fator que muda seriamente toda a gestão do espaço. O curso de Qualificação, à vista de exemplo, ficou anos parado, porque depende muito da força de trabalho do coordenador para que o curso funcione. Agora, em novembro de 2021, o curso de qualificação está há um ano parado e não temos informações certas de quando ele retorna e se retorna. Bom, as configurações do Mucane são literalmente contingenciais e dependem muito da gestão do espaço. Há sim no museu propósitos fixos, como oficinas, exposições e eventos, mas como isso será executado é variável, pois depende da gestão e sua força de trabalho.

Com a pandemia, como ficou a relação com o Mucane?

Dando aulas virtuais e agora em outubro de 2021 retornei dando aula presencial até novembro de 2021.

13. Suely Bispo

Relação com o museu: ex-coordenadora

Data: 09/11/21

Através de quem: Osvaldo Martins, Thaís Souto Amorim, Elídio Netto

Perguntas: Qual o período em que coordenou o museu? Como era o espaço do museu neste período? Quais eram as atividades desenvolvidas pelo museu e no museu enquanto estava na coordenação? Havia alguma atividade majoritária, qual e por quê? As atividades desenvolvidas tinham relação direta entre si? Como eram divulgadas as atividades? Qual a posição do museu no debate da arte/cultura afro-brasileira? Qual a relação com o poder público? O museu estabelecia relação com o IBRAM? Como era a participação de movimentos e coletivos negros? Participou ou ministrou quais atividades no museu? Para você, qual a importância do Mucane para a cidade e para o entorno? A pandemia mudou sua relação com o museu? Como?

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas, apenas em vídeo.

14. Jocelino Junior

Relação com o museu: coordenador desde outubro de 2021

Data: 12/2021

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas.

15. Edileuza Penha de Souza

Relação com o museu: ex-coordenadora

Data: 03/03/2022

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas, o vídeo apresentou um problema no áudio.

16. Zuilton Ferreira

Relação com o museu: ex-coordenador

Data: 30/03/2022

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas, apenas em áudio.

17. Vanda Vieira

Relação com o museu: acompanhamento das obras de restauração, SEPIR PMV gestão Coser e presidenta do MNU

Data: 30/05/2022

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas.

18. Nelma Monteiro

Relação com o museu: SEPIR PMV

Data: 30/05/2022

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas, apenas em áudio.

19. Irineu Ribeiro

Relação com o museu: artista

Data: 31/05/2022

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas, apenas em áudio.

20. Gustavo Forde (conversa)

Indicação: Edileuza Penha de Souza indicou eu entrar em contato com Gustavo Forde para ter acesso à documentos que ela teria enviado para ele sobre o museu

Data: 01/03/2022

Respostas: Envio de 5 documentos digitalizados

21. Renato Santos

Relação com o museu: artista

Data: 25/05/2022

Respostas: Não houve sistematização textual das respostas.

22. Miriam Cardoso (conversa)

Relação com o museu: organização da exposição Personalidades Negras da CONEGRO

Data: 27/05/2022

Respostas: Não houve sistematização textual da conversa

23. Leo de Paula (conversa)

Relação com o museu: aluno do Washington e professor de música do museu

Data: 27/05/2022

Respostas: Não houve sistematização textual da conversa